

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

## GILBERTO FREYRE EM TRÊS TEMPOS

Um estudo da gênese de Casa-Grande & Senzala a partir de  
Tempo Morto & Outros Tempos

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP,  
sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Dimas,  
como requisito para a obtenção do grau de  
Mestre em Literatura Brasileira

SIMONE APARECIDA CAMARGO ADAMI

SÃO PAULO, 2002

RESUMO : Esta dissertação, cujo ponto de partida é o diário escrito por Gilberto Freyre entre 1915 e 1930 e publicado em 1975 com o título de *Tempo morto & outros tempos*, é uma tentativa de analisar o processo de construção de algumas idéias apresentadas pelo autor em sua obra mais conhecida, *Casa-Grande & Senzala*. Tentamos buscar nas experiências pessoais, na infância e juventude do autor, em sua condição social e familiar algumas das razões de suas escolhas de sociólogo e escritor, como, porque e em que circunstâncias escreveu *Casa-Grande & Senzala*. Analisamos, no diário, momentos que consideramos decisivos na vida de Freyre e procuramos estabelecer uma relação entre os acontecimentos e as idéias do escritor.

PALAVRAS-CHAVE: *Casa-grande & Senzala*, Gilberto Freyre, memória, diário, gênese literária.

RESUMÉE: Cette dissertation, dont le point de départ est le journal intime écrit par Gilberto Freyre entre 1915 et 1930 et publié en 1975 sous le titre de *Tempo morto & outros tempos*, est une tentative d'analyser le processus de construction de quelques idées présentées par l'auteur dans son oeuvre plus connue, *Casa-Grande & Senzala*. Nous avons essayé de chercher dans les expériences personnelles, dans l'enfance et jeunesse de l'auteur, dans sa condition sociale et familiale quelques raisons de ses choix de sociologue et d'écrivain, comment, pourquoi et dans quelles circonstances il a écrit *Casa-Grande & Senzala*. Nous avons analysé, dans le journal intime, les moments que nous avons considérés décisifs dans la vie de Freyre et nous avons essayé d'établir un rapport entre les événements et les pensées de l'écrivain.

MOTS-CLÉS: *Casa-grande & Senzala*, Gilberto Freyre, mémoire, journal intime, genèse littéraire.

## ÍNDICE

I.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 4
II.	<b>DA ESTRUTURA DO DIÁRIO</b> .....	p. 18
III.	<b>TEMPO DE TRANSIÇÃO</b> .....	p. 28
	1. Tradição & Decadência.....	p. 29
	2. Saudade & Saudosismo.....	p. 38
	3. Corpo & Espírito.....	p. 48
IV.	<b>TEMPO DE FORMAÇÃO</b> .....	p. 58
	1. De Prodígio a Gênio.....	p. 59
	2. Primeiras Idéias.....	p. 64
	3. O Europeu Visto por um Brasileiro e um Brasileiro Visto pelo Europeu.....	p. 69
	4. Sexualidade & Superstição.....	p.72
V.	<b>TEMPO REENCONTRADO</b> .....	p. 80
	1. Em Busca do Merino Perdido.....	p. 81
	2. Ainda as Mulatas.....	p. 94
VI.	<b>SHERAZADE TROPICAL</b> .....	p. 98
	1. O mais Antitropical dos Chapéus.....	p.101
	2. Uma Escrita dos Sentidos .....	p.106
VII.	<b>UMA CONCLUSÃO</b> .....	p. 115
VIII.	<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	p. 119

## I. INTRODUÇÃO

O culto ao passado é traço comum em culturas diversas. Nos rituais dedicados aos mortos ou nas tradições que orientam os vivos, o passado está sempre presente. Seus domínios são verdadeiros labirintos percorridos pela memória, lacunas que tentamos preencher, histórias que ouvimos e recontamos nunca como da primeira vez, modificadas e subjugadas pelo presente imperativo ao qual estamos condicionados. O mito de Adão e Eva é a tentativa bíblica de satisfazer a busca do homem pelas suas origens e que nada mais é do que a busca pelo próprio passado, a necessidade de compreender o que fomos para aceitar ou modificar o que somos. Mas a razão do fascínio que exerce sobre nós o passado não reside apenas no desejo, por vezes inconsciente, de remontar às próprias origens. É também fruto da própria natureza do passado, matéria findada e irrecuperável que teimamos em reconstruir, em tentar resgatar por meio de documentos, fotografias antigas, relatos de conhecidos. Lembranças que procuramos evocar talvez com o mesmo propósito do machadiano Dom Casmurro: o de atar as duas pontas da vida.

O passado coletivo, documentado, se faz História; o individual se faz memória. Os dois se misturam, se ampliam, se modificam, se reafirmam, se justificam. O passado do homem se confunde com o passado da humanidade. Exigir do historiador cujo objeto de estudo seja um tempo ao qual ele-menino pertence a mais rigorosa fidelidade aos fatos, a imparcialidade de quem não esteve presente, o recuo no tempo despojado de qualquer vínculo afetivo é o mesmo que ordenar à memória que não registre imagens, palavras, impressões. Por maior que seja a distância entre o homem e o menino, entre o historiador e o homem, entre o presente e o passado, é quase natural que sua obra seja permeada por alguns traços de inegável subjetividade. Assim se dá na obra de Gilberto Freyre, antropólogo, sociólogo, historiador, mas, acima de tudo, como ele próprio fazia questão de afirmar, escritor.

Ora, um escritor depende de escolhas conscientes; ele pressupõe a existência de um leitor a quem sua obra se destina, ou seja, ele escolhe para quem vai escrever, talvez antes mesmo de escolher sobre o que vai escrever; escolhe a matéria sobre a qual vai discorrer, escolhe esta palavra e não aquela; aos poucos

vai dominando o próprio estilo, lapidando-o. Escolhe os recursos que farão parte desse estilo, que de certa forma servirão para caracterizá-lo, tirá-lo da vala comum e reservar-lhe uma distinção futura ; escolhe o momento preciso de tornar pública a sua obra, que parte dessa obra virá a público e que parte será devorada por cupins. Escrever é selecionar.

De posse dessa consciência, Freyre fez suas escolhas. Escolheu sobre o que versaria sua grande obra. Durante anos cultivou a idéia de escrever um estudo sociológico da infância no Brasil, idéia cujas origens se encontram na infância do próprio autor :

*“ O brinquedo das crianças é assunto que me atrai. Por quê ? Talvez porque, quando menino, foi na companhia dos meus brinquedos, alguns dos quais eu personalizava, dialogando com eles, que encontrei um dos melhores refúgios para me defender da banalidade da maioria dos adultos. (...) Pretendo escrever alguma coisa sobre brinquedos na minha planejada – mas tão difícil de ser escrita sem vivência brasileira – "História da vida de menino no Brasil". Ou : "A procura de um menino perdido". ”*

(*TM&OT*, p. 76)

Tal projeto não seria adiado senão para que fosse amadurecido e ampliado. Seu interesse pela infância do brasileiro se transformou no interesse pela infância do próprio Brasil, pelas suas origens coloniais, o que resultou em sua obra mais consagrada : *Casa Grande & Senzala*, obra que não esconde o apreço do autor pelas raízes coloniais do país. Mais do que apreço, um certo apego ao passado, um passado que, sendo parte do que o povo brasileiro é hoje, é parte do homem e do escritor que Gilberto Freyre se tornou.

*Casa Grande & Senzala* foi, desde a sua publicação em 1933, o mais polêmico dos livros. Foi severamente criticado, repudiado, por bem pouco não foi condenado ao limbo da História. Apontado por alguns como praticante de uma sociologia menor, que se ocupava de detalhes pitorescos do cotidiano, Freyre surpreendeu ainda pela linguagem e estilo peculiares, pela mescla do erudito ao popular, resvalando por vezes no grosseiro que não se deve dizer e, sobretudo, que não se deve escrever. A esse respeito escreveu Afonso Arinos de Mello Franco: *“A linguagem de Gilberto Freyre deveria ter um pouco mais de dignidade”*<sup>1</sup>. Considerava, então, a linguagem revolucionária de Freyre como sendo pouco

<sup>1</sup> *“Casa-grande & senzala”, O Jornal, Rio de Janeiro, 7/11/1934.*

técnica, pouco científica, enfim, perfeitamente aceitável para a literatura, mas inadequada para um estudo dessa natureza. No plano ideológico, Freyre foi ainda acusado de pregar uma democracia racial que de fato nunca existiu, exaltando supostas qualidades da colonização portuguesa nos Trópicos e suavizando a violência, fosse ela física ou moral, que é própria dos regimes de escravidão.

No extremo oposto, foi festejado, cultuado, consagrado. O primeiro a dar ao negro o seu justo lugar e importância na ordem das coisas. O primeiro a difundir no Brasil os ensinamentos do antropólogo Franz Boas, que Freyre conheceu na Universidade de Columbia e de quem se tornou discípulo, baseados na diferença entre os conceitos de raça e cultura. O primeiro a dar à Sociologia a dimensão literária que faltava.

O que muitos críticos procuram fazer hoje é encontrar um meio-termo, estudar *CG&S* com olhos menos severos, ou menos generosos, olhos lavados com a água límpida da imparcialidade. É um livro que se presta a análises e interpretações das mais diversas naturezas. Entre seus muitos méritos, está o fato de ter sido dos primeiros, senão o primeiro estudo de caráter sociológico voltado essencialmente para as relações entre senhores e escravos, não apenas determinadas pelo trabalho, pelo sistema de exploração escravista, mas sobretudo pela convivência entre a cultura do dominador e a do dominado, uma convivência íntima sob os mais variados aspectos. Pioneiro também por ter trazido para o centro da discussão o interior da casa-grande e a intimidade doméstica do senhor de engenho, ambiente familiar de brancos aristocráticos no qual o escravo estava inserido e ao qual estaria perfeitamente adaptado, como em casa sua. Apesar de o título fazer menção a um conjunto binário de forças contrárias tratadas como complementares por Freyre, *CG&S* pouco se ocupa do que se passava no interior da senzala, pouco trata do escravo do eito e muito do escravo doméstico, quase nada nos diz a respeito da interferência do senhor no espaço destinado aos escravos e muito nos revela da presença do escravo, sobretudo da escrava, no espaço reservado aos senhores. Sua perspectiva é a do senhor de engenho, embora Freyre tenha exaltado em sua própria obra o que ele chamou de *“múltiplo e por vezes simultâneo perspectivismo”*, afirmando que, para escrever *CG&S*, teve de desdobrar sua personalidade e *“procurar sentir-se também, em seus antecedentes e no seu*

*próprio ethos, não só senhoril como serviil*".<sup>2</sup> Sabemos que a relação entre senhor e escravo nunca foi uma relação entre iguais. Tal relação não poderia passar à História como sendo um conjunto de forças harmoniosas de mesma intensidade agindo no mesmo sentido e direção. Citando Jacob Gorender, "o escravo, está claro, sempre figurou no quadro geral, mas explicado por este e não o explicando".<sup>3</sup> Freyre deu ao elemento negro um lugar de destaque até então inédito na formação do povo brasileiro, mas seu ponto de vista nunca deixou de ser o do senhor de engenho, e a História que reconstituiu a História de uma sociedade patriarcal e aristocrática.

CG&S é um livro que se propõe fazer uma reconstituição do passado. Freyre desempenhou quase o ofício de arqueólogo. Escavou esse passado remoto, revolveu a terra, pesquisou documentos, atas, inventários, livros de apontamentos, diários de autores brasileiros e estrangeiros, trabalho de pesquisa e de observação que precisou de anos para ser realizado. Esse processo teria tido início em fins de 1930, quando ao autor ocorreu "a aventura do exílio". É do que tomamos conhecimento no prefácio à primeira edição do livro. Em meio à Revolução de 1930, Freyre, então assessor direto do deposto governador de Pernambuco Estácio Coimbra, viu-se obrigado a deixar sua terra natal, seguindo inicialmente para a Bahia e depois para Portugal. Daí para os Estados Unidos, onde ministrou cursos na Universidade de Stanford. Aproveitou os anos de exílio para longas visitas a bibliotecas e acervos pessoais. Mergulhou não só na leitura, mas também na observação acurada de tudo quanto lhe pudesse servir de matéria para escrever sua grande obra:

*"A todo estudioso da formação patriarcal e da economia escravocrata do Brasil impõe-se o conhecimento do chamado 'deep South'. As mesmas influências de técnica de produção e de trabalho – a monocultura e a escravidão – uniram-se naquela parte inglesa da América como nas Antilhas e em Jamaica, para produzir resultados sociais semelhantes aos que se verificam entre nós. Às vezes tão semelhantes que só varia o acessório: as diferenças de língua, de raça e de forma de religião."*

(CG&S, prefácio à 1ª edição, p. xlv)

<sup>2</sup> Gilberto Freyre, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Brasília, Editora Universitária, 1968, p.117.

<sup>3</sup> Jacob Gorender, *O escravismo colonial*, S. Paulo, Ática, 1992, p.1.

Estaria nesse período de pesquisas e observações, em princípio, a gênese do livro. Um pouco antes do exílio, talvez, já que o próprio Freyre afirma que, estando ele em Washington no ano de 1926 e tendo o privilégio de pesquisar manuscritos e obras raras da Brasileira de Oliveira Lima, já nutria a “*idéia de escrever um trabalho que abrisse novas perspectivas à compreensão e à interpretação do Homem através de uma análise do passado e do ethos da gente brasileira*”.<sup>4</sup> Mas *CG&S* não pode ser considerado apenas resultado de uma pesquisa metódica, sistemática e consciente, realizada num dado período de tempo. É preciso considerar dois fatores decisivos na gênese de uma obra literária desse porte: as influências estéticas, ideológicas e intelectuais e as experiências pessoais, íntimas, que se perdem na origem remota dos tempos, na infância e juventude do autor, ou mais distante ainda, no cabedal das histórias da família, dos antepassados. O psicólogo social Abraham Moles considera que a gênese de uma obra de arte de qualquer natureza envolve basicamente duas etapas, por ele denominadas tempo *de concepção* (*temps de conception*, subdividido em tempos de gestação, documentação e explicitação) e tempo *de enformação* (*temps d’emballage*, subdividido em tempos de redação, edição e socialização). Com base nessa classificação, o crítico Edson Nery da Fonseca procurou percorrer o caminho que teria levado Gilberto Freyre à formulação e à elaboração de *CG&S*.<sup>5</sup> Ele apontou como crucial no período de gestação do livro a influência de duas grandes personalidades no pensamento de Gilberto Freyre: o historiador pernambucano Oliveira Lima e o professor de Antropologia da Universidade de Columbia, Franz Boas.

Freyre conheceu Oliveira Lima quando ainda era aluno do Colégio Americano Gilreath, no Recife. Por iniciativa própria, o jovem Gilberto foi até a casa de Oliveira Lima e apresentou-se como estudante. Foi “recebido magnificamente”, tratado como se fosse “pessoa importante”, conforme o próprio Freyre registrou em diário. Essa recepção, sem dúvida, contribuiu para que a profunda admiração que Freyre nutria pelo historiador se transformasse em uma amizade intelectual da mais alta qualidade. Mas tal relação não se desenvolveria apenas no plano intelectual, também no íntimo e familiar. Por diversas ocasiões, Freyre ouviu do amigo considerações a respeito das agruras do ofício de escritor no Brasil e conselhos que nem sempre seguiu. Durante seus estudos na Universidade de Columbia, Freyre

---

<sup>4</sup> Gilberto Freyre, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, p. 126.

<sup>5</sup> Edson Nery da Fonseca, *Um livro completa meio século, Recife, Massangana, 1985*.

continuou a ser recebido por Oliveira Lima em sua residência em Washington, não mais na condição de estudante apenas, mas de amigo íntimo. Nessas ocasiões, Freyre apreciava pratos preparados pela cozinheira portuguesa Dejanira e desfrutava da companhia de pessoas ilustres e intelectuais do convívio de “Dom Manuel”. O hábito de receber amigos, bem como o de abrir as portas da casa a estudantes para entrevistas ou apenas longas conversas informais, Freyre o adquiriu de Oliveira Lima, e o manteve até o fim da vida em seu Solar de Apipucos. Ocasão houve em que o próprio Freyre teria interferido numa muito particular discussão entre Oliveira Lima e sua esposa, D. Flora, intervenção que teria evitado uma possível e desnecessária separação do casal. Tais fatos revelam o grau de influência que um exerceu sobre o outro ao longo de anos de amizade e admiração mútua. Em 1968, Freyre publicaria com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco um livro reunindo artigos escritos por ele sobre o amigo, intitulado *Oliveira Lima, Dom Quixote Gordo*.

Boas foi influência decisiva no pensamento e na obra de Gilberto Freyre. O professor de Antropologia da Universidade de Columbia derrubou de vez antigas teorias de superioridade de raça, cartilha na qual rezavam até então alguns estudiosos da colonização portuguesa nos Trópicos e de cuja validade Freyre já desconfiava. No prefácio à primeira edição de *CG&S* o autor faz alusão explícita a essa influência:

*“Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Franz Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio.”*

(*CG&S*, prefácio à 1ª edição, pp. Xlvii-xlviii)

Além dessas influências, Edson Nery da Fonseca lista o que ele chamou de “antecedentes remotos” de *CG&S*. Trata-se de três escritos menores em qualidade e em conteúdo, mas nos quais já seria possível encontrar o germe de *CG&S*: o discurso de despedida que Freyre escreveu por ocasião de sua formatura no Colégio

Americano Gilreath, em novembro de 1917, a dissertação de mestrado na Universidade de Colúmbia e o *Livro do Nordeste*.

Do discurso de despedida escrito pelo jovem de dezessete anos, Nery acentuou o “amadurecimento prematuro” e a “necessidade, para melhor compreender-se, de compreender o Brasil”. Indícios de uma preocupação com os rumos que o país vinha tomando e de uma consciência precoce daquilo que viria a ser o seu papel como agente transformador da sociedade. Mas não muito mais que isso.

Foi em tese de mestrado intitulada *Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century* que o assunto da vida de Freyre apareceu pela primeira vez de forma sistematizada e consciente. Segundo o autor, seu interesse pela “época de seus avós e bisavós” teria nascido do simples desejo de “experimentar a alegria de procurar compreendê-la”, ou seja, foi uma tentativa de “compreender o passado da sua própria gente”.

A tese de mestrado em Columbia foi, sem dúvida, uma espécie de preparação para CG&S; nela encontra-se o esboço de idéias que mais tarde seriam desenvolvidas e ampliadas, não apenas em CG&S como em tantos outros ensaios, como reconhece o próprio autor no prefácio à primeira edição do livro em língua portuguesa:

*“Relendo o leitor mais pachorrento, com alguma atenção, trabalho já tão remoto como é o ensaio agora intitulado Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX, talvez concorde com o autor em que em suas páginas se encontra o gérmen de toda uma série de estudos que bem ou mal – provavelmente mal – vieram a ser por ele realizados, dos trinta aos sessenta anos: Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Nordeste, Ingleses no Brasil, Um Engenheiro Francês no Brasil, Ordem e Progresso. (...).*

*Foi assim aquele trabalho do jovem – na verdade, de adolescente – a antecipação de várias das produções em que se empenharia o homem já feito, como se cumprisse um programa por ele próprio traçado nos seus dias de simples universitário.”<sup>6</sup>*

No entanto, o interesse de Freyre pelo assunto que lhe rendeu tanto o primeiro quanto os outros trabalhos mencionados é anterior aos seus estudos fora do país. Motivou-o na elaboração da tese o que ele chamou de “ânimo

---

<sup>6</sup> Gilberto Freyre, *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, Rio de Janeiro, ed. Artenova ; Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977, p.23.

introspectivo”, um desejo de “análise de si mesmo”, de encontrar-se em si mesmo nos seus avós e antepassados. Inspiraram-no os Goncourt, Henry James, Proust, e Walter Pater, autores que leu na juventude, sobretudo o último, através do qual Freyre descobriu a possibilidade de uma “extensão da memória individual em memória familiar e até tribal ou nacional”. Mas antes da manifestação consciente desse desejo, antes da influência desses autores, já existia em Freyre uma inclinação natural, uma como que predisposição (quase uma predestinação) ao estudo do passado familiar que teria nascido do contato com os parentes mais velhos, portadores de experiências anteriores ao seu nascimento e que eram, portanto, provas vivas da existência daquele tempo.

*“A preparação deste ensaio começou, de certo modo, inconscientemente, quando, ainda menino, costumava o autor fazer perguntas à avó materna – Dona Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello – sobre os ‘bons tempos antigos’. Na família, era ela a única pessoa que admitia, então, que os tempos antigos tinham sido bons. Todos os outros pareciam ser ‘futuristas’ ou ‘pós-impressionistas’ de uma ou outra espécie.*

*Ouviu o autor, quando menino, relatos sobre o passado íntimo da sua gente, de outras pessoas, então de idade tão avançada que algumas, embora de todo lúcidas, já falavam com voz tremida e, quando andavam, já arrastavam tristonhamente os pés, como Dona Maria Rabelo de Oliveira. (...) De velhos menos ilustres ouviu o autor na meninice muitas estórias e alguma história – estórias de fadas, de princesas e de bichos e história de gente brasileira. Impossível deixar de referir-se à preta velha Felicidade (Dadade), antiga escrava da família Cunha Teixeira e até ao fim de seus dias afeiçoada aos descendentes dos velhos senhores, há anos mortos; e muito estimada pelos seus ioiozinhos mais novos precisamente pelas suas evocações, uma ou outra vez, amargas – quase sempre saudosas – do passado familiar.”<sup>7</sup>*

Nota-se que ainda menino Freyre já demonstrava sua vocação para bom ouvinte: ouvia sobretudo os mais velhos, testemunhas de um tempo ao qual só se pode chegar por meio de registros escritos ou bons relatos orais. E ouvia os dois lados: os que ocuparam um lugar de destaque na ordem das coisas e os “menos ilustres”, aqueles que, via de regra, costumam ser deixados à margem da História. Não o fazia, evidentemente, com o distanciamento do pesquisador; deliciava-se com os relatos, encantava-se com as estórias, enriquecia seu arquivo pessoal de

---

<sup>7</sup> Idem, tradução do prefácio à edição em língua inglesa, p.13.

memórias com lembranças alheias que se misturavam às suas. Tais relatos produziam nele uma saudade em dois tempos: a saudade de sua infância, das estórias e histórias que ouvia, da negra Felicidade (cujo nome nos deixa uma impressão de despropositada ironia, se considerarmos sua condição de escrava, e nos remete quase que instintivamente à personagem Felicité, do conto “Um coeur simple”, de Gustave Flaubert) e uma saudade que não é sua, mas da qual se apropria, espécie de nostalgia de um passado que ele próprio não conheceu.

O *Livro do Nordeste* surgiu em 1925, por ocasião do centenário do *Diário de Pernambuco* e reuniu, sob a iniciativa e a supervisão de Freyre, então com 25 anos, textos de autoria diversa sobre os mais variados assuntos, que em comum tinham as cores fortes do regionalismo, a necessidade de uma redescoberta e valorização dos costumes e tradições nordestinas, uma como que redenção dessas tradições, vistas até então com um olhar quase estrangeiro filtrado pela produção cultural sulista. Freyre escolheu os colaboradores (dentre os quais o poeta Manuel Bandeira, que contribuiu com o poema “Evocação do Recife”), convenceu-os a participar do projeto e escreveu ele próprio três artigos: “A pintura no Nordeste”, “A cultura da cana no Nordeste” e “Vida social no Nordeste. Aspectos de um século de transição”. Este último é considerado por Edson Nery “*uma espécie de trabalho intermediário entre a dissertação de mestrado e CG&S*”. O crítico cita José Lins do Rego: “*O homem que escreveria depois o Casa-Grande & Senzala já era ele. Todo o poder de interpretar, toda a força de dizer, toda a originalidade de pensar, de conduzir os assuntos, já estavam com ele. O seu estudo sobre o século de vida social no Nordeste tinha o estofado do sociólogo que dez anos depois ergueria o grande monumento de nossa vida.*”<sup>8</sup> Ao coro vem somar-se Antônio Dimas, que reconhece no texto de Freyre a “*súmula de uma carreira futura*”, já que, “*em seus primeiros parágrafos já se pode tatear como o jovem estudante, recém-chegado de suas andanças acadêmicas, esculpe e constrói, estilisticamente, sua oposição entre Passado e Presente*”.<sup>9</sup>

Seriam, segundo Edson Nery da Fonseca, tais influências e tais antecedentes os principais componentes do tempo de concepção de *CG&S*.

A gênese de *CG&S*, no entanto, tem antecedentes mais remotos dos que os apontados. A tese de mestrado apresentada por Freyre à Universidade de Columbia

<sup>8</sup> Edson Nery da Fonseca, *Um livro completa meio século*, p.29.

<sup>9</sup> “Um manifesto guloso”, prefácio à 7a edição de *Manifesto Regionalista*. Recife, Ed. Massangana, 1996.

em 1922, como bem apontou Nery, foi uma espécie de “nota prévia” de CG&S, uma preparação para algo maior, sem dúvida, mas refletiu qualquer coisa que já estava lá, um esboço de uma idéia que necessitava ser depurada. Foi, talvez, o rascunho. A aventura do exílio apenas concedeu a Freyre o tempo de que ele precisava para se dedicar às pesquisas necessárias ao seu empreendimento. Foi a ocasião. O convívio com Oliveira Lima e Franz Boas serviu para dar forma a questões sociais que já inquietavam Freyre em sua juventude. Questões de natureza íntima e pessoal, ligadas à infância do autor, ao seu próprio universo, povoado por sinhazinhas, mucamas, amas negras e histórias de assombrado. Ao escrever CG&S, Freyre realizou o projeto de toda uma vida. E, se esse livro abriu caminho para obras outras, nenhuma delas revela tanto do autor quanto esta sua primeira incursão pelas origens patriarcais da sociedade brasileira. O livro que seria uma sua continuação, *Sobrados & Mocambos*, já não tem do primeiro o mesmo colorido, como costuma acontecer em literatura com as memórias; quanto maior é o recuo no tempo, tanto mais necessário se torna recorrer à imaginação, a fim de preencher as eventuais lacunas do esquecimento.

CG&S é mais do que um livro sobre as origens do Brasil. É um livro sobre as origens do próprio autor. São os seus antepassados que lá estão, de botas de montar a cavalo, no terraço das casas-grandes, dando ordens aos escravos. Segundo Roberto Ventura, Freyre *“resgatou, em CG&S, o estilo de vida opulento dos seus parentes e antepassados, os aristocráticos Freyre com ‘y’ e Mello com dois ‘l’, proprietários de engenhos de açúcar em Pernambuco. Tomou-se, assim, como observou o historiador Ricardo Benzaquen de Araújo, em Guerra e Paz, ‘personagem de si mesmo, como se escrevesse não só um ensaio histórico-sociológico, mas também as suas mais íntimas memórias.”*<sup>10</sup>

Freyre nasceu no Recife, em 1900, pouco mais de uma década depois, portanto, da abolição da escravidão, filho de Alfredo Freyre e Francisca de Mello Freyre, ambos descendentes de famílias de senhores de engenho. Em sua infância, conviveu com vários dos tipos que descreve em CG&S, sinhazinhas, mucamas, pretas que vendiam doces de tabuleiro. Também ele teve, como companheiro de brinquedos, um filho de escravos, a figura do “muleque” a que não raro se refere. Ele foi o menino branco bem-nascido, menino de cidade, a quem não faltaram

---

<sup>10</sup> Roberto Ventura. “A saga da cana-de-açúcar”, *Folha de S. Paulo*, 12/03/2000.

experiências de casa-grande, como banhos de rio e brincadeiras de terreiro. A realidade que descreveu e analisou em CG&S, portanto, não lhe era de todo indiferente ou distante. O livro não foi apenas fruto de uma mente inquieta e preocupada com as origens e os rumos da sociedade brasileira, ou resultado de um longo período de pesquisas, ou de influências intelectuais e estéticas, mas a somatória de todos esses fatores e de influências exercidas pelo meio, pela classe a que Freyre pertencia, pelas experiências pessoais e recordações de infância, pelos relatos dos que viveram, antes dele, “os bons tempos antigos”. A relação do sociólogo com seu objeto não se configura fria nem distante, o tempo por ele estudado não está “inteiramente” morto: permanece vivo na sua própria memória. A natureza dessa relação é escancarada no prefácio à primeira edição do livro:

*“Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o ‘tempo perdido’. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.”*

(CG&S, p.lxv)

Sem se descuidar desse esforço de pesquisa, Freyre entregou-se à sua aventura de sensibilidade, em busca, à sua maneira, do seu próprio tempo perdido. O seu tempo de não-nascido, dos ancestrais ilustres, e o seu tempo de menino.

Infelizmente, as biografias intelectuais de Gilberto Freyre até hoje publicadas dão à infância do autor pouquíssima importância. Fazem referência à tentativa inusitada de fuga do menino Gilberto, talvez primeira tentativa de insurreição e prova de um espírito independente, cujo desfecho foi o seu retorno à casa materna, com saudades; acentuam o fato de que o autor de uma das mais importantes obras já escritas sobre o Brasil foi, até os oito anos, um ignorante das Letras, de que ele se expressava apenas através de desenhos, nos quais o pintor pernambucano Teles Júnior, seu mestre de pintura, já via marcas de um talento precoce. Precocidade em parte responsável pelo tratamento que é dado ao jovem Gilberto Freyre como se este houvesse tido desde sempre a gravidade própria de um grande mestre. Mas, se desde cedo Gilberto aprendeu a ler os clássicos, é verdade que também lia o *Tico-Tico*, primeira revista de histórias em quadrinhos publicada no Brasil. Seu interesse

sociológico por brinquedos começou como o interesse de toda criança pelo seu mundo imaginário ideal, desprovido de caráter sociológico ou filosófico, sem mais intenções, embora o próprio Freyre afirme ter encontrado nos brinquedos espécie de refúgio para se defender da “banalidade da maioria dos adultos”.

É bem verdade que Freyre foi criança peculiar, e o meio (físico, familiar, intelectual) em que viveu até os dezessete anos contribuiu para essa singularidade. Embora tendo aprendido a ler tardiamente, sua curiosidade natural o fazia devorar os livros da biblioteca paterna, que não eram poucos nem inúteis. Aprendeu latim com o pai, inglês com o mestre Mr. Williams e francês com Mme. Meunier, professores particulares dos quais jamais se esqueceria. Como decerto não esqueceu primeiras experiências de infância, adolescência e juventude, algumas das quais registrou em diário. Experiências, em grande parte, de inspiração intelectual, e voltadas para o universo do intelecto. Livros que leu. Lugares que visitou. Pessoas que conheceu. Mas também experiências de natureza íntima, como a primeira relação sexual.

*Tempo morto & outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira juventude* teria sido escrito entre 1915 e 1930, sem o propósito de uma futura publicação. Veio a público em 1975, segundo o autor, “com um mínimo de revisão”, “feito um ou outro acréscimo para esclarecer obscuridades”, mas incompleto: uma parte significativa do diário teria se perdido por obra e graça de cupins. Com o que sobrou, publicou-se um livro que serve para o leitor como uma espécie de atestado da precocidade do autor. Estão ali registradas impressões de um jovem de leitura vária, pronto a disparar críticas sem dó nem piedade a escritores novos ou já consagrados, às vezes com a precipitação comum aos adolescentes, mas quase sempre com a propriedade de um leitor maduro.

É um registro que pode ser lido quase como se fosse um romance de formação. Grande parte do diário é dedicada a viagens, às impressões que Freyre tinha do lugar e das gentes. Freyre deixou o Recife em 1918, seguindo para os Estados Unidos, onde se tornaria bacharel pela Universidade de Baylor, no Texas. Em 1920 troca a provinciana Waco por Nova Iorque, onde prossegue seus estudos na Universidade de Columbia. Em 1922, enquanto São Paulo se prepara para ser o palco do movimento modernista no Brasil, confirmando sua vocação de cidade cosmopolita e voltada para o futuro, Freyre visita Paris, Berlim, Munique, Londres. Apenas em 1923 retorna ao Recife, depois de ter provado durante cinco anos o

gosto do estrangeiro. Ostentava, portanto, não apenas uma invejável formação acadêmica, mas uma experiência de vida bastante larga para os seus vinte e poucos anos. Alguém que não tivesse, durante período considerável de tempo, sido e se sentido estrangeiro não poderia levantar em pátria sua a bandeira do regionalismo. Freyre voltou a sua terra natal saudoso e cheio de expectativas. E, enquanto os modernistas voltavam os olhos para um futuro que na Europa já sofria reavaliações, Freyre voltou os seus para o passado. Em parte por ter experimentado de tudo e comparado o que viu no exterior com a idéia de modernidade que aqui se produzia e se difundia, em parte por estar ansioso por rever o engenho de sua meninice, os parentes mais velhos, os mais próximos e saudosos, tudo enfim que fizesse parte do seu chão cultural, que lhe devolvesse as referências. Em suas tentativas de resgatar e valorizar a cultura regional, Freyre tentou deixar claro que a importância dada ao passado não excluía a preocupação com o futuro e que o regionalismo que pregava não era nenhuma espécie de separatismo disfarçado. De um modo geral, seus contemporâneos entenderam essa proposta. As vozes que contra ela se levantaram foram poucas e sem ressonância.

Em muitos trechos do diário de Freyre já é possível vislumbrar o germe do escritor de CG&S. Seus assuntos, seu começo de estilo, suas escolhas de escritor e pensador já estão de algum modo ali. O passado de que trata no livro que o consagrou, como já dissemos, é um pouco o seu passado, registrado inicialmente na forma de diário. *Tempo morto & outros tempos* talvez seja a chave inicial para a compreensão da gênese de CG&S, anterior, portanto, à tese de mestrado desenvolvida em Columbia e ao *Livro do Nordeste*.

Tais considerações iniciais visam a dar forma ao objeto do presente trabalho, cujo ponto de partida será o diário escrito por Freyre em sua juventude e a linha de chegada a gênese de CG&S. Pretendemos verificar em que medida um já estava dentro do outro, fruta na casca, como diria Dom Casmurro, e como sugere Roberto Ventura: "*A obra ensaística de Freyre tem uma inflexão autobiográfica tão velada quanto a de Nabuco. Muitas das motivações pessoais e sexuais de seu enfoque histórico-social se iluminam com a leitura de suas memórias em Tempo Morto e Outros Tempos*".<sup>11</sup> Dito de um modo mais preciso, nossos objetivos podem ser assim resumidos: a busca das origens remotas de alguns dos conceitos expostos

---

<sup>11</sup> Roberto Ventura, "Casa-Grande e Senzala: ensaio ou autobiografia?" In: *Seminário de Tropicologia: o Brasil e o século XXI: desafios e perspectivas*, 2001, Recife.

em *CG&S*, isto é, daquilo que seria seu primeiro tempo de gestação, na infância e na juventude do autor registradas em diário, e o estudo de traços memorialísticos, em particular, e estilísticos em geral da obra que foi considerada uma revolução no estudo da sociedade patriarcal brasileira. A primeira etapa desse percurso consistirá em analisar a estrutura do diário: faremos uma breve exposição das características gerais deste que é considerado quase um subgênero das memórias, apontaremos algumas das características que particularizam o diário escrito por Freyre e procuraremos analisar a forma como o livro se estrutura em períodos bem delimitados por acontecimentos significativos na vida do autor. Veremos, em seguida, como a gênese de *CG&S* revela-se em cada um desses períodos e vão ganhando forma no corpo do texto, pouco a pouco, algumas das idéias defendidas pelo sociólogo em sua obra máxima, tal como a predileção sexual do brasileiro pela mulata. Ao longo desse trajeto, esperamos tornar mais evidente a relação pessoal do escritor com o seu objeto, seus vínculos afetivos com o tempo que estudou, descreveu, acima de tudo narrou, como um bom contador de histórias, ou seja, pretendemos demonstrar em que medida a memória funcionou como poderoso componente criativo e atuou como mecanismo criador em *CG&S*. Finalizaremos com o esboço de uma análise estilística: acompanharemos, pelos registros de seu diário, o processo de construção consciente do estilo que consagrou Gilberto Freyre.

O presente trabalho é, portanto, um estudo da gênese de *CG&S* a partir de *Tempo Morto & Outros Tempos*. Infelizmente, não foi possível nos aventurar pelos domínios da crítica genética, o que talvez ampliasse nossos caminhos. Faltou-nos o material que tornaria tal feito praticável: os manuscritos de um e de outro livro. Estes, se escaparam à fúria dos cupins, permanecem em poder de quem guarda a respeito o mais absoluto silêncio.

## II. DA ESTRUTURA DO DIÁRIO

No Brasil, o estudo literário do diário é um campo ainda pouco explorado. O diário habita o mesmo domínio da autobiografia e das memórias, com os quais guarda algumas semelhanças e umas outras tantas diferenças. Diários, autobiografias e memórias têm em comum, em primeira instância, o fato de construírem uma narrativa, cujos elementos essenciais, como espaço, tempo e foco narrativo são, por assim dizer, facilmente identificáveis no corpo do texto, ainda que as relações segundo as quais se estruturam nem sempre sejam visíveis à superfície. Não constituem, no entanto, uma narrativa qualquer, mas uma narrativa “do eu”; autor, narrador e protagonista coincidem e se tornam quase que indissociáveis para o leitor, o que Philippe Lejeune chamou de “pacto autobiográfico”. A sua definição de autobiografia nos dá a chave para compreender a principal diferença entre o diário e seus irmãos de gênero. Segundo Lejeune, autobiografia é todo *“récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité”*.<sup>12</sup> Embora tenha sido, tempos depois, revista pelo próprio autor, que considerou ele próprio um equívoco ter iniciado seu estudo sobre o pacto autobiográfico com um enunciado que lhe pareceu deveras dogmático, tal definição é bastante útil, por seu caráter funcional. Memórias, autobiografias e diários são relatos em prosa que remetem à vida de um determinado indivíduo, narrada por ele próprio, obedecida a ordem cronológica dos acontecimentos, o que é procedimento comum na autobiografia, ou de forma fragmentada, como vemos nas memórias e nos diários. As memórias diferem das autobiografias por não tratarem especificamente da história de uma personalidade, ou seja, o discurso memorialístico não está centrado no indivíduo, autor das memórias, em função do relevo que assumem no texto os acontecimentos por ele vivenciados ou testemunhados. O discurso autobiográfico coloca em cena a vida individual. Os acontecimentos funcionam quase que como uma espécie de pano de fundo na trajetória do indivíduo, acompanhada pelo leitor. Tal distinção parece um tanto sutil, talvez um pouco precária, e é, como reconhece Wander Melo Miranda: *“Mesmo se se consideram as memórias como a narrativa do que foi visto ou escutado, feito ou dito, e a autobiografia como o relato do que o*

---

<sup>12</sup> Philippe Lejeune, *Le pacte autobiographique*, Paris, Éditions du Seuil, 1984, p.14.

*indivíduo foi, a distinção entre ambas não se mantém muito nítida.*"<sup>13</sup> A fim de torná-la mais clara, ele emprega os termos "auto-representação" para a autobiografia e "cosmo-representação" para as memórias. No primeiro caso, o indivíduo é o centro da representação, o que naturalmente não ignora nem exclui o fato de que ele interage com outros indivíduos e com diversas realidades externas a si mesmo. No caso da cosmo-representação, o indivíduo não apenas está inserido em um contexto histórico-geográfico com o qual interage, como o foco da narrativa se volta para esse contexto ou para essa interação.

Apesar dessas diferenças de foco, tanto as memórias quanto as autobiografias constituem um "récit rétrospectif", já que o tempo da enunciação não coincide com o tempo do evento enunciado. É preciso, portanto, recuperar o passado para poder transformá-lo em narrativa. Esse refazer o tempo é trabalho da memória.

A memória, como a escrita, é seletiva. Mas no caso da memória tal seleção independe da nossa vontade. Não está em nós decidir quais fatos serão retidos pelo cérebro e quais serão por ele esquecidos. A lembrança se nos apresenta de forma fragmentária e desordenada, ainda quando somos nós a buscá-la e não ela que nos vem, involuntária e torrencial. A escrita é o meio pelo qual se reconstrói o fragmentado e se organiza o desordenado, ou, empregando termos do universo laciano, é um meio pelo qual o imaginário transforma-se em simbólico. É preciso considerar dois aspectos fundamentais desse processo para melhor compreendê-lo.

Em primeiro lugar, recordar um acontecimento antigo consiste em fazer uma releitura de um evento que presenciamos ou do qual participamos de acordo com ferramentas culturais adquiridas ao longo do tempo. Entre passado e presente há um espaço preenchido pela totalidade de experiências vividas pelo indivíduo. A esse respeito diz Ecléa Bosi: *"Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho."*<sup>14</sup> O exercício evocativo, portanto, não é um fenômeno que nos transporta ao passado, mas, ao contrário, que traz imagens desse passado até o presente. Não somos nós os intrusos do passado, é ele que se mete entre nós, entre nosso corpo físico e nosso tempo e espaço atuais. "A

<sup>13</sup> Wander Melo Miranda, *Corpos Escritos*, S. Paulo, Edusp, 1992, p.36.

<sup>14</sup> Ecléa Bosi, *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1994, p.55.

*lembrança*”, prossegue Ecléa, “é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor”. Toda lembrança é uma interpretação do vivido, uma representação mental do objeto, ela não é nem pode ser o próprio objeto presentificado.

Além disso, narração é exercício de criatividade. Mesmo o narrador pouco experiente tem ao menos a intuição da existência de mecanismos e expedientes para prender a atenção do leitor. O bom memorialista é antes um bom narrador: ele valoriza sua própria história, acrescentando cores e detalhes ao ocorrido. Em parte, porque a sua perspectiva em relação ao fato narrado foi alterada pelo tempo e pela experiência, mas também porque tem a consciência de que a crueza do fato não satisfaz a nossa necessidade de narrativa.

O diário, por sua vez, é um registro do tempo enquanto ele ainda se *faz* presente, não apenas na memória, mas na própria carne; isso não significa que o diário seja uma “escrita do presente”, já que não há uma simultaneidade entre o evento enunciado e a enunciação. Tal simultaneidade só se verifica quando o sujeito do discurso é o discurso ele mesmo, ou seja, quando este se torna autoreferente. Em uma frase como “neste momento estou escrevendo em meu diário” podemos constatar que há uma simultaneidade entre o tempo do evento enunciado e o tempo da enunciação. Longe do construto metalingüístico, dificilmente ocorre essa simultaneidade. Como bem observa Jean Rousset, o diário deve ser considerado como “*rétrospection de faible portée, écart minimum, mais écart entre le discours et le narré*”.<sup>15</sup> Ele difere, portanto, das autobiografias e das memórias em função do menor grau de afastamento entre presente da narração e passado da narrativa. Devido a esse menor afastamento, o diário não exige do autor um recuo no tempo e uma incursão pelos espaços lacunares da lembrança. Dessa forma, permite que os acontecimentos sejam registrados com maior precisão, já que não há um grande distanciamento temporal entre o que foi e o que é, ou seja, a passagem do tempo ainda não apagou da lembrança o fato recente, o que tornaria possível descrever os

---

<sup>15</sup> Jean Rousset, “Le journal intime, texte sans destinataire ?”, in *Poétique*, n.56, nov. de 1983, p. 435.

eventos tais quais ocorreram. No entanto, o diário também é uma narração, e, como tal, não se limita a descrever os fatos, mas também a *impressão* que o narrador tem dos fatos. Nisso não é tão diferente da autobiografia ou das memórias. O que acontece é que nestes o autor dispõe de um certo tempo para reavaliar os acontecimentos, filtrá-los de acordo com a experiência adquirida ao longo dos anos que decorreram entre fato e relato. Mais do que com a impressão pura e simples de um determinado acontecimento, o memorialista trabalha com a *imaginação*, à qual recorre a fim de completar espaços vazios, possíveis lapsos da memória, ou, simplesmente, para imprimir um significado maior ao fato por ele vivido. E, quando o faz, pressupõe a existência de um leitor ao qual deve surpreender pelo inusitado, comover pelo terno, convencer pelo verossímil, enfim, ligar-se pelo pacto autobiográfico.

Em princípio, o diário foge completamente ao padrão literário, já que é escrito para *não ser lido*, o que Rousset chamou de texto sem destinatário. Um discurso fechado em si mesmo cuja recepção é sempre o ponto de partida: o autor passa a acumular, além da função de narrador e protagonista, a de seu próprio e único leitor. Nada impede que o conteúdo do diário venha a ser compartilhado, cabendo ao autor decidir com quem e quando, ou que parte será lida. É bastante comum um diário ser publicado após a morte do autor, ou ainda em vida. Mas, em sua gênese, o diário é um registro íntimo.

Todo memorialista é movido por uma necessidade quase visceral de falar de si mesmo e guiado pela convicção de que sua vida vale bem um capítulo, se não um livro inteiro de memórias. No memorialismo, Pedro Nava encontrou a chave que lhe abrisse as portas da distinção literária; Joaquim Nabuco, um caminho para expressar e justificar suas idéias abolicionistas. Há, portanto, uma espécie de motivação externa a conduzir o escritor de memórias. As motivações iniciais do escritor do diário são bem outras. Se, em princípio, ele não escreve para um outro, mas para si mesmo, se tem a consciência de que escreve um texto sem destinatário, é a escrita em si que deve constituir para ele uma fonte momentânea de alívio ou satisfação pessoal. Talvez isso explique o fato de que muitos diários, alguns de reconhecido valor histórico ou literário, tenham sido escritos em circunstâncias adversas, como é o caso do *Diário de Anne Frank*, a garota judia que viveu parte de sua curta vida escondida com sua família em um refúgio do terror nazista, que ainda hoje é alvo de polêmicas e controvérsias no que diz respeito à sua autenticidade. Do mesmo

período histórico é o diário escrito por Sartre quando servia o exército na Alsácia, em 1939. Parte desse diário foi publicada em 1983 sob o título de *Carnets de la drôle de guerre*.

Mas o diário não é somente uma fonte de alívio ou uma válvula de escape a que se recorre em momentos extremos como uma guerra. Se assim fosse, o número de pessoas no mundo todo que se entregam a esse exercício solitário não seria tão significativo; segundo estatísticas publicadas pela revista *La faute à Rousseau* em fevereiro de 1999, 8% da população francesa de mais de quinze anos (cerca de 3 milhões de pessoas) escrevem ou já escreveram um diário, embora saibamos que um número reduzidíssimo chega a alcançar o *status* de literatura, o que tampouco vem ao caso, já que não estamos (ao menos por enquanto) discutindo o valor literário do registro, e o diário, em tese, é um discurso fechado em si mesmo e não tem pretensões literárias. Os números nos mostram que não é necessária uma guerra externa real para despertar, em nós, o impulso de fazer anotações diárias de nosso cotidiano; basta um conflito interior de pequenas proporções ou o simples desejo de reter, de algum modo, o tempo que nos escoa pelos dedos.

Gérard Genette, em suas reflexões sobre o texto “*Délibération*”, de Roland Barthes, publicado em 1979 na revista *Tel quel*, aponta ainda uma outra função do diário, talvez mais óbvia e mais imediata, a de “*aide-mémoire*”; ele funcionaria como uma espécie de “*supplément de mémoire, le fait de noter chaque soir l'événement de la journée le fixant non seulement sur le papier, mais dans le souvenir*”.<sup>16</sup> O diário torna-se a “prova de existência” de um determinado tempo e de um determinado “eu”. Genette compara o esquecimento a uma espécie de miopia que se corrige à força do uso de óculos, ou, no caso, recorrendo-se à escrita do diário. Este, se não é escrito para ser lido, é, no entanto, escrito para ser *relido*, ou seja, o passado registrado em diário é um espaço que pode ser revisitado, de tempos em tempos, pelo próprio autor. A esse respeito nos diz Jean Rousset: “*La relecture des feuillets intimes n'est pas accidentelle, elle est le propre d'un narcissisme présumé qui se fait un miroir de son texte; s'écrire, se relire sont ici des opérations complémentaires*.”<sup>17</sup>

O diário pode ser, portanto, atestado da existência remota <sup>do</sup> um tempo que por algum motivo se quer preservar ao alcance da memória; mas ele desempenha ainda um outro papel, em circunstâncias específicas: serve para registrar as impressões

<sup>16</sup> Gérard Genette, “Le journal, l'antijournal”, in *Poétique*, n.47, set/1981, p.320.

<sup>17</sup> Jean Rousset, “Le journal intime, texte sans destinataire?”, in *Poétique*, n.56, nov/1983, p. 438.

do viajante em terra estrangeira; nesse caso, é o estranhamento produzido pelo contato com algo novo, com uma cultura diferente o que conduz a escrita. Uma parte significativa do diário de Freyre pode ser incluída nessa categoria, já que o período compreendido entre 1918 e 1923 é quase que inteiramente um relato de sua vivência no exterior, primeiro nos Estados Unidos e depois na Europa. Por ser um relato de experiências e conhecimentos adquiridos pelo indivíduo quando ausente do seu próprio chão cultural, em contato com o novo, o diário de viagem em si já consiste uma espécie de registro da sua formação, o que se intensifica quando o viajante é pouco mais que um menino recém-saído de seu país para estudar no exterior, em um período de grandes transformações mundiais.

No prefácio a *Tempo morto & outros tempos*, publicado em 1975, Freyre afirma que o diário agora transformado em livro teria lhe servido como uma “*espécie de substituto de um confessor Católico ou de um psicanalista profissional de quem o autor se socorresse em benefício de sua saúde de espírito, exposta, em período de transição tão aguda – ante-Guerra e pós-Grande Guerra – a tantos riscos*”. A imagem do psicanalista, que se tornou quase uma alternativa ao confessor católico na moderna sociedade capitalista, não poderia ser mais adequada: o diário é um exercício de autoconhecimento. Mas também um mecanismo de desabafo, daí a outra imagem escolhida por Freyre, a do confessor. E confessar é admitir, não sem um certo pudor, aquilo que somos. Mas o leitor do diário de Freyre não se depara com simples confissões de pecadilhos de juventude ou carolices de velho precoce. *Tempo morto & outros tempos* é, como já dissemos, um atestado da precocidade literária do autor. O leitor minimamente experiente sabe que está diante de algo maior, de um diário que parece ter sido escrito para ser lido, de um “discurso literariamente intencionado”, expressão usada por Wander Melo Miranda na abordagem do discurso autobiográfico. Tão literariamente intencionado que parece não apenas pressupor a existência de um leitor como desejá-la, ainda que numa projeção futura. O fato de alguns nomes de pessoas e personalidades citadas pelo autor terem sido substituídos por suas iniciais já é um indício de que o discurso não restaria para sempre fechado em si mesmo, tendo como emissor e receptor a mesma e única pessoa.

Freyre sempre reconheceu nos diários, bem como nas memórias e nas autobiografias, uma fonte inesgotável de informações sociológicas. “*É material ótimo*”, dizia ele, “*para a análise e interpretação do caráter de um povo ou da*

*fisionomia de uma época, através da personalidade ou simplesmente da pessoa que, ora pelo excesso de extroversão, ora pelo gosto de introspecção revela aspectos interessantes ou traços profundamente íntimos do seu tempo ou da sua gente. E não apenas de sua própria e restrita intimidade individual*<sup>18</sup>. O seu próprio diário, no entanto, embora também constitua bom material para uma reflexão em torno de um ou outro acontecimento histórico ou cultural, nos oferece, acima de tudo, o próprio autor: um “eu” centrado em si mesmo, em suas próprias idéias e impressões, preocupado com o que viria a ser o seu estilo, empenhado em preparar sua grande obra. Tomando de empréstimo o conceito de caráter adjetivo dos gêneros, de Anatol Rosenfeld<sup>19</sup>, poderíamos dizer que o diário de Freyre é mais autobiográfico que memorialístico, ou seja, é uma narrativa que focaliza mais o indivíduo do que os acontecimentos narrados.

A estrutura do diário é relativamente simples. É procedimento comum nos diários a indicação do dia, mês, ano e, em alguns casos, até da hora do registro. *Em Tempo morto & outros tempos* não há datas precisas. As anotações foram separadas de acordo com o ano em que teriam sido escritas. Apenas as anotações referentes a 1915 e 1916 constituem um único “capítulo”, talvez por serem poucas e espaçadas. O livro obedece à ordem cronológica dos registros. Desconsideremos essa divisão, que ao que parece é apenas formal, e façamos uma outra, em três partes ou períodos: o período que vai de 1915 a 1917, em que Freyre se encontra ainda no Recife; o período que abrange o ano de 1918 ao início de 1923, dedicado aos estudos acadêmicos e às viagens do autor; e, finalmente, o período de 1923 até 1930, marcado pelo retorno ao Recife e pelos primeiros dias de exílio em Lisboa.

Embora à primeira vista possa parecer, os critérios para essa nova divisão não são apenas espaço-temporais, o que, tanto quanto à divisão de acordo com o ano das anotações, seria coerente, mas meramente funcional. O que tentamos ver aqui é uma lógica que oriente o discurso em períodos delimitados não só pelo tempo e pelo espaço, mas pelas experiências vividas. A primeira delimitação corresponde a um período de transição: Freyre está deixando o colégio e se prepara para embarcar numa viagem de estudos aos Estados Unidos, a exemplo de seu irmão Ulisses. O leitor é apresentado a uma alma jovem, porém já fragmentada e marcada por

<sup>18</sup> Gilberto Freyre, “Diários e memórias”, in *Pessoas, coisas & animais*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1980, p.195.

<sup>19</sup> Anatol Rosenfeld, “A teoria dos gêneros”, in *O teatro épico*, S. Paulo, Perspectiva, 1985.

aparentes (só aparentes) contradições, tendência, aliás, que se confirmou ao longo de toda a vida do escritor. Gilberto ainda brinca com “bugigangas que em geral não têm graça para meninos de quatorze anos”; ao mesmo tempo, sente crescer seu interesse pelas Letras e pela Filosofia: lê Camões, Tolstói, Eça, Nietzsche, Comte. Preocupa-se com os supostos “perigos” da masturbação, mas também com o “problema do homem em relação com Deus”. Vê na mãe uma bela mulher de porte aristocrático, e no pai, embora não o diga com todas as letras, pouco mais do que um medíocre, de quem os filhos podem se orgulhar por ser simplesmente “um homem de bem”. Não encontra seu lugar entre os de sua idade nem se sente totalmente à vontade com os mais velhos. Se é estranho um menino de catorze anos nutrir pelos seus brinquedos um já “arcaico amor”, muito mais estranho é que ele leia Nietzsche. Em meio a tudo isso, desponta em Freyre uma certa nostalgia do passado que também não é própria de pessoa tão jovem. O rapazote atento a tudo, leitor e crítico do que lê, preocupado com o futuro, com aquilo que chamou seu “destino” e sua “missão” é o mesmo que chora ao ouvir “*o canto popular, em português errado, mas estranhamente saudoso e triste da lapinha a caminho da queima*”. Mais tarde, Freyre viria a elaborar a sua definição de tempo tríplice, um tempo que nunca é inteira e somente presente, passado ou futuro, mas a somatória dos três, ou, por outra, a coexistência dos três tempos num único e mesmo tempo.

1918 é o ano da ruptura, não apenas com laços familiares: Freyre se afasta a um só tempo dos pais, da própria infância, do seu quintal e do seu país. Várias perdas numa única partida. Embarca para os Estados Unidos, onde teriam início seus estudos na Universidade de Baylor, no Texas. Torna-se correspondente do Diário de Pernambuco, para o qual envia crônicas da “outra América”, o que resultou em livro composto por dois volumes intitulado *Tempo de Aprendiz*, publicado em 1979. Conhece Joseph Armstrong, professor de Literatura inglesa e comparada, de quem recebe elogios e incentivo para que invista em carreira de escritor, em língua inglesa; conhece William Butler Yeats, Vachel Lindsay e Amy Lowell; passa a se interessar por questões ligadas ao regionalismo e se deixa seduzir pela poesia Imagista; em 1920, já na Universidade de Columbia, tem como mestre Franz Boas, ao mesmo tempo em que intensifica seu convívio com Oliveira Lima, que morava então em Washington, as duas grandes influências no seu pensamento e na sua obra.

Esse período, que se estende até meados de 1923, é caracterizado pela descoberta de um mundo de conhecimentos a serem adquiridos não apenas pela leitura, mas também pelo contato com pessoas e culturas diferentes. Freyre excursiona pela Europa, onde assiste a conferências, visita museus e catedrais, freqüenta cafés. Período de aguda observação e reflexão profunda, de aprendizado e formação; tempo de gestação de uma idéia que anos mais tarde se concretizaria em livro, a idéia inicial de escrever uma “história da vida de menino no Brasil”, que foi o ponto de partida para *CG&S*.

O último período, de 1923 a 1930, tem início com seu retomo ao Recife. Esse reencontro de Freyre com suas origens não se dá sem algum estranhamento, de ambas as partes: Freyre é outro e lhe parece outro o Recife, porque visto por ele de outro modo. Narciso que não se reconhece no espelho, sente-se repellido e tratado como um “estrangeirado”. Em meio a alguma desconfiança e hostilidade alheias, reencontra velhos amigos e revê São Severino do Ramo, o engenho de sua meninice, ao mesmo tempo em que mergulha na leitura de Proust, que iniciara na França, “à sombra do seu mundo” e chega ao que chamou de sua “fase intensa de proustianização”. Estreitam-se os laços de amizade com José Lins do Rego, sólida amizade intelectual alimentada, em grande parte, pela admiração que este sentia por Freyre. Em 1925, assume a direção do *Diário de Pernambuco* e prepara a edição de comemoração do centenário do jornal. Mais adaptado ao Recife que encontrou adulto, Freyre leva uma vida de camaradagem e de festa; freqüenta prostíbulos e terreiros, convive com pessoas ilustres e gente simples, janta com o Barão de Suassuna e almoça com o Babalorixá Adão. Em 1926, aproxima-se da política, assumindo o cargo de chefe de gabinete de Estácio Coimbra, ao lado do qual permanecerá mesmo depois de eclodida a Revolução de 1930, num dos momentos mais críticos de sua vida, em que se vê obrigado a fugir para a Bahia e depois a exilar-se em Portugal. A última anotação do diário teria sido escrita em Lisboa, onde Freyre dividiu um quarto com o deposto governador, companheiros de exílio e penúria.

Sintomaticamente, o diário de Freyre termina no mesmo tom que começou: um tom saudoso, nostálgico, sentimental, com a citação da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Esse tom, embora não seja predominante no livro, é recorrente e exprime não apenas um estado de espírito, mas uma característica própria de Freyre: o apego ao passado, às origens, às tradições.

Esse breve resumo dos fatos não tem outro intuito que o de traçar, em linhas gerais, o caminho percorrido por Freyre em seus anos de aprendizado dentro e fora do Brasil. Veremos agora mais detalhadamente de que modo, em cada um desses períodos, as idéias que orientaram o autor na elaboração de *CG&S* foram se corporificando, ganhando contornos mais definidos.

### III. TEMPO DE TRANSIÇÃO

## 1. Tradição & Decadência

*“Gosto de saber, na minha hora de bom ou mau, na de digno ou indigno, nobre ou ignóbil, bravo ou covarde, veraz ou mentiroso, audaz ou fugitivo, circunspecto ou leviano, puro ou imundo, arrogante ou humilde, saudável ou doente – quem sou eu. Quem é que está na minha mão, na minha cara, no meu coração, no meu gesto, na minha palavra, quem é que me envulta e grita estou aqui de novo, meu filho ! meu neto ! você não me conheceu logo porque eu estive escondido cem, duzentos, trezentos anos. A vaca da epígrafe...”*

*(Pedro Nava, Baú de Ossos)*

Em 15 de março de 1900, quando nasceu na cidade do Recife o menino Gilberto de Mello Freyre, já estava consolidada a independência política do Brasil, abolida a escravidão, e iniciada a decadência do que ele viria a chamar, trinta anos mais tarde, de *“sociedade agrária, escravocrata e híbrida”*. Seus pais, Alfredo Freyre e Francisca de Mello Freyre, eram ambos descendentes de famílias tradicionais de senhores de engenho. Vamireh Chacon assim sintetiza a linhagem de Gilberto Freyre: *“Gilberto Freyre, Gilberto de Mello Freyre, também era Cavalcanti, Albuquerque e Wanderley de velhas estirpes pernambucanas, por consangüinidades ou colateralidades ancestrais.”*<sup>20</sup> Ora, ser Cavalcanti, Albuquerque e Wanderley em Pernambuco significava então, como ainda significa, alguma coisa. Significava não ser filho, neto ou bisneto de *qualquer*. Significava estar preso à cadeia da tradição. Pedro Nava, em seu primeiro livro de memórias, nos lembra de que *“não é possível vender um cavalo de corridas ou um cachorro de raça sem suas genealogias autenticadas”*. Então, *“por que é que havemos de nos passar, uns aos outros, sem avós, sem ascendentes, sem comprovantes?”* Naturalmente, genealogias são ocupação de quem tem antepassados ilustres, e estão ligadas não apenas à busca pelas próprias origens, mas à certeza de origens nobres. É no passado que está a glória dos dias, enquanto o presente pode apontar para uma franca decadência.

Ora, Gilberto Freyre já nasceu Mello com dois *ll* e Freyre com *y*, assunto, aliás, que lhe rendeu um artigo de jornal (*“Afinal, o nome de uma pessoa –*

<sup>20</sup> Vamireh Chacon, *Gilberto Freyre : uma biografia intelectual*, Recife, Ed. Massangana, 1993, p. 27.

*sobretudo o de família – merece ser respeitado.*”<sup>21</sup> . Se a sua família já não era das mais opulentas e abastadas, continuava a ser uma das mais tradicionais e respeitadas do Recife. O apego de Freyre às tradições e às próprias origens, ou seja, ao seu próprio passado, revela-se nos livros de memórias que por insistência particular sua foram publicados : *O velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti e Dos 8 aos 80 e tantos* ; o primeiro, originalmente um livro de assentos de seu tio-avô Félix Cavalcanti de Albuquerque Mello ; o segundo, as memórias de seu pai, Alfredo Freyre. Ambos com prefácio e notas de Gilberto Freyre, uma informação aqui, um dado colhido em cartório ali, a completar eventuais lacunas deixadas pelos autores. Interesse pelo que havia de íntimo e peculiar na vida dos engenhos, pelo que acontecia no interior das famílias, nos cantos mais secretos da casa-grande, pelo dia-a-dia dos senhores, pela educação das moças, pelos afazeres e não-fazeres das senhoras, pelo trato dos escravos sem dúvida foi uma das razões para que houvesse um dedo de Freyre nessas publicações. Mas também um certo apreço não disfarçado pela sua própria estirpe, que fica claro pelo seu gosto por genealogias, pelas descrições minuciosas que faz de um seu tio Wanderley, de um seu primo Cavalcanti.

Os Cavalcanti e os Wanderley são famílias tradicionais de antiga linhagem, os primeiros tendo por antepassado mais remoto um fidalgo florentino de nome Filipe Cavalcante, enquanto os segundos teriam tido sua origem em Gaspar van der Lei, fidalgo de confiança do conde Maurício de Nassau. Em CG&S, Freyre faz menção a essas tradicionais famílias pernambucanas e aponta características que teriam sido transmitidas, ou que teriam se preservado de geração a geração, aludindo inclusive a um dito popular corrente em Pernambuco: *“Não há Wanderley que não beba, Albuquerque que não minta, Cavalcanti que não deva”*. Dos Wanderley Freyre diz ainda que mantiveram intacta sua *“relativa pureza nórdica”*, mas *“menos por preconceitos de raça do que pelos sociais, de família”*. Os casamentos eram, via de regra, consangüíneos, devido a uma tendência à endogamia cuja finalidade talvez fosse a manutenção dos bens numa mesma família. Hábito que se manteve mesmo na decadência. Segundo Freyre, muitos dos filhos e netos de famílias ilustres de Pernambuco viviam a arrastar-se por *“mesquinhos empregos públicos”* ou eram ainda *“donos de enghocas miseráveis”*, conservando, no entanto, o ar fidalgo dos

---

<sup>21</sup> Gilberto Freyre, “Um assunto Pessoal: Freyre com Y”, no jornal *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 nov. 1961.

tempos da opulência anterior à abolição da escravidão e casando-se com primas, às vezes tão decadentes quanto eles. Mas reza a crença que os Wanderley tinham um certo apreço por “mulheres de cor”. A descrição que Freyre faz em seu diário de seu tio-avô Manuel da Rocha Wanderley condiz com as características por ele enumeradas em CG&S:

*“Em Palmares, P. P. me apresentou meu Tio-Avô Manuel da Rocha Wanderley. Wanderley decadente. É carcereiro de Palmares, função que desempenha como se fosse Ministro de Estado. Entretanto, esse decadente numas coisas, noutras não, é um nórdico lapougiano. Louríssimo, vermelho, alto, magro, ainda esbelto. Um nórdico que nos dá a idéia de sobre ele o trópico não ter tido nenhuma ação amolecedora. Seu porte é altivo. Seus modos são fidalgos. Sua voz é que é fanhosa, arrastada, lenta, preguiçosa, como aliás a da minha Tia Feliciano. A voz dos Wanderley. A voz dos Wanderley, como que preguiçosa. Seus gestos são também lentos. Seu andar é o de um militar à paisana. Como bom Wanderley é amigado com uma preta. Não constituiu família. Gosta de cavalos. Monta bem a cavalo. Também gosta de passarinho e de galo de briga. Toma seus tragos mas não é beberrão: a sina – a dipsomania – de não poucos Wanderleys. ‘Não há Wanderley que não beba’, diz o folclore.”*

(TM&OT, pp.158-159)

*“Vem nos visitar meu tio-avô Wanderley: o velho Neco. Tipo de fidalgo arruinado. Muito vermelho, muito louro, muito alto, muito nórdico como vários dos Wanderley do grupo mais endogâmico da família e porventura mais fiéis aos antepassados germânicos: Wanderley, Lins, Holanda. Voz arrastada: outro característico dos Wanderley. Andar senhoril mesmo na desgraça. Dizem-me que sempre amigado com mulheres de cor. Não casou. Do irmão, Sô, se diz que nu da cintura para cima nos dias de calor conservava-se sempre de botas de montar a cavalo. Mesmo porque, gordo – ao contrário de Neco – não andava a pé senão dentro de casa: o mais era a cavalo. Ia meio nu, porém de botas de cavaleiro, defecar nas bananeiras.”*

(Idem, p.162)

Estudando os hábitos dos antigos senhores de engenho do Nordeste em CG&S, Freyre estava recompondo um retrato de sua própria família, resgatando suas origens mais remotas, descobrindo quem estava no seu gesto, na sua palavra, na sua hora de bom ou mau. A história dos Wanderley, dos Cavalcanti, dos

Albuquerque mistura-se à história de Pernambuco, do Brasil colonial, e é a sua própria história, que esteve escondida por cem, duzentos anos. Quando sua tia e madrinha Arminda (*“uma mulher muito sinhá: gorda e bonita, conforme o gosto da época”*) resolve queimar seus retratos antigos de moça, Freyre sente-se de certa forma atingido: *“Fiquei indignado com ela: aquilo não se fazia. Aqueles retratos não pertenciam só ao seu tempo: pertenciam também a mim e ao meu tempo, dentro de uma tradição de família que devia continuar”*, diz em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* em 12 de janeiro de 1969. Mas Freyre surpreende na tristeza amarga do gesto a razão desse ritual: confrontados o passado opulento, ornado de jóias, e o presente simplório e decadente, não resta saída senão desfazer-se de qualquer vestígio do primeiro. A história de dona Arminda, contada por Freyre em seu diário, é apenas mais uma entre outras tantas que mostram a difícil tarefa que é, em meios tradicionais e abastados, enfrentar a decadência e a pobreza.

*“Venho encontrar em decadência meus Tios Tomás e Arminda. Eu que a vi tantas vezes coberta de jóias, de rubis e de esmeraldas como se fosse uma princesa hindu, vejo-a agora uma ruína de mulher. Meu Tio T., outra ruína. Ele que foi de uma das famílias mais opulentas desta parte do Brasil é hoje um simples resto de homem. Até toma morfina ou cocaína: não sei bem o quê. Faz pena vê-lo andar a pé ou à espera do bonde: sem automóvel nem carro à sua disposição, como nos dias do seu esplendor. Carro com lanternas de prata e cocheiro com cartola. (...)”*

*Tio T. entretanto é um desses homens fortes que não se lastimam nunca. Tia A. é outra criatura que não se lamenta: parece nem sequer saber lamentar-se. No íntimo, porém, muito lhes deve doer a decadência em que se encontram.”*

(*TM&OT*, p.136)

A aristocracia decadente do açúcar é composta quase toda por ex-senhores e ex-sinhás que lutam para manter os velhos hábitos de fidalgos. “Fidalgo arruinado mas fidalgo”, como diz Freyre. Observam, com pesar, o sinal dos tempos. Dona Arminda viu com amargor suas preciosas jóias fugirem-lhe uma a uma ao pescoço e aos dedos, dedos gordos de sinhá; viu sua governanta alemã tornar-se rica e importante senhora, casada com o dono de uma fábrica de tecidos que transformou nas hoje nacionalmente conhecidas *Casas Pernambucanas*. Talvez tenha vivido para ver o marido acabar “todo de uma mulata”, como relata Freyre.

Mas pobreza e decadência nem sempre vêm juntas, caso de seu tio-avô Félix Cavalcanti, que *“mesmo pobre era nobre”* e que *“teve a seu favor o fato de ser Cavalcanti autêntico”, “sem mácula na sua nobreza pernambucana”*, como afirma Freyre na introdução à segunda edição d’ *O Velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti*. Freyre não chegou a conhecê-lo a não ser pelas histórias que ouvia em família. “Papai-outro”, como era chamado pelos familiares, era um modesto empregado da Santa Casa e chegou ao Recife por força do empobrecimento de sua família de origem rural e nobre. Sua avó vendera em 1830 o engenho Jundiá em função de dificuldades financeiras, indo morar em engenhos menores. Era monarquista dos mais fervorosos.

Os parentes próximos ou distantes de Freyre, para resumir esse preâmbulo genealógico, eram todos aristocráticos senhores de engenho, alguns dos mais decadentes. Mas todos traziam a marca dos Cavalcanti, dos Albuquerque, dos Wanderley, dos Mello, dos Freyre. Seu avô paterno, Alfredo Freyre, foi dono de três engenhos, Trombeta, Ilhetas e Mascatinho, e comissário de açúcar no Recife. Homem que se fez praticamente por si: seu pai, José Álvares da Silva Freyre, bisavô de Gilberto, foi assassinado à entrada do engenho Palmeira em 1835, “por ter desassombradamente feito justiça a uns pobres, contrariando ricos então poderosos”, segundo conta Gilberto Freyre. Era “dados a boas leituras”, Camões, Almeida Garret e Alexandre Herculano; tocava violino e colecionava o *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Também monarquista. Também homem de vontade própria.

*“Em Palmares, mostrando-me o Engenho Trombetas, que foi de meu Avô Alfredo, P.P. me confirmou o que eu já ouvira de meu Pai: o velho Alfredo não foi barão porque não quis. O Barão de Santo André, seu amigo, quis muito que ele aceitasse o título. Alfredo recusou. O pai de P.S. foi também dos que recusaram o título de barão. Esquisitice de Alfredo, meu Avô, que, segundo meu Pai, era, além de monarquista, escravocrata. Por que não barão? Talvez influência de Herculano.”*

(TM&OT, p.158)

O gesto de recusa, interpretado por Freyre como “esquisitice” do avô, talvez fosse antes uma demonstração de firmeza e independência de vontade, características das quais os Freyre, avô, pai e neto, sempre se orgulharam. Talvez

Freyre não tivesse ainda a intenção de repetir o gesto, mas, ao longo de toda a sua vida de escritor consagrado, se não recusou títulos, recusou vários convites para lecionar em Universidades no Brasil e no exterior, como seu pai, em âmbito mais modesto, recusou convites para lecionar no Rio e em São Paulo.

Outras características unem Freyre ao pai e ao avô: traços de personalidade, a mesma precocidade literária. Tanto Alfredo Freyre (pai) quanto Gilberto Freyre se orgulhavam de nunca terem sido bajuladores e de nunca terem dependido de favores de político ou gente importante (*“Deu com os pés em cargos e vantagens. Nunca se aquietou em burguês acomodaticio nem em filisteu interesseiro”*, escreve Freyre sobre o pai); ambos foram considerados alunos adiantados e incumbidos de ensinar os mais atrasados; ambos tiveram uma infância dividida entre o engenho (Alfredo Freyre no engenho Mangueira, da família de sua mãe, dona Maria Raymunda Rocha Wanderley, e Gilberto, no engenho São Severino do Ramo, de sua avó materna) e a cidade; até na escrita de um e de outro surpreendem-se às vezes os mesmos recursos, como o da repetição, pelo qual um e outro pedem desculpas.

Alfredo Freyre foi aluno aplicado e disciplinado, que passava mais tempo em casa do que na rua, em companhia de outros meninos. Procurava corresponder às expectativas do pai, só não conseguiu aprender a tocar violino. Em suas memórias, registrou a influência do pai em sua formação: *“Talvez possa hoje dizer que dois terços de minhas experiências são calcados em experiências alheias principalmente nas de meu Pai”*. Define-se como um prolongamento do pai.

Gilberto Freyre quis evitar essa armadilha; não via no pai um exemplo a ser seguido. Admirava as qualidades que faziam dele um “homem de bem”: honestidade, bondade, correção. Mas não lhe atribuía brilhantismo de espécie alguma. Esforçava-se por superá-lo: nas leituras, na escrita, nas idéias e atitudes:

*“O português que meu Pai escreve é correto e até elegante: elegante pela concisão e pela limpeza da frase. O meu talvez tenha mais movimento, mais flexibilidade e mais plasticidade. Talvez por eu saber desenhar e ele não.”*

(TM&OT, p.18)

*“Meu pai não é medíocre. Alguma inteligência, alguma cultura, bom conhecimento do Latim e excelente Português: das línguas e das literaturas. Tudo nele, no seu saber como na sua conduta, é correto. Eu detesto o excesso de correção, o que não significa detestar o equilíbrio nos modos e nas atitudes das pessoas. Nem detestar meu Pai, que é correto sem excesso de corretismo.*

*Nele o que não há é imaginação. Nem sensibilidade à beleza da natureza e das criações da arte. Sou de uma família inteira de gente de pouca imaginação. Mãe, neste particular, um tanto acima da média, embora não muito acima. Avós, neste particular, medíocres. Bisavós, antepassados, colaterais, todos medíocres, embora homens e mulheres de caráter: alguns dos homens, bravos. Heróis da Guerra do Paraguai, até. Eu próprio escaparei à mediocridade tribal para me portar como herói em alguma guerra ou revolução?”*

(Idem, p. 19)

Freyre inicia o relato de suas impressões sobre o pai com uma negação. Dizer que o pai não é medíocre não chega a ser elogio; ao contrário, é uma introdução para a enumeração dos seus pontos fracos: imaginação limitada e insensibilidade artística, próprias, para ele, de um homem que não sabe desenhar. Limitações que Freyre estende a todo o ramo familiar: antepassados, todos medíocres. As qualidades paternas são neutralizadas pelo indefinido: *alguma* inteligência, *alguma* cultura. *Alguns* dos homens são bravos, mas todos, irremediavelmente, medíocres. É a essa mediocridade que Freyre deseja fugir, distanciando-se do seu modelo mais próximo, a figura paterna.

Apesar disso, acabou copiando o pai em muitas das suas atitudes, dentre elas o fato de ter dispensado as solenidades da formatura: não se apresentou à colação de grau na Universidade de Baylor, exatamente como fez Alfredo Freyre, quando obteve o grau de Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, afirmando que não quis fazer parte do “grupo que tira retrato”. Mas seus esforços por se

diferenciar do pai não foram em vão: ele pôde, na velhice de Alfredo Freyre, dizer dele que *“passou de um menino estudioso, bem-comportado, precoce, desde muito novo predileto e auxiliar do Pai – um menino quase modelo – a homem mediano e por certo, sem grande talento, nem como jurista nem como professor, que lhe permitisse brilhar sem esforço”*.<sup>22</sup> Palavras duras que ficaram registradas na introdução que Freyre fez para o livro de memórias do pai e que só poderiam ter sido ditas por alguém que conseguiu ir além de simples promessa de infância e tornar-se escritor consagrado. Freyre fez com essas palavras o mesmo que as amas negras: tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, suavizando-as e deixando para o pai essas outras, de triste consolo: *“porém sempre correto, honesto, escrupuloso dentro da honrada quase pobreza em que chegou à velhice.”*

Em oposição ao desprezo intelectual que Freyre desenvolveu pelo pai está a profunda admiração que sentia pela figura materna, sobretudo em função de sua beleza aristocrática e seus modos reservados. Sua discreta existência ao lado do marido e dos filhos era para Freyre exemplo de comportamento de esposa e mãe. *“Não concebo Mãe mais Mãe do que ela”*, dizia Freyre. Mas também fazia restrições às qualidades maternas:

*“Minha Mãe pode não ser hoje para mim o que foi quando eu era criança. Ainda a considero uma mulher bonita e de um porte aristocrático. Mulher que nunca vi de chinelos nem descuidada no traje. Mas meus olhos críticos de hoje, ao compará-la com outras mulheres, encontram defeitos no seu físico. No seu nariz, por exemplo, que é aquilino - e portanto nobre - mas não esteticamente helênico.*

*Comparada em qualidades com outras mulheres e outras senhoras - o que encontro nela é uma evidente modéstia contraditoriamente ligada ao seu aspecto nobre - sua superioridade é inegável. Sabe ser boa, fazer o bem, ajudar gente pobre, sem tomar ares de caridosa profissional.*

*Não concebo Mãe mais Mãe do que ela. Completa de modo ideal com sua temura o esposo às vezes seco: um seco de inglês que não quer parecer o sentimental que é muito no íntimo.”*

(TM&OT, p. 7)

---

<sup>22</sup> Alfredo Freyre, *Dos 8 aos 80 e tantos*, introdução de Gilberto Freyre, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970, p.41.

*“Não; já não acho a minha Mãe a moça supremamente bela que achava quando era menino. Continuo a achá-la bonita e a amá-la supremamente. Mas sabendo que senhoras como Dona A.B., por exemplo, são mais bonitas do que ela. (...)”*

*Também meu Pai não o considero o mesmo que considerava, porém um tanto menor. Mas inteligente. Um humanista. E como homem, um exemplo de dignidade e de altivez. Não creio que me compreende. Mas é um Pai de quem os filhos podem se orgulhar como homem de bem.”*

(Idem, p.12)

A descrição que Freyre faz da mãe também começa com uma negação, à semelhança da descrição que faz do pai. Aliás, as duas descrições são carregadas de palavras de sentido negativo ou restritivo, recurso amplamente utilizado por Freyre: *não, nunca, nem, sem, mas, embora, inegável*. Ora, negar é afirmar: um signo se coloca em oposição a outro, como afirmavam as teorias do lingüista Ferdinand de Saussure. Freyre não diz que seu pai é brilhante, mas que ele *não é medíocre*, o que equivale a dizer que ele não chega a ser medíocre, mas beira a mediocridade. Já sua mãe é uma bela e aristocrática mulher, mas não é mais aos olhos do filho superior em beleza a outras senhoras igualmente belas e aristocráticas. O que a difere em grau das outras é a sua personalidade, o seu caráter: ela *sabe* ser boa. A bondade deixa de ser uma qualidade natural e passa a ser um artifício, uma habilidade como saber tocar piano ou falar francês. Um exercício de distinção.

Essas as origens de Gilberto Freyre. Família tradicional de sobrenome ilustre, antepassados ricos, remanescentes mergulhados em decadência financeira, sobreviventes ao fim do regime de servidão. Tudo somado, Freyre poderia dizer de si mesmo, como o machadiano Brás Cubas: “Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor”.

## 2. Saudade & Saudosismo

*“Moço, toda saudade é uma espécie de velhice.”*

(Guimarães Rosa)

O que entendemos por origens é um leque em cujo vértice estão os antepassados próximos ou distantes, os avós, os pais, e que vai se abrindo para o espaço da casa materna, do quintal, da rua, do bairro, da escola, dos amigos, da cidade, do estado, do país. É essa também a visão de Freyre, como vemos no trecho seguinte:

*“ Já venho sentindo a força dos limites, das fronteiras, das origens. Se nasci brasileiro, e dentro do Brasil, em Pernambuco, não será dentro das fronteiras do Brasil e dos limites de Pernambuco, e seguindo as imposições de minhas origens, que devo viver ? Este é o meu ideal para um indivíduo de minha formação não só intelectual como, até certo ponto, pessoal. Minhas origens, minha família, minha Mãe, meu Pai, minha cidade, minha terra, me reclamam pelo que há, em mim, de outras raízes, que, não sendo as intelectuais, parecem ser raízes ainda mais fortes. ”*

(TM&OT, p.97)

Essas reflexões datam de 1922. Freyre encontrava-se então em Oxford, depois de ter passado por Paris, Bérlim, Munique, Nuremberg e Londres. Começavam a se desenhar em seu espírito os primeiros traços de um regionalismo ainda assentado em bases sentimentais, motivado, em parte, pela distância do seu chão cultural e pelo estranhamento provocado pelo diferente. Talvez não tivesse ainda consciência plena do compromisso que assumiria com o que já então considerava raízes mais fortes do que as intelectuais. A força dos limites, das fronteiras, das origens talvez fosse apenas manifestação de saudade, e, mais do que de saudade, de um certo saudosismo que sempre lhe foi característico.

A primeira anotação do diário começa com uma confissão: *“Até o ano passado brinquei com bugigangas que em geral não têm graça para meninos de quatorze anos”*. Entre essas bugigangas estavam o trem elétrico, a caixa de blocos de madeira e os soldados de chumbo, brinquedos pelos quais Gilberto nutria um *“especial e já arcaico amor”*, motivo pelo qual era alvo de críticas e pilhérias de parentes e vizinhos. Cedeu aos apelos da mãe e deixou que os brinquedos fossem

doados. Separar-se desses objetos que representavam o seu mundo imaginário foi uma cisão dolorosa: *“agora esse mundo se desfez e o meu novo mundo só conserva do velho as minhas garatujas”*. A noção de tempo passado aparece permeada pela idéia de perda, de ruptura. O diálogo entre o “velho mundo” e o “novo mundo” só é possível quando este conserva intactos elementos daquele. Freyre ainda não fala em memória: os elementos que conservam o passado, que são prova da existência daquele tempo são ainda palpáveis, materiais, como os desenhos que fazia. Mas, talvez inconscientemente, Freyre já começa a preservar, na forma de diário, esse passado, opondo-o a um presente que não lhe acena com as mesmas alegrias de outrora:

*“Não me esqueço do inglês, Mr. Williams, a me aconselhar a continuar desenhando como eu desenhava (isto quando eu tinha sete ou oito anos) nem das governantas alemãs do velho Pontual em Boa Viagem, que me animaram a desenhar sempre, a desenhar cada vez mais. (...) Desses outros adultos o que venho ouvindo é em sentido contrário: indiretas contra meninos que não dão para as matemáticas, por exemplo.”*

(TM&OT, p. 3)

Desfazer-se dos brinquedos, passar do desenho à escrita e ao aprendizado das ciências exatas é quase um rito de passagem, o início do processo de socialização.

Nas primeiras páginas do diário o leitor se depara com um autor angustiado. O jovem Gilberto sofria com as aulas de latim que era obrigado a dar no Colégio Americano Gilreath, onde completou seus estudos secundários, a estudantes mais velhos e menos adiantados (*“Tenho que estudar talvez mais do que eles para não ficar de todo desacreditado como ‘Latinista’”*). Sofria com a pressão das “matemáticas” (*“Ai daquele que não dá para as matemáticas! Tudo depende das matemáticas.”*) Sofria por ter de desfazer-se de objetos que representavam uma espécie de vínculo com a infância. Sentia-se diferente, singular: diferente dos rapazes da mesma idade, dos mais velhos e até dos familiares:

*“Ouvi ontem uma conversa de meu Pai com meu Tio Tomás, em que não sei qual dos dois foi mais rude com poetas sentimentais e pieguices literárias, tipo Fagundes Varela*

e Casimiro de Abreu. *Senti-me atingido de certo modo, pois desconho que sou um tanto sentimental.*

*Senão, como se explica que eu tenha chorado como nos meus dias de menino ao ouvir uma dessas noites, sozinho, no silêncio da noite, o canto popular, em português errado, mas estranhamente saudoso e triste da lapinha a caminho da queima : 'A nossa lapinha já vai se queimar, até para o ano se nós vivo for' ?*

*Como se explica que me faça chorar, findo o carnaval, o resto, também para mim triste e saudoso, de confetes, de serpentina, de papel picado, em casa e nas ruas? Os restos de perfume nas bisnagas e lança-perfumes já vazios ? Isto deve ser pieguice."*

(TM&OT, p.4)

A queima da lapinha é um folguedo tradicional do Nordeste, realizado geralmente em janeiro, na véspera do Dia de Reis. No final do ano, arma-se a "lapinha" que envolve o presépio e em torno da qual dançam as pastoras. Após várias noites de cantorias, chega a noite da queima. O canto das pastoras torna-se, então, quase uma lamentação. É a esse canto que Freyre se refere, citando os dois primeiros e os dois últimos versos:

*A nossa lapinha  
Já vai se queimar  
Em brasas de fogo  
Se vai transformar*

*A nossa lapinha  
Já se queimou  
Inté para o ano  
Se nós vivo for<sup>23</sup>*

O que Gilberto chamou de pieguice é expressão desse saudosismo que nele se manifestou muito precocemente e de forma acentuada. Saudosismo é, por definição, uma tendência a superestimar o passado, a enxergar nos tempos idos um valor, ou um conjunto de valores, que o presente já não oferece. A velhice, de um modo geral, é um período marcado por um profundo saudosismo, o que, de certa

<sup>23</sup> Eustórgio Wanderley, *Tipos populares do Recife antigo*. 1ª e 2ª séries, 2ª edição. Recife, Colégio Moderno, 1953-1954. Disponível na Internet pelo site [www.jangadabrasil.com.br](http://www.jangadabrasil.com.br)

forma, nos parece natural. Segundo Ecléa Bosi, *“há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo : neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria : a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”*.<sup>24</sup> Lembrar é, portanto, tarefa que nos preenche o tempo ocioso quando a vida já não exige tanto de nós, nem nos parece mais tão repleta de possibilidades. O que nos faz evocar de forma voluntária o passado, mais do que simples saudade, é o saudosismo, fruto de uma comparação entre o que foi um dia e o que restou do que um dia foi. Mas, no caso de Gilberto, o saudosismo não é marca da idade; é quase uma inclinação natural a qual ele próprio questiona e para a qual não encontra outra explicação que não a de sentimentalismo ou pieguice. Comover-se com uma cantiga popular em “português errado” era quase um defeito para alguém cujo pai aconselha a leitura de Camões e outros autores portugueses apenas por escreverem *“no melhor português que se conhece”*, que *“não admitia que em sua presença se estropiasse a língua portuguesa”*, sempre corrigindo nos filhos, e mais tarde nos netos, *“erros de pronúncia, vulgarismos, anglicismos”* e que *“na defesa da pureza da língua materna chegava a ser caturra”*.<sup>25</sup>

Levou algum tempo para que Freyre passasse a ver com bons olhos a saudade e o saudosismo que lhe serviram, muitas vezes, de estímulo à escrita. Em artigo escrito para o *Jornal do Comércio* em 1965 e incluído em coletânea organizada por Edson Nery da Fonseca sob o título de *Pessoas, coisas & animais* em 1979, Freyre faz a sua “defesa da saudade”, procurando demonstrar sua função criadora:

*“Aos grandes criadores e até inovadores em política, em arte, em ação social, não tem faltado a capacidade de encontrar no passado, individual ou nacional, evocados pela sua saudade, estímulos para os seus arrojados de criação e para as suas audácias de renovação. (...) Sem a saudade de sua meninice de filho de gente de casa-grande, criado tanto por negras de senzala, como por iaiás brancas, José Lins do Rêgo não teria escrito o ‘Ciclo da Cana do Açúcar’ e aberto novas perspectivas à reforma agrária que o Nordeste reclama. E a saudade da casa-grande e da senzala do Engenho Massangana - entre as quais se criou, recebendo também, além dos carinhos da madrinha branca, ternuras de mães-pretas e brincando no engenho com os malungos da senzala, seus verdadeiros*

<sup>24</sup> Ecléa Bosi, *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*, p. 63.

<sup>25</sup> Alfredo Freyre, *Dos 8 aos 80 e tantos*, p.33.

*irmãos, desde que dos oficialmente seus irmãos, os brancos, todos residentes com os pais no Rio, nhô Quim vivia separado – já fazia que Joaquim Nabuco, filho de pai baiano e de mãe pernambucana, nascido em sobrado do Recife e criado em casa-grande de Pernambuco, se tornasse o maior campeão brasileiro da causa abolicionista no Brasil.*<sup>26</sup>

Tanto José Lins do Rêgo quanto Joaquim Nabuco, citados por Freyre, tiveram uma infância marcada por experiências de engenho; pode-se dizer que compartilham a mesma saudade das ternuras de mães-pretas e das brincadeiras com os malungos da senzala. Sem a saudade, diz Freyre, José Lins do Rêgo não teria escrito “O Ciclo da Cana do Açúcar”, nem Joaquim Nabuco teria sido um grande defensor da causa abolicionista. Poderia ter dito ainda que sem a saudade de sua infância, vivida parte no Recife, parte no engenho de sua avó materna, ele próprio não teria escrito *CG&S*, ao menos da forma como escreveu. O livro, desprovido desse sentimento de ausência, teria sido outro ou sequer teria sido.

*(...) Só aos maus aventureiros, aos maus filhos que têm horror à memória dos pais, aos maus adultos incapazes de ternura para com a própria meninice e para com a memória dos seus antepassados e dos seus mortos e dos seus irmãos mais velhos, a saudade repugna como aos diabos dos mitos medievos repugnava a cruz de Cristo. Ou o nome de Maria Santíssima.*<sup>27</sup>

Aqueles que negam as próprias origens, que repudiam a memória dos antepassados, que não se enternecem diante das lembranças da própria infância são, segundo Freyre, *maus*. Maus aventureiros. Maus filhos. Maus adultos. Maus como diabos que renegam a cruz e a virgem Maria, eterno símbolo da maternidade, da criação, da própria origem do Bem. Tal comparação produz um efeito extremamente eficaz na argumentação, posto que se trata de uma *defesa*. A saudade defendida por Freyre é elevada à categoria dos mais nobres sentimentos; mas essa nobreza assume um caráter traiçoeiro quando a saudade se alarga em saudosismo. Isso porque não é apenas da infância que Freyre tem saudade, mas de um tempo cuja ordem estabelecida apartava mais do que unia os senhores dos escravos, um tempo anterior ao seu nascimento. A avó materna era a única a admitir que os tempos antigos tinham sido bons; tempos de opulência que a abolição

<sup>26</sup> Gilberto Freyre, “Em defesa da saudade”, in *Pessoas, coisas e animais*, pp. 223-224.

<sup>27</sup> Idem, pp. 224-225.

transformou em franca decadência. O próprio Joaquim Nabuco, grande defensor da causa abolicionista, cai nessa armadilha de classe:

*“Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repeli-a com toda a minha consciência, como a deformação utilitária da criatura (...); e, no entanto, hoje que ela está extinta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown: a saudade do escravo.”<sup>28</sup>*

Por saudade do escravo, entenda-se saudade do próprio regime de escravidão, da servilidade mais dócil que arredia do escravizado. Servilidade na qual Freyre consegue enxergar uma ponta de orgulho: orgulho da servilidade, como bem observou o olho clínico de Machado de Assis. É assim que os Freyre viam o ex-escravo da família, o velho Manuel Santana, que continuou a servi-los finda a escravidão como sucedeu a muitos escravos que, sem ter para onde ir, deixavam-se ficar. Em certa ocasião, o ex-escravo recebeu de presente da esposa de Gilberto Freyre, dona Madalena Freyre, um “belo colete de mordomo” vindo de Paris, o qual teria se tornado “um dos maiores orgulhos do excelente Nel”. Fazendo as vezes de mordomo francês no Solar de Apipucos, o ex-escravo reproduzia sem saber o sistema patriarcal e escravocrata: “Preto, pretíssimo, é autoritário com os demais empregados”, relata Alfredo Freyre em suas memórias.

O saudosismo da escravidão é assim explicado e justificado por Joaquim Nabuco:

*“É que tanto a parte do senhor era inscientemente egoísta, tanto a do escravo era inscientemente generosa. A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com seus mitos, suas lendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte...(…) Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou; ela envolveu-me como uma carícia muda toda a minha infância; aspirei-a da dedicação de velhos servidores que me reputavam o herdeiro presuntivo do pequeno domínio do que faziam parte... Entre mim e eles deve ter-se dado uma troca contínua de simpatia, de que resultou a*

<sup>28</sup> Joaquim Nabuco, *Minha Formação*, Rio de Janeiro, José Olympio ; Brasília, INL, 1976, p.162.

*tema e reconhecida admiração que vim mais tarde a sentir pelo seu papel (...) e no dia em que a escravidão foi abolida, senti distintamente que um dos mais absolutos desinteresses de que o coração humano se tenha mostrado capaz não encontraria mais as condições que o tornaram possível.<sup>29</sup>*

A essa “felicidade sem dia seguinte” veio pôr um fim a abolição. Enquanto houvesse o braço negro a labutar nos canaviais, a família branca teria de onde tirar seu sustento e sua sustentação. A abolição foi um balde de água fria deitado às cabeças dos que, se não ostentavam a coroa, ao menos concentravam as terras e acumulavam a riqueza possível para a época e para as condições físicas do país naquele momento. O que Nabuco via com olhos saudosos não era senão a superfície de uma relação econômica assentada antes na exploração do que na troca. Na superfície, o escravo se mostra servil e generoso apenas por sujeitar-se à condição que lhe era imposta. O abolicionista enxergava nessa atitude o *mais absoluto desinteresse de que o coração humano é capaz*, e tal desinteresse forjou-o a escravidão, que encerrava as *condições que o tornaram possível*.

Para essa descrição talvez idealizada da convivência entre os da casa-grande e os da senzala encontramos similar em Gilberto Freyre:

*“Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam os sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo o que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.”*

(CG&S, p. 283)

A diferença maior entre as duas descrições talvez esteja no fato de que o discurso de Freyre encerra um “eu” diluído em “nós” que transforma a sua saudade e o seu saudosismo na saudade e no saudosismo de todo o brasileiro. Nabuco também chega a pisar esse terreno quando fala em “nossas solidões”, mas seu

---

<sup>29</sup> *Idem*, p.163.

relato é explícita e assumidamente pessoal, enquanto o de Freyre parece querer angariar multidões de partidários de uma mesma causa, unidos pelo mesmo sentimento e pela convicção de que, afinal, os tempos antigos tinham sido de fato bons.

Quando Freyre defende a saudade, ou quando coletiviza esse sentimento, está na verdade justificando suas próprias escolhas, o que nunca cessou de fazer, não apenas através de longos prefácios (o que fez, segundo o próprio autor, com que alguns críticos o chamassem de “prefaciomaníaco”) como também em livro de teor assumidamente autobiográfico intitulado, dialeticamente, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, em que há um capítulo inteiro destinado a explicações sobre sua grande obra, “Como e porque escrevi Casa-Grande & Senzala”. Não há em tal capítulo uma única menção a razões puramente pessoais ou íntimas que o tivessem movido em direção ao estudo da sociedade brasileira patriarcal; há apenas uma descrição objetiva do processo de elaboração do livro, desde as pesquisas em coleções particulares e bibliotecas até a sua publicação. Freyre, portanto, não trata do tempo de gestação do livro, mas dos tempos de documentação e de explicitação, para ficarmos nos critérios estabelecidos por Abraham Moles já mencionados anteriormente. Na gestação da obra, a saudade constituiu um estímulo fundamental.

Falar em saudade como estímulo para o escritor parece-nos bastante aceitável, sobretudo se pensarmos no que poderíamos chamar precariamente de literatura “pura”. Quando tratamos de um livro como CG&S e de um autor como Gilberto Freyre, tendo ele próprio julgado necessário explicar porque e em que medida era sociólogo, antropólogo e escritor, percebemos a necessidade de seguir com cautela, a fim de não submetermos a análise ao plano da abstração ou do psicologismo fácil. Mas o fato é que o livro ganha em sentido quando consideramos esse componente sentimental.

Considerar tal componente na análise de CG&S não implica, de modo algum, tendência a “afunilar” a obra “num suposto saudosismo do mundo patriarcal”, do que Aldo Rebelo acusa alguns críticos de Gilberto Freyre, cuja ação “sectária e interesseira” só poderia mesmo partir dos seus muitos “desafetos”. Segundo ele, “*a crítica é intolerante, em primeiro lugar porque Gilberto Freyre descortina uma paisagem antropológica da vida brasileira, não está voltado para as transformações mas para as permanências. Preocupou-se em descobrir como os elementos do passado têm capacidade de conservação durante o processo de transformação das*

*estruturas econômicas, sociais e políticas* <sup>30</sup>. Tal colocação, embora nos pareça correta, encerra uma visão porventura limitante do trabalho da crítica. Ao mesmo tempo em que nos alerta para os perigos de tropeçar a crítica em um impressionismo fácil e diluente e nos chama a atenção para o texto como objeto primeiro da análise, despreza elementos ligados ao chão cultural e experiências pessoais do autor. A análise de Aldo Rebelo nos remete às teorias do chamado *New Criticism*, segundo o qual a preocupação central da crítica deve ser a obra em si, a forma como ela se estrutura e se desdobra em significados a partir de seus elementos fundamentais, e não seus arredores. Tal movimento, surgido nos Estados Unidos na década de trinta do último século, podendo, portanto, ser considerado recente, carrega o mérito de manter os olhos do crítico sobre seu objeto de estudo, evitando que ele passe da crítica literária à crítica psicológica, cultural ou ideológica. A obra não deve em momento algum se tornar menor do que seus antecedentes e circunstâncias. Mas estes não devem ser desprezados, sob pena de se forjar uma visão plana da realidade. Que CG&S expressa uma preocupação com a herança colonial é fato inquestionável. Não se trata, pois, unicamente, de uma simples tentativa de recuperação ou exaltação pura do passado, mas de uma leitura do presente a partir dos elementos pretéritos que nele subsistem. Procurar antecedentes e predisposições de cunho pessoal que justifiquem a obra se revelaria tarefa pouco produtiva, não nos fossem esses antecedentes e predisposições oferecidos pela própria obra. O saudosismo que se manifestou desde cedo em Gilberto Freyre e que nos é revelado logo às primeiras páginas de seu diário como numa espécie de confissão de culpa também aparece no prefácio à primeira edição de CG&S, quando o autor se refere a São Severino do Ramo com sendo “o primeiro engenho que conheci e que sempre hei de rever com emoção particular”.

Aldo Rebelo prossegue afirmando que *“a simpatia [de Freyre] pelo mundo patriarcal exige uma leitura crítica de sua obra, o que levará quem o fizer a perceber, ao lado de passagens simplórias e mesmo simpáticas ao patriarcalismo, denúncias contundentes dos seus efeitos sobre os escravos, os índios e a sociedade”*. Ora, uma coisa não exclui a outra. O apreço de Freyre pelo sistema patriarcal não o impediu de ver o lado opressor da relação entre senhor e escravo. Na ânsia de defender o escritor dos que acusam em sua obra o tal “suposto saudosismo do

---

<sup>30</sup> Aldo Rebelo, *Cem anos de Gilberto Freyre : um homem que entendeu o Brasil*. Disponível na Internet pelo site <http://www.camara.gov.br/aldorebelo>.

mundo patriarcal', Rebelo parece não perceber que ele próprio admite a existência de uma certa simpatia de Freyre por esse mundo, simpatia que convive lado a lado, e de modo quase harmonioso, como teria sido harmoniosa a convivência entre escravos e senhores, com as suas "denúncias" de maus tratos e abusos cometidos pelo colonizador português. Mas, já na tese do estudante de Columbia, tais denúncias apareciam diluídas ou minimizadas por uma visão paternalista da relação entre senhor e escravo:

*"Os escravos eram espancados quando surpreendidos em maus feitos; e punidos com o 'tronco' ou com a 'máscara', quando apanhados em vícios perniciosos ou flagrantes de furto. A sinhá-dona trazia quase sempre um chicote. (...) Havia extremos de sadismo, no manejo do chicote, por parte de brancos com relação a negros, de senhores com relação a escravos. Mas eram extremos semelhantes àqueles em que às vezes se desgarravam pais nos castigos a que submetiam os filhos, ou velhos, nas punições que patriarcalmente infligiam aos meninos."<sup>31</sup>*

Para Rebelo, alguns "críticos desavisados" acusam Freyre de ter construído a imagem de um paraíso racial, quando, na verdade, o termo "democracia racial" não teria sido mencionado sequer uma vez em CG&S. Mas o leitor minimamente familiarizado com o texto de Freyre percebe as contradições que ele encerra. Freyre consegue dizer com todas as letras que o escravo negro sofria extremos de maus tratos nas mãos dos senhores, das senhoras e dos sinhozinhos, que os colonos se alimentavam pouco e mal, que as condições de clima e de solo eram as mais adversas, que o Brasil dos primeiros tempos de colonização era um misto de excessos e deficiências, que estavam expostos os novos habitantes a toda sorte de insetos, vermes e doenças, e ainda assim nos fazer acreditar, à semelhança do que fazia Pangloss a Cândido, que se tratava então do melhor dos mundos possíveis. O mundo que o português criou, vencendo as intempéries com seu alto grau de mobilidade, miscibilidade e aclimatalidade.

CG&S, bem como todo o conjunto da obra de Freyre, não pode ser afunilada nem em saudosismo patriarcal, nem em manifesto "negrófilo" (de que também foi acusada), nem deve sofrer recorte reducionista de qualquer gênero. É obra, sob

---

<sup>31</sup> Gilberto Freyre, *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, p. 84.

todos os aspectos, múltipla. E múltiplos devem ser o ponto de vista e o método da crítica.

### 3. Corpo & Espírito

A precocidade de Freyre manifestou-se, portanto, não apenas no seu interesse pela leitura e na facilidade com que apreendia tudo o que lia, mas também no saudosismo que ele chamava pieguice e do qual se envergonhava, por receio do que pensariam dele o pai e o avô. Esse saudosismo não era, no entanto, o único inconveniente para o jovem Gilberto. O fato de ser intelectualmente bem acima da média dos colegas de sua idade criava entre eles um grande distanciamento. Gilberto satisfazia sua necessidade de interlocutores em meio a estudantes mais velhos, que, embora admirassem tal ilustração em alguém que era pouco mais que um menino, viam-no apenas como um prodígio cuja erudição testavam fazendo-o traduzir trechos de autores ingleses ou franceses.

*“Sem minha bicicleta eu me sentiria hoje um desajeitado, quase sem saber brincar com os meninos da minha idade seus jogos (desde que quebrei o braço no campo de futebol do colégio, há dois anos, não jogo futebol) e sem ser admitido verdadeiramente nos meios dos rapazes já feitos, dos estudantes de Direito, com os quais posso conversar sobre assuntos que não servem para minhas conversas no colégio.”*

(TM&OT, p. 5)

Gilberto se considerava quase completamente aceito por esse grupo como um “menino já homem”, a não ser “pelo fato de ainda não conhecer completamente mulher, o que eles todos consideram humilhante”. O relato de sua primeira experiência sexual viria na página seguinte:

*“Saltando o muro de detrás do quintal, cauteloso como um gato, fui ao quarto de A., que vem me tentando com todos os seus encantos. Muito cuidado contra os riscos de emprenhar o diabo da mulatinha, que me tratou como se eu fosse um bebê e ela uma mestra empenhada em me ensinar tudo numa lição só. Desde os quatorze anos que um individuo pode emprenhar. O medo me acompanhou o tempo todo: medo de uma variedade de perigos e não apenas desse. Cama de lona de um ranger traiçoeiro que me parecia chegar aos ouvidos de toda a gente da casa, anunciando meu pecado. Preocupação. Prazer*

*perturbado. Desapontamento. Remorso. Sensação de ato incompleto mas mesmo assim definitivo na minha vida. Ato criador de outro eu dentro do meu eu. Já não sou mais o mesmo. Já não posso abraçar e beijar minha Mãe como a abraçava e beijava. Nem a minhas irmãs. Sou outro. Curioso que a mulatinha tenha gemido como se eu a estivesse ferindo. E estava: a ela e a mim.”*

(TM&OT p. 6)

À primeira vista, tal relato em nada difere do que se espera de um qualquer adolescente iniciado no mundo dos prazeres físicos, a não ser pelo que há de literário na descrição, pela fluência da escrita, pelo trato da linguagem. Já é possível ver nas linhas do jovem alguns dos recursos de que o escritor se valeria ao longo de sua vida e obras: comparações, de início simples, ainda tímidas e pobres (“cauteloso como um gato”, “como se eu fosse um bebê e ela uma mestra”); uso de frases curtas, nominais, que mostram a sucessão dos acontecimentos e tornam as sensações quase tangíveis para o leitor (“Preocupação. Prazer perturbado. Desapontamento. Remorso”); combinações inusitadas de termos, provocando efeitos inesperados (“ranger traiçoeiro”). Mas não é só isso: a linguagem esconde (ou revela) aspectos importantes de uma personalidade em formação. O fato de a primeira experiência sexual de Freyre ter se dado com uma mulata não é de modo algum irrelevante. Em CG&S, no capítulo destinado à influência do escravo negro na vida sexual do brasileiro, Freyre enumera experiências que segundo ele teriam marcado a vida de “quase todos” os brasileiros, lembranças que trazemos da infância, dentre as quais, a da mulata *“que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem”*. No caso particular de Freyre, incompleta, mas, como ele afirma páginas adiante, “singularmente deleitosa”.

Os primeiros leitores de CG&S se surpreenderam com o tratamento dado pelo escritor ao elemento negro e à linguagem utilizada para expressar o que teria sido seu papel na ordem das coisas na sociedade patriarcal e escravocrata brasileira. Mais do que surpresa, causou em alguns estranhamento e uma certa repulsa o modo como Freyre se demorou na descrição da importância da escrava na formação sexual do brasileiro e a forma como a descreveu. Escrava de cama e mesa. Cama-de-vento e mesa farta de iguarias de origem africana. Logo às primeiras páginas do

livro, o autor atribui a formação de uma sociedade híbrida à miscibilidade do povo colonizador, que foi *“misturando-se gostosamente às mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços”*, inicialmente com as índias, que eram *“doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez”* e que *“por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos ‘caraibas’ gulosos de mulher”*. A linguagem utilizada, mais do que criar um efeito literário, o que faz é emitir juízos de valor que serão, ao longo de todo o livro, reiterados e sedimentados. Freyre alude à lenda da “moura-encantada” para explicar a predileção do português pelo *“tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos”* cujo similar no Brasil dos primeiros tempos de colonização teriam sido as índias e, mais tarde, a mulata. A iniciação sexual do menino de engenho se dava, segundo Freyre, com as escravas da casa, já que o sinhozinho desde cedo não dormia sozinho, mas *“na cama-de-vento da mucama”*. Tal iniciação não se dava à revelia da família, ao contrário, algumas vezes com o incentivo não só do pai como da mãe do menino, com o objetivo de defender-se de um possível e indesejável desvio de orientação sexual ou simplesmente de aumentar o capital familiar:

*“Referem as tradições rurais que até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, negrinhas ou mulatinhas capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual.*

*Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. (...) O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse a emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos.”*

(CG&S, p. 372)

Com isso, Freyre rebate a tese defendida então por alguns de que a escrava era a única responsável pela corrupção do menino branco, que a mulata era um “tipo anormal de superexcitada genésica”, conforme teria apontado Nina Rodrigues. Era o próprio sistema patriarcal e escravocrata que impelia o menino branco para os braços da escrava negra ou mulata. Esta, o que fazia era “facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava”. No entanto, na descrição da primeira relação sexual de Freyre o leitor é conduzido, por meio de uma linguagem que também encerra juízos

de valor, a uma única interpretação: a de que Freyre é o adolescente inexperiente diante de uma mulher já feita, embora tivessem quase a mesma idade. É ela quem o seduz, de uma forma quase mística ou sobrenatural, “tentando-o” com seus “encantos”. Ela é o “diabo da mulatinha” que, depois de muito seduzi-lo e tentá-lo, consegue o que quer, enquanto ele se sente remoer de remorso pelo que chamou de “pecado”.

A associação da mulher com a figura do demônio, como se ela fosse uma encarnação do próprio Mal, bastante comum durante toda a Idade Média, embora de origem possivelmente mais remota, reaparece no discurso de Freyre na figura de um tipo específico de mulher, a mulata. Tal qual a moura-encantada, a figura da mulata apresenta uma aura de misticismo sexual que a teria tornado o centro da preferência do homem português. Esse misticismo reaparece em outro trecho do diário, agora na figura mística da sereia:

*“Depois de algum tempo, revejo A. sempre sereia, com uma voz da qual parece escorrer um mel irresistível e uns olhos ainda de colegial sonsa e com alguma coisa de olhos de menino. Nunca me esquecerei da primeira noite que me levou ao seu quarto, com o pessoal da casa me imaginando no cinema, quando eu próprio, ainda menino de quatorze anos, participava corpo a corpo de um drama que me deixará, com certeza, marcado para o resto da vida. Desapontou-me A.? Sim, porque o que eu mais desejava era vê-la nua: comer com os olhos sua nudez antes de devorá-la com o sexo teso e guloso (como os vários sentidos andam juntos para o gozo sexual!). Creio que mais de metade do que em mim é sexo está nos olhos. Mas ela disse: ‘No escuro, para o pessoal não desconfiar’. De modo que as pontas dos dedos tiveram de fazer as vezes dos olhos. Senti com as pontas dos dedos todas as suas curvas de corpo de mulher-sereia. Queria penetrá-la quando ela disse: ‘Por aí, não! Lembre-se de que eu sou moça!’ Por ‘moça’ queria ela dizer virgem. Donzela. E besuntando-me o membro ardente de banha de cheiro, ela própria dirigiu o nosso corpo-a-corpo para onde quis, talvez menos por ser ‘moça’ do que por ser aquele o centro de sua paixão. Ou do seu ardor de fêmea. De modo que minha iniciação formal em mulher foi oblíqua. Oblíqua e, como diria um escolástico – foi o que verifiquei algum tempo depois – singularmente deleitosa.”*

(TM&OT, p.14)

É a sereia que seduz com seu canto os marinheiros incautos e os arrasta para a ruína. Freyre apenas se deixa conduzir pela companheira: é ela quem o leva

para o quarto, quem dita as regras do jogo amoroso, quem dirige os movimentos e governa a situação. Tanto em seus gestos como em suas palavras há uma certa premeditação. Ela cuida de todos os detalhes, a começar pelo expediente de não acender as luzes a fim de evitar suspeitas por parte das pessoas da casa. Além de premeditação, Freyre nos conduz a acreditar que há nela qualquer coisa de dissimulação: ela o conduz a este tipo de relação sexual e não àquele não por ser virgem, como afirma e quer fazer crer, mas por ser este o “centro de sua paixão”. Ele é tratado por ela como se fosse um bebê e ela, a mestra. “*A Europa reinando, mas sem governar; governando antes a África*”, como Freyre sintetiza a relação entre senhores e escravos, em CG&S.

A relação entre o jovem Gilberto e sua experiente companheira é algo que vai, como ele afirma, marcá-lo para o resto da vida. A ruptura é quase tangível: depois dessa experiência, ele passa a ver a figura feminina, antes representada quase que unicamente pela mãe e pelas irmãs, com olhos menos castos. Seu envolvimento com A. é intenso, mas revela-se puramente sensual:

*“Nada de sentimental – ou quase nada – me prende a A. Só o visgo do sexo, que é irresistível. Ela é ainda uma menina, incompleta como mulher, como eu sou ainda um menino, a completar-me como homem. Estamos a gozar um ao outro e os dois a nos deliciar em um terceiro gozo que não é fácil de dizer como é terceiro. A. é uma morena pálida em plena adolescência; sem ser um tipo de beleza, é bonita. É atraente. Tem um sorriso de quem soubesse coisas que não lhe foram ensinadas e umas mãos também mais sábias do que seria de esperar de mãos ainda quase de criança.”*

(TM&OT, p. 18)

Se A. foi a primeira mulher na vida de Freyre, não foi, segundo ele, seu primeiro amor. Ele faz uma distinção muito clara entre uma coisa e outra, como podemos ver na descrição que se segue:

*“D., como sempre, a mais bela menina que eu já vi – meu grande amor de menino! – agora já quase mocinha. Lembro-me do meu antigo entusiasmo por ela, nos nossos camavais de meninos no consultório do meu Tio T. Quando eu a conheci ela tinha oito anos (eu teria uns dez). Nos seus olhos verdes já havia o brilho de hoje. Olhos inteligentes a contrastarem com a brancura perfeita de sua pele de menina e o seu cabelo muito negro.*

*Encantava-me e me dava uma vontade enorme de beijá-la. Um dia beijei-a num brinquedo. Ela gostou. Eu gostei. Escrevi-lhe uma carta que ela não respondeu nunca: uma carta com frases em inglês. Isto há uns tantos anos. Creio que suas atenções são todas para o C. Mas, inteligente como é, ela sabe que é muito mais inteligente que C. e que só eu a compreendo bem.”*

(TM&OT, p.8)

D. parece ser o oposto de A., segundo a descrição de Freyre. A. tem olhos de *colegial sonsa, olhos de menino*; D. tem olhos verdes e *inteligentes*. A. é mulata; D. tem a pele de uma *brancura perfeita*. A primeira é o *diabo da mulatinha*; a segunda mais parece anjo que gente. A. é toda malícia: voz e corpo de sereia, e experiência de mulher já feita; D., além de bela, é inteligente, tão inteligente que só poderia ser compreendida por alguém de igual ou superior grau de inteligência. O reencontro de Freyre com o seu “grande amor de menino” se dá em um piquenique na praia de Boa Viagem, com direito a passeio de bote, no qual A. jamais estaria presente, a menos que fizesse as vezes de mucama. A distância entre ela e o menino branco bem-nascido não se resume ao muro que este teve de saltar para entrar, cauteloso como um gato, no quarto da mulatinha. É uma distância bem maior, que não é medida por palmos, léguas ou quilômetros, mas por cifras, alqueires e títulos: a distância social.

Freyre tem sua primeira experiência sexual com mulata, mas apaixona-se por uma menina branca, tão bem-nascida quanto ele. Ao longo de toda sua vida, nunca escondeu sua preferência sexual por mulatas, como veremos em outros trechos de seu diário, mas não chegou a se casar com uma, confirmando na prática, talvez de forma inconsciente, o ditado um tanto grosseiro que cita em CG&S:

*“Pode-se afirmar, portanto, que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. A moda da mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão do genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: ‘Branca para casar, mulata par f..., negra para trabalhar’, ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata.”*

(CG&S, p.10)

Ocorre que a iniciação sexual do menino branco de família aristocrática, no início da colonização, não se dá apenas com escravas negras ou mulatas; ela começaria antes, pervertida em bestialismo:

*“Em ambos – no menino de engenho, como no sertanejo – a experiência física do amor se antecipa no abuso de animais e até de plantas; procuram satisfazer o furor com que o instinto sexual madruga neles servindo-se de vacas, de cabras, de ovelhas, de galinhas, de outros bichos caseiros; ou de plantas e frutas – da bananeira, da melancia, da fruta do mandacaru.”*

(CG&S, p.140)

Em seu diário, Freyre confessa ter tido uma dessas experiências:

*“Recordo-me então do fato de que nos meus dias de menino e de colegial nunca tive uma experiência homossexual. Fui quase um anjo. Seria um anjo se não fosse a masturbação a sós e recíproca – raramente praticada.*

*Apenas no sítio dos Ávila – os três ou quatro filhos do médico Dr. Ávila, meus colegas de colégio – fui iniciado por eles numa espécie de coito danado com uma tranqüila vaca de propriedade – com outras e com alguns bezerros – daquela família. Era uma vaca quase mulher. Parecia que sabia do que se tratava, e no meu caso me deu a impressão de deliciar-se em dar prazer a um inocente.”*

(TM&OT, p.104)

Essa “confissão”, além do que traz de curiosa e inusitada, surpreende ainda pela perspectiva de Freyre, então já na casa dos vinte anos. Ele era “quase um anjo”, em oposição ao “diabo da mulatinha” e um “inocente” diante de uma “vaca quase mulher” que lhe deu a impressão de ter tido tanto prazer quanto ele nessa experiência.

As inclinações de Freyre (fossem elas naturais, espontâneas, ou resultado de experiências vividas), como seu saudosismo precoce e sua predileção por mulatas, certamente tiveram sua carga de influência na obra do escritor. O seu saudosismo ali aparece baseado na crença da existência do que ele chamou “bons tempos antigos” e CG&S é seu fruto mais do que legítimo. A sua preferência pelo tipo físico

da mulata, preferência que também se verifica em alguns de seus ramos familiares, torna-se a preferência do colonizador português e, por extensão, de todo o brasileiro nascido e criado em casa-grande de engenho.

Desde muito moço Freyre soube conciliar a vida mundana, às vezes boêmia, com o que nele era alimento para o espírito: a leitura, que mesmo os encontros amorosos com A., ou com outras mulatas ou morenas ou loiras de quem se enamorou ao longo de sua vida, nunca fizeram rarear ou escassear. Suas preocupações juvenis as mais prosaicas se uniam às grandes questões que já se lhe colocavam com a força de dilemas viscerais. Questões filosóficas, religiosas, existenciais:

*“Confesso que venho me preocupando e muito com o problema do homem em relação com Deus.”*

(TM&OT, p. 9)

A preocupação com questões ligadas à religião levou o estudante de escola protestante a mergulhar com entusiasmo na leitura de Tolstói e a subir ao púlpito, uma vez, aos dezoito anos de idade, para pregar à “gente humilde”, mas também à “gente ilustre”. O discurso do jovem estudante comoveu a muitos e teria até chegado a converter alguns, o que, para ele, era a função que deveriam exercer os mais esclarecidos:

*“O cristianismo que compreendo é o do Cristo interpretado para o homem moderno por Tolstói. Nada de eclesiasticismo: religião viva. Cristianismo fraternal, ligando os homens acima de classes e de raças; e fazendo com que a gente mais instruída vá ao povo e lhe leve a sua luz.”*

(TM&OT, p.11)

O que nos interessa particularmente nessa visão mais paternalista do que fraternal do cristianismo é o fato de que ela encontrará similar no modo como Freyre viria a conceber as relações entre o senhor e o escravo. A mão que ostenta o chicote é a mesma que alimenta, que protege, que cura. Em *Sobrados & Mucambos*, Freyre chega a apontar o que ele chamou de generalizações fundamentadas em um “furor doutrinário” ou em um “sentimentalismo antiescravocrático” pelas quais os

escravos eram colocados no centro da discussão sobre a sociedade patriarcal sempre e apenas como vítimas, sofredores, mártires, quando a verdade era que, na maioria das vezes, o escravo era tratado como pessoa e não como máquina ou animal de carga. Pessoa quase da família. Bem-alimentado. Bem-tratado. Quase todos *“já habituados, como pessoas e até crias de casa-grande, ao sistema de convivência patriarcal dos engenhos de açúcar”*.<sup>32</sup> Se houve abusos, teriam sido casos isolados.

Outra preocupação de Gilberto nessa fase de transição diz respeito a que rumo tomar na sua formação acadêmica e intelectual. Até então ele havia se destacado dos outros alunos do colégio em que estudava por seus dotes de latinista; era redator-chefe do jornal do colégio, *O Lábaro*. Aos dezesseis anos, sem o conhecimento dos pais, foi à Paraíba proferir conferência sobre *“Spencer e o problema da educação no Brasil”*, cuja autoria alguns dos ouvintes desconfiaram ser do pai, não do filho. De fato, escrevia tão bem que o próprio pai o teria encarregado de escrever parte de duas teses, *“Do papel moeda no Brasil”* e *“Do Estado, sua ação cultural e relações com a Igreja”*, que deveria apresentar em concurso catedrático da Faculdade de Direito do Recife, por não ter tido tempo de concluí-la (*“Há páginas inteiras, nas duas dissertações, que o candidato aproveitou do trabalho de colaboração executado por seu filho”*), afirma Freyre na introdução às memórias do pai), pequena farsa de autoria da qual Gilberto participou não sem um certo orgulho. O *“problema da educação no Brasil”* ou *“problema do conhecimento”* começava a inquietar seu espírito:

*“Lendo Kant com toda a intensidade de atenção e toda a vontade de compreensão de que sou capaz. O problema do conhecimento me preocupa enormemente, junto com o problema do meu destino e da minha missão: mesmo que esse destino e essa missão sejam humilhar-me perante os outros ou dissolver-me nos outros.”*

(*TM&OT*, p. 13)

A preocupação de Freyre com o seu *“destino”* e a sua *“missão”* incluía decidir por um determinado tipo de formação que o Recife (e o Brasil) de então não poderia lhe oferecer. Seu irmão Ulisses já havia seguido para a Universidade de Baylor para completar seus estudos, com ênfase em ciências exatas. Era chegado o momento

<sup>32</sup> Gilberto Freyre, *Sobrados & Mucambos*, Riode Janeiro, Record, 1996, p.525.

de Freyre optar pela Europa, alternativa de que fazia gosto sua mãe, ou pelos Estados Unidos, a exemplo do irmão mais velho. Freyre tinha consciência de que o Brasil pouco tinha a lhe oferecer naquele momento. O meio em que vivia, considerava-o provinciano, medíocre, como, aliás, a quase tudo e todos que o cercavam.

*“Com quem posso conversar em torno de minhas leituras de filósofos e de poetas e escritores mais profundos? Com ninguém. Esta é que é a verdade. Meu Pai sabe o seu pouco de Aristóteles e é versado em Comte, além de conhecer alguma coisa de São Tomás e de Santo Agostinho. Mas é só. (...) Dos estudantes mais velhos do que eu, com nenhum posso ir muito longe em conversas sobre tais assuntos. Temos que ficar em Eça, em Vitor Hugo, em Baudelaire, em Antero, em Dickens. Esta é que é a situação.”*

*“Mas se posso dispensar a matemática, não vejo como dispensar a língua alemã. Mas como aprendê-la aqui? Com quem? Onde? Neste pobre Recife não há hoje senão inimigos do indivíduo que quer se aprofundar no seu saber.”*

(TM&OT, p.13)

Seu desejo inicial é estudar em Heidelberg, Paris ou Oxford. Mas eis que conhece pessoalmente Oliveira Lima, cuja obra já lia e admirava; Oliveira Lima, “admirador dos Estados Unidos” e “desencantado com a França e, ainda mais, com a Inglaterra”. Freyre parte, em 1918, para os Estados Unidos; passaria alguns dias em Nova Iorque de onde seguiria rumo ao Texas e à Universidade de Baylor.

#### IV. TEMPO DE FORMAÇÃO

## 1. De Prodígio a Gênio

Depois de um período de transição, caracterizado pelo início de um processo de conscientização de si mesmo em oposição aos familiares mais próximos, sobretudo ao pai, pela descoberta da pulsão do desejo sexual e pela formação de convicções religiosas que se revelariam efêmeras, tem início para o jovem Gilberto um período de adaptação ao estrangeiro. Suas primeiras impressões da vida nos Estados Unidos não são das melhores: impressiona-se, durante breve estadia na casa de amigos em Kentucky, com o fato de o banheiro ficar do lado de fora da casa, como nas regiões mais atrasadas do Brasil (“O progresso dos Estados Unidos ainda não é absoluto”); impressiona-se também com o culto praticado numa igreja rural (“uma exibição tremenda de histeria religiosa”). Mas o que mais o impressiona é o episódio que teve lugar em Waco, durante o retorno de uma visita à faculdade de Medicina:

*“O que me arrepiou foi, na volta, ao passar por uma cidade ou vila chamada Waxahaxie (creio que é assim que se escreve esse nome arrevesado: ameríndio, suponho, como aliás Waco) sentir um cheiro intenso de carne queimada e ser informado com relativa simplicidade: ‘É um negro que os boys acabam de queimar!’ Seria exato? Seria mesmo odor de negro queimado? Não sei – mas isto sim me arrepiou e muito. Nunca pensei que tal horror fosse possível nos Estados Unidos de agora. Mas é. Aqui ainda se lincha, se mata, se queima negro. Não é fato isolado. Acontece várias vezes.”*

(TM&OT, p.33)

Esse episódio sem dúvida contribuiu para a construção da visão muito particular de Freyre de uma suposta democracia racial brasileira. Mais tarde, estudando a escravidão no Brasil, Freyre encontraria motivos para acreditar que ela teria sido, de algum modo, suave. O que nos Estados Unidos, tendo decorrido algumas décadas da abolição, continuava a ser prática comum, no Brasil, mesmo no auge da exploração escravista, teria se limitado a fatos isolados, demonstrações do sadismo de alguns senhores alimentado pelo masoquismo de alguns escravos.

A Universidade de Baylor também deixa a desejar: é “terrivelmente provinciana”. Nos primeiros dias no Texas Freyre já sonha com Nova Iorque e com a Universidade de Columbia. Mas nem por isso deixa de aproveitar o que Baylor lhe

oferece de melhor, sobretudo as aulas e a companhia do professor de Literatura Inglesa A. Joseph Armstrong, o “admirável Armstrong”, “exigente e absorvente” e talvez o primeiro a reconhecer em Freyre algum traço de genialidade. Por várias vezes, Armstrong tenta a vaidade do jovem estudante, tentando persuadi-lo de que o melhor a fazer seria naturalizar-se norte-americano e tornar-se escritor de língua inglesa, como vemos nos seguintes trechos do diário:

*“Mas comigo [Armstrong] vive insistindo para que abandone a língua portuguesa e adote a língua inglesa como minha língua literária, tornando-me assim escritor, como ele diz, ‘universal’. É uma sereia, cantando sempre ao meu ouvido : ‘A glória te espera na língua inglesa : abandona, pois, a portuguesa, que é, como tu próprio reconheces, uma língua clandestina !’ ”*

(TM&OT, p.29)

*“O que V. deve fazer é tornar-se escritor em língua inglesa. Seus laços com o Brasil devem continuar apenas sentimentais. Não há futuro para um grande escritor em língua portuguesa – língua obscura – e tome nota das minhas palavras: em V. há o germe de um grande escritor”.*

(Idem, p. 40)

Freyre experimenta pela primeira vez o gosto do reconhecimento que vem de um superior. Os elogios esporádicos que recebera no Brasil, alguns de modo enviesado, levantando uma ponta de dúvida sobre a sua precocidade literária e capacidade intelectual, não eram grande coisa comparados aos adjetivos empregados por Armstrong para qualificá-lo: “Genius”, “Wisdom”. Elogios que vinham de ninguém menos do que a “maior autoridade viva sobre a poesia dos Browning” e que mais tarde Freyre ouviria repetidos pela poeta imagista Amy Lowell:

*“Amy Lowell surpreendeu-me na sua conferência de ontem: começou por elogiar de modo superlativo o autor de um artigo a seu respeito que acabara de ler. O artigo é meu. Fui-lhe apresentado depois da conferência: ela repetiu os elogios. Chamou-me até de gênio. E o inglês, onde eu aprendera inglês para escrevê-lo como o escrevia?”*

(TM&OT, p. 41)

A exagerada importância atribuída por Freyre a esses elogios é compreensível. O que os tornava particularmente agradáveis aos seus ouvidos era o fato de tornarem cada vez mais distante a triste sina que ele atribui aos seus antepassados. Freyre afinal não estava fadado à mediocridade, mas a um destino superior. Além disso, sentia no reconhecimento de sua capacidade intelectual uma espécie de redenção à sua infância incompreendida. O menino que tarde aprendeu a ler, considerado pelos pais quase um “retardado mental”, que não dava para as matemáticas, era nada menos que um gênio. No princípio, os elogios foram recebidos com surpresa e até uma certa desconfiança. Aos poucos, a vaidade de Freyre foi a eles se acomodando, até que a sua suposta genialidade pareceu-lhe algo natural e aceitável:

*“Começo a acreditar um tanto – só um tanto: não sou crédulo – nele [Armstrong] e em Amy Lowell e, em contacto com estudantes de várias partes do mundo, vindos para Columbia como grandes inteligências, descubro – estarei certo na descoberta? – que sou superior a muitos deles. (...) Isto é só o meu diário. Dito em voz alta ou publicado me deixaria mal: um idiota a acreditar nos que levianamente o chamam de gênio.”*

*(Idem, p. 70)*

Embora aceitasse essa nova condição, Freyre fazia questão de deixar claro que ele era a negação do estereótipo do gênio, tanto no aspecto físico quanto na postura acadêmica. Estudo, para ele, não era coisa que se ostentasse. Criticava então a valorização excessiva que no Brasil se atribuía a títulos acadêmicos e ia de encontro à mentalidade da parcela mais esclarecida da época para a qual os estudos deveriam ser voltados para as áreas de Direito, Medicina e Engenharia. Ao mesmo tempo, confrontava a sua genialidade recém-descoberta com a de outros também supostos gênios, traçando-lhes um retrato em nada favorável:

*“Também me apresentam a um menino gordo que é considerado um dos novos gênios da Universidade pelos tests agora em vigor. Ele me estende a mais mole das mãos e sorri inexpressivamente quando lhe dizem de mim: ‘Este sul-americano é magro mas é seu colega em peso intelectual’. Depois do quê, se afasta gingando, arrastando além do peso do gênio o da gordura das nádegas que, nele, talvez seja maior.”*

(TM&OT, p.51)

*“Na Universidade de Columbia uma vez por outra vem à tona a figura de um menino prodígio, que psicólogos e peritos em tests disto, tests daquilo, consideram gênio. Já vi mais de um deles. Dão-me a impressão de uns perfeitos bestalhões. Gordos, redondos, óculos aro de tartaruga. Nenhum dos três que vi, magro. Nenhum que deixe de usar óculos. Óculos como para que se saiba que já são sábios, eruditos, corujas.”*

(Idem, p.70)

A descrição dos gênios seus oponentes é uma caricatura cruel. São inexpressivos, apáticos, gordos, revelando mais que ocultando sua genialidade atrás de pesadas lentes. Todos muito diferentes do jovem estudante brasileiro: Freyre era magro e, até seus últimos dias no Solar de Apipucos, gabava-se de nunca ter necessitado de óculos, apesar de uma vida inteira de leituras. Além disso, não foram necessários “tests disto, tests daquilo” para comprovar sua genialidade, mais um motivo para sentir-se superior aos seus colegas “em peso intelectual”.

A assumida consciência de sua superioridade intelectual em relação aos colegas fez com Freyre se tomasse para alguns um tipo antipático. Tanto na Universidade de Baylor quanto na de Columbia, suas relações de amizade intelectual se dão com pessoas mais velhas e por quem ele nutria uma certa admiração: professores, escritores, pensadores em geral. Consciente ou inconscientemente, Freyre procurou afastar-se da mediocridade, cercado-se de iguais ou superiores. Ele se surpreende com o que chamou de “explosão” de um colega estudante, “tipo médio”, durante o almoço, acusando-o de “aristocrata”: *“E esta? Que aristocratismo irritante será esse que eu conduzo sem me aperceber dele?”* Anos mais tarde, quando de volta aos Estados Unidos para participar do Congresso Pan-americano de jornalistas representando o Diário de Pernambuco,

continua não entendendo porque o chamam “meninote aristocrático”. Mas já defende sua classe:

*“Não tenho culpa nem de ter vinte e poucos anos nem de ter tomado algum chá em pequeno. E ser filho de uma Dona Francisquinha e de um Wanderley de fato, à la pernambucana, fidalgos.”*

(TM&OT, p.195)

Aristocratismo de classe, sem dúvida, difícil de aceitar num mundo pós-marxismo, onde nos parece bastante natural, louvável até, o fato de um indivíduo de origens humildes ter o que chamamos consciência de classe e defender suas raízes, ao passo que aprendemos a ver como demonstração de pedantismo a ostentação de uma condição familiar favorável. Mas também aristocratismo, por assim dizer, intelectual, ao qual, mesmo que quisesse, Freyre não poderia fugir. Sua necessidade de interlocutores (e, mais tarde, de admiradores) fez com que ele se afastasse dos que considerava medianos ou simples caçadores de títulos, contaminados pelo vírus da “doutorice”.

Se na provinciana Baylor Freyre havia sido considerado um gênio, poderia esperar igual tratamento na cosmopolita Columbia, onde os gênios eram gordos e usavam óculos aro de tartaruga? Desde o início, Freyre sente que está diante de uma oportunidade única, a de estudar com grandes mestres como John Bassett Moore, Franz Boas e Giddings. É no curso deste último que pela primeira vez o gênio recebe “um duro e humilhante C”. Tal conceito, embora tenha sido algo difícil de suportar para o ego já então bastante inflado do estudante, não o abalou. Ao contrário, Freyre segue cada vez mais convencido de sua própria genialidade, tanto que, na velhice, continuou a acreditar nos que levianamente o chamavam de gênio. Apenas perdeu o receio ou o pudor de dizê-lo em voz alta ou publicá-lo, como fez em entrevista concedida a Rosa Maria Godoy Silveira e a Moema Selma D’Andrea, por ocasião do projeto de pesquisa regional promovido pela Universidade Federal da Paraíba, em 1983:

*“ (...) Ora, interpretar o Brasil total é qualquer coisa de muito arriscado, mas as críticas que eu tenho recebido, críticos dos melhores, é eles se rendendo a essa coisa que*

*parecia impossível - interpretar o Brasil total. De modo que acho que apareço na história cultural do Brasil com o máximo de criatividade que admite ser eu considerado um gênio. E eu me considero.*<sup>33</sup>

## 2. Primeiras Idéias

Todo gênio, ou todo aquele que tem pretensões a gênio, qualquer que seja a sua área de pensamento e atuação, necessita de ao menos uma grande obra que transforme em senso comum essa genialidade potencial. Gilberto Freyre sabia disso e se preparava para o momento certo de escrever essa grande obra. Aos vinte e poucos anos, não sabia ainda exatamente sobre o que ela versaria. Mas, aos poucos, começa a se desenhar em seu espírito o esboço de uma idéia. Até então, Freyre tinha umas poucas convicções, entre elas a de que, apesar dos apelos do professor Armstrong e de Oliveira Lima, com quem mantinha correspondência, haveria de concluir os estudos e voltar para o Brasil, a fim de tornar-se escritor em sua terra e em sua língua. A idéia de naturalizar-se norte-americano e consagrar-se escritor de língua inglesa de modo algum o atraía, por julgar-se “muito sensível ao que há de materno, para um brasileiro, na língua portuguesa”. Essa sensibilidade encontrou nos movimentos voltados para o regionalismo argumentos para a sua sustentação intelectual. Inspirado por autores e movimentos que ele chamou antimetropolitanos, sobretudo pelo poeta francês Frédéric Mistral e pelo também poeta e dramaturgo irlandês William Butler Yeats, Freyre começa a se interessar por questões ligadas ao regionalismo, ou, nas suas palavras, pelo “estudo dos problemas sociais e culturais sob critério do regional” e pela “valorização do regional nas artes”. Não seria exagero afirmar que tais influências foram quase tão importantes no direcionamento da obra de Freyre quanto as exercidas por Franz Boas e Oliveira Lima. Mistral havia fundado em 1854 o grupo *Félibrige*, voltado para a preservação dos costumes e valorização da língua da Provença, enquanto Yeats preocupava-se em resgatar as tradições de sua pátria, sobretudo as lendas irlandesas, em que se revelava o seu interesse pelo místico e pelo oculto. Junte-se a essas influências o movimento imagista, do qual a poeta norte-americana Amy Lowell foi um grande expoente, e encontram-se alguns dos componentes de CG&S :

<sup>33</sup> Moema Selma D’Andrea, *A tradição re(descoberta): Gilberto Freyre e a literatura regionalista*, SP, editora da Unicamp, 1992, pp. 214/215.

livro repleto de imagens e histórias de assombrado colhidas ao folclore nordestino.

Não demorou para que a sua natural inclinação para o saudosismo despertasse em Freyre o que ele chamou de “interesse sociológico por brinquedos”. Em Nova Iorque visita um museu de brinquedos com a finalidade de “anotar as predominâncias de gosto” de crianças que vivem em meio tão cosmopolita, ao mesmo tempo em que sonha com um *“museu de brinquedos rústicos feitos de pedaços de madeiras, quengas de coco, palhas de coqueiros, por meninos pobres do Brasil”*. Esse interesse por brinquedos se dá em dois níveis, aparentemente opostos, mas que acabam se tomando complementares, como, aliás, acontece com quase tudo aquilo em que Freyre põe a mão: de um lado, o interesse é motivado por uma ternura pelo próprio passado, pela saudade da infância, despertando no adulto um desejo de resgatar a si mesmo, de completar-se no que foi; de outro, está o interesse do estudioso por um objeto ainda à espera de um estudo sistemático que revele a sua importância tanto sociológica quanto psicológica. Por força das circunstâncias, o plano desse estudo parte de uma comparação entre os brinquedos produzidos nos Estados Unidos e os brinquedos do menino brasileiro, cujo parâmetro é o próprio Freyre, seu trem elétrico, sua caixa de blocos de madeira, seus soldados de chumbo. Sua atenção, no entanto, não se volta para a infância do menino rico, com seus brinquedos sofisticados e caros, mas para os brinquedos rústicos feitos por meninos pobres. É o primeiro indício de que a obra de Freyre colocará em relevo aqueles que, de alguma forma, sempre foram deixados à margem da História. Não apenas o menino, mas o menino anônimo, sem ancestrais aristocráticos ou sobrenome ilustre. O menino pobre, mais como tipo do que como indivíduo. Manifesta-se também nessa primeira revelada intenção o interesse do sociólogo pelo artesanal, pelo rústico, pelo fazer popular. Os brinquedos feitos com pedaços de madeira e palhas de coqueiro revelam mais do que a pobreza de quem os faz: revelam a riqueza de uma arte que a cultura dominante minimizou em artesanato. As idéias ajustam-se às circunstâncias: o saudosismo de Freyre o leva de volta ao Brasil e à infância, aos brinquedos representantes de um tempo perdido, enquanto sua recente descoberta do regionalismo faz com que considere esses elementos sob o ponto de vista de uma cultura popular e regional.

O objeto de interesse de Gilberto Freyre tem algo de metonímico: o estudo sociológico do brinquedo seria na verdade um estudo da criança, que, por sua vez, é o estudo da infância do brasileiro. Mas Freyre não parou por aí: resolveu estudar a

infância do Brasil, ou seja, suas origens coloniais, para chegar à formação do povo brasileiro. O estudioso de Gilberto Freyre tem no seu diário uma espécie de mapa do caminho por ele percorrido para chegar ao seu destino: a elaboração de CG&S. Inicialmente, revela-se o interesse do autor por brinquedos e a sua intenção de escrever uma “História da vida de menino no Brasil”, cujo título provisório seria “À procura de um menino perdido”, como diria Alfredo Bosi, de proustiana memória:

*“O que eu desejaria era escrever uma história como suponho ninguém ter escrito com relação a país algum: a história do menino – da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios – brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje. Já comecei a tomar notas na biblioteca de Oliveira Lima: nos cronistas coloniais, nos viajantes, nas cartas dos jesuítas. Sobre meninos do engenho, meninos do interior, meninos das cidades. Os órfãos dos colégios dos Jesuítas. Os alunos dos padres. Os meninos mestiços – filhos de franceses com índias – encontrados pelos portugueses. De crias de casas-grandes. De afilhados de senhores de engenho, de vigários, de homens ricos, educados como se fossem filhos por esses senhores. É um grande assunto.”*

(TM&OT, p.60)

Essa idéia lhe parece particularmente atraente em função do seu ineditismo: Freyre deseja ser o primeiro a fazer um estudo desse porte e dessa natureza, dentro e fora dos limites do Brasil. Seu projeto impressiona pelo que tem de grandioso e, até certo ponto, de pretensioso: seu desejo inicial é o de traçar uma história do menino no Brasil desde os tempos coloniais até o seu momento atual. A importância maior desse estudo não passa despercebida a Freyre, embora ainda não ocupe o centro de atenção. Aos poucos, essa idéia se vai alargando em novas dimensões e em outros sentidos:

*“E creio que só por meio de uma história desse tipo – história sociológica, psicológica, antropológica e não cronológica – será possível chegar-se a uma idéia sobre a personalidade do brasileiro. É o menino que revela o homem. Mas nunca ninguém aplicou esse critério ao estudo da formação ou do desenvolvimento nacional de um país.*

*Todo espaço, nas histórias convencionais – e talvez em todas até hoje escritas – é ou tem sido pouco para a glorificação dos adultos: e dentre os adultos, só os homens; dentre os homens, só os importantes como políticos e militares. É um erro. Deixa-se quase*

*inteiramente fora do projeto histórico, isto é, na sombra, a mulher; deixam-se quase na sombra os intelectuais, os lavradores, os artistas, os homens de ciência, os artesãos, os industriais, os comerciantes; os servos, os escravos; e ignora-se a presença – a simples presença – da criança, do menino, do adolescente.”*

(Idem)

Freyre começa a se interessar pelo que, dentro dos limites de uma região ou de um país, forma um conjunto de valores a que se pode chamar de regional ou nacional. Sua idéia de descoberta de uma possível identidade nacional passa pelo estudo da infância do brasileiro em geral e, em particular, do brasileiro do tipo comum, desdobrado em todos os seus significados sociais na vida prática: do artesão ao artista, do comerciante ao industrial, do lavrador ao intelectual. Esse interesse pelo homem comum é um dos aspectos fundamentais de CG&S. Pelo homem comum e pela vida comum, cotidiana, pelo que se esconde atrás de uma aparente normalidade.

*“A psicanálise veio mostrar que nada havia no mundo de mais anormal que a normalidade. E a ser a anormalidade, em si, mais interessante de se olhar e de se estudar que a normalidade, nós não precisamos, como os homens do século dezenove, de concentrar todo o nosso interesse em três ou quatro Lords Byrons ou dois ou três Baudelaires: é só prestar atenção, farejando a nota de anormalidade íntima, à gente que nos rodeia. Há Lords Byrons por trás de muito pince-nez de professora pública do município; por trás dos bigodes caídos no canto da boca de muito funcionário do Tesouro e da Prefeitura; por trás de muito olhar comum de tabelião ou de armazenário de açúcar.”*

(TM&OT, pp.55-56)

Seu contato com o homem comum, no entanto, ainda se limita ao que lê nos livros. Seu círculo de amizades conserva-se restrito aos que considera iguais em nível intelectual ou de classe. Frequenta a casa de Oliveira Lima, onde conhece barões e diplomatas e o apartamento em Nova Iorque de Vachel Lindsay, que sempre o recebe enquanto desenha. Visita catedrais para ouvir concertos de Bach. E o primeiro relato que ouve já adulto, em 1921, sobre o Brasil do século XIX não

vem de um homem comum, de um ex-escravo ou de um funcionário da Prefeitura, mas de uma senhora octogenária que teria sido uma “autêntica sinhazinha” “inteligente e fidalga”, filha de um escocês que no Brasil havia se tornado um dos reis do café. Em seu sobrado na *Madison Avenue* ela lhe mostra fotografias do palacete em que viveu no Rio de Janeiro; fala da admiração do pai pelos costumes brasileiros e de sua predileção pelos bolos e doces caseiros; dos trajes dos escravos e de suas mucamas, que ilustravam a riqueza dos senhores seus donos.

*“A velha Rundle cresceu como uma autêntica sinhazinha: ninada, mimada, servida por mucamas, negrinhas, negras velhas que lhe faziam todas as vontades. ‘Como não ter saudades de um Brasil onde fui tão feliz?’, pergunta-me ela servindo-me vinho do Porto. ‘E por que não voltou ao Brasil?’, pergunto-lhe eu. Mas não insisti na pergunta: a velhinha chorava. Chorava o seu Paraíso Perdido e esse Paraíso Perdido foi o Rio de 1850 – com todos os seus horrores; mas a que entretanto não faltavam grandes encantos. São assim as épocas: todas têm seus encantos e não apenas horrores de epidemias, imundície, crueldade.”*

(TM&OT, p.59)

Os primeiros relatos ouvidos por Freyre sobre o Brasil do século XIX, tanto na infância quanto na vida adulta, foram, portanto, expressão de um saudosismo de colonizadores, de senhores. Sua avó materna, antiga senhora de engenho, era a única a admitir que os tempos antigos tinham sido bons; a velha Rundle tem saudades de um Brasil específico, de uma época em que vivia cercada por escravos que lhe faziam as vontades. O *Paraíso Perdido* que chora e lamenta não foi devastado apenas pela epidemia de febre amarela, mas pela mudança dos tempos e das estruturas sociais. Ela fala de um país e de uma época que, segundo Freyre, não eram feitos apenas de crueldades<sup>3</sup>, mas também de encantos, dos quais ela desfrutava em sua confortável posição de sinhazinha. Tais encantos são relatados a Freyre de uma forma íntima, como se a ele fossem confidenciais segredos de uma juventude perdida, entre um cálice e outro de vinho do Porto. Era o ponto de partida para que começasse a escrever sua tese de mestrado, na qual a intimidade é trazida das alcovas para a sala de estar, desnudada aos olhos de quem mais observa do que lê, guiado já o leitor pelas imagens que mais tarde ressurgiriam com maior força e viço em CG&S.

Embora a motivação inicial para os primeiros estudos voltados para a intimidade doméstica no Brasil colonial e para as relações entre senhores e escravos tenha vindo de relatos de antigas sinhazinhas, Freyre começa a perceber a necessidade de ouvir o outro lado para poder completar as lacunas deixadas pela História. *“Não é possível compreender-se o Senhor”,* registra ele em seu diário, *“sem se compreender o Escravo”*.

## 2. O Europeu Visto por um Brasileiro e um Brasileiro Visto pelo Europeu

*“A Europa é para um brasileiro verdadeiramente um outro mundo: o ‘Velho Mundo’ da frase feita, em contraste com o modo do Brasil ser novo: parte nem sempre nova do chamado Novo Mundo. Este modo brasileiro de ser ‘novo’, aliás, contrasta com o dos Estados Unidos: mais ostensiva ou escandalosamente novo nas aparências que o Brasil. Enfim, dois mundos distintos do Brasil e da América do Sul, mas distintos de nós cada um à sua maneira: a Europa e os Estados Unidos. O chamado ‘Velho Mundo’ e o Centro – como é decerto, hoje, o Norte dos Estados Unidos – do Novo Mundo são mundos diferentes do Sul-americano. Particularmente – penso eu – do brasileiro.”*

(TM&OT, p81)

Concluídos os estudos em Columbia, Freyre excursiona pela Europa, começando pela França. Em Paris, conhece os cafés freqüentados por seguidores do *Félibrige*, movimento criado por Mistral. É convidado por um conhecido a ir à casa de Ezra Pound. Recusa por não encontrar um motivo que justificasse essa visita e não o fizesse parecer “um curioso, a querer ver de perto monumentos humanos”, ou seja, quer ser reconhecido e tratado como um igual. Depois de Paris, passa alguns dias em Berlim, Nuremberg e Munique, visitando museus. Em todos nota lacunas no que diz respeito a estudos sobre o Brasil, “ao riquíssimo tema antropológico que é o Brasil”. Em Oxford, começa a “sentir a força dos limites, das fronteiras, das origens” e, enquanto observa a vida para ele estrangeira e na posição de um estrangeiro em terras européias, pensa em voltar para o Brasil e consagrar-se escritor.

À semelhança do que faria alguns anos mais tarde com o português, o indígena e o africano, Freyre observa nos europeus tendências para determinadas

qualidades do corpo ou do espírito que lhe ajudam a compor um painel de cada país e a formar uma idéia do caráter de cada povo. Observa detalhes arquitetônicos, pictóricos, comportamentais. Cada experiência sensual, seja auditiva, visual ou gustativa, é ponto de partida para reflexões sociológicas, registradas em seu diário. Ao interesse pelas manifestações artísticas (em plena efervescência na Europa de então) vem somar-se o interesse pela culinária, pelo vestuário, pelas crenças, pelos costumes. Em Paris, acompanhado por um casal de remanescentes da nobreza francesa, sente-se como que transportado a um outro mundo, um mundo já acabado, como ele o define. Na Alemanha, surpreende-se com a “arte das tabuletas”, ou seja, dos reclames, e com a miséria e a prostituição. Por toda a parte busca características que possam identificar o tipo comum de alemão, de francês, de inglês. Quando julga encontrá-las, estabelece comparações entre as diferentes nacionalidades. As conclusões a que chega abrangem as mais variadas categorias: conclui que o inglês é supersticioso, formal e autocrítico, enquanto o francês é “absolutamente lógico e desdenhoso do inglês contraditório”; que os alemães são superiores aos norte-americanos na arte culinária e que as mulheres alemãs são belas, embora lhes falte a “graça francesa ou nova-iorquina”; que toda a Europa está atrasada na “arte do calçado”, à exceção da Itália, e que talvez seja por isso que os pés calçados das alemãs estejam “longe de ter a elegância dos das moças brasileiras”. Embora tais conclusões sejam baseadas em observações e impressões pessoais e tenham, portanto, o seu muito de subjetivo, o tratamento que Freyre dá a esses diferentes assuntos assume já um rigor quase científico. Ao lado de expressões como “parece-me que” ou “dizem que”, a indicar sugestões ou incertezas, figuram observações dignas de nota sociológica.

Enquanto observa o estrangeiro, Gilberto Freyre é por ele observado. Mas ele não é um estrangeiro qualquer. É um brasileiro, um cidadão vindo daquela parte ainda muito pouco conhecida do Novo Mundo, da qual pouquíssimos nomes de significado na literatura, nas ciências ou nas artes em geral tinham já cruzado o oceano.

*“A propósito – diz-me ele – V. que é brasileiro conhece na sua terra natal um general chamado...’ Não se lembra logo do nome. Afinal sai-se com uma caricatura de nome que mesmo estropiado parece mais espanhol que português; pois é possível que, bom francês,*

*o felibiste esteja a confundir o Brasil com a Bolívia. Ou mesmo com a Nicarágua.”*

*(TM&OT, p. 82)*

Também não é um brasileiro qualquer: é estudado, culto, esclarecido e educado. Não causa estranheza, portanto, o fato de a todo instante ter sua nacionalidade confundida ou questionada, como vemos em vários trechos de seu diário:

*“Ainda ontem, aqui no hotel, à lareira, estávamos um casal inglês - pareceu-me de província - e eu. A certa altura a senhora em voz muito melíflua me perguntou: é persa?*

*Respondi um tanto surpreendido que não: que era brasileiro. Ela disse um ‘ah!’ vago de quem desconhecia o que fosse o Brasil. Mas voltou à Pérsia com entusiasmo: ‘Já estivemos na Pérsia. É um lindo país. Uma gente esplêndida!’*

*Senti que o elogio me alcançava, pois, antes de dirigir-me a palavra ela e o marido haviam decidido britanicamente, por unanimidade parlamentar, que eu era persa.*

*Mas seguiu-se elogio mais particular ou pessoal, embora ainda dentro do geral: como persa. A inglesa apontou para minhas mãos e disse: ‘Mãos finas, as suas. Todos os aristocratas persas têm mãos assim. ‘*

*(p.96)*

*“Mrs. C. também pensa que eu sou persa e desconfia que haja no pobre de mim um príncipe encantado.”*

*(p.105)*

*“Passarei por Espanha. Também de novo pela França. Howard (Júnior) diz que eu me sentirei espanhol na Espanha. Que o que eu sou é espanhol.”*

(p.101)

*“O barbeiro italiano aonde fui ontem cortar o cabelo pensou que eu era italiano. Ou espanhol? Brasileiro!”*

(p.107)

O brasileiro que poucos anos mais tarde seria precursor do movimento regionalista no Brasil e cuja primeira e grande obra seria inteiramente dedicada ao caráter do povo brasileiro e ao elogio da mestiçagem não correspondia à imagem que o estrangeiro fazia do brasileiro. Não apenas em função de sua aparência física, mas também devido aos seus modos educados e à sua precoce erudição. Por toda a parte, Freyre é visto mais como um igual do que como um estrangeiro. E é assim que, em Oxford, ele se sente como se estivesse em seu “ambiente ideal” e “valorizado como em nenhum outro lugar” e “como por nenhuma outra gente”. Mas, quando revela aos outros sua origem, percebe que se torna alvo de uma curiosidade e de um espanto próprios de quem “desconhecia o que fosse o Brasil”. E talvez já intua que, de alguma forma, caberia a ele dar esse Brasil a conhecer ao estrangeiro.

#### 4. Sexualidade & Superstição

O crescente interesse de Freyre por temas que até então não eram os mais atraentes para o estudo da sociologia, como a culinária como expressão da cultura de um determinado povo ou comunidade, a sua aguçada percepção para detalhes aparentemente insignificantes e a sua capacidade de estabelecer relações lógicas entre elementos distantes, como a arquitetura e o vestuário, desenvolvidos na Europa, viriam a ser, pouco mais de dez anos depois, alguns dos cerne de CG&S, bem como de obras posteriores. Também seu interesse sociológico por práticas e hábitos sexuais como um dos mais relevantes e reveladores aspectos característicos de um povo:

*“Será que a arte sexual, no Ocidente, é especialmente francesa? Não será tão inglesa quanto francesa em certos pontos? A mulher anglo-saxônica não será uma sensual? Da minha experiência nos Estados Unidos, lembro-me de louríssimas anglo-americanas sôfregas de sugarem de um adolescente moreno o que uma delas me disse ser a ‘seiva dos trópicos’. Parece-me uma tendência – a tendência para sucção – ainda mais de inglesas que de francesas.”*

(TM&OT, p.95)

Na Europa, Freyre teve experiências de toda sorte e natureza, inclusive homossexuais, poucas e insatisfatórias, segundo declarou em entrevista, já na velhice. Em seu diário, embora não haja relatos, ao menos explícitos, de experiências desse tipo, talvez por pudor ou receio, há a ocorrência de inúmeras passagens em que o autor narra namoros, namoricos, idílios. Com americanas, belgas, italianas, inglesas. Nenhuma delas, no entanto, teria lhe proporcionado os “extremos de gozo” de que só a mulata, segundo ele o tipo físico que melhor representa a mulher brasileira, seria capaz. Nenhuma que tivesse o mesmo sabor daquela primeira experiência incompleta com mulata empregada da família. Sabor que Freyre só voltaria a experimentar quando de volta ao Recife. Dessa forma, quando sentencia que há por parte do brasileiro uma predileção sexual pela mulata e que essa predileção está ancorada em razões históricas, Freyre fala com conhecimento de causa e em defesa de causa própria.

Quando publicado pela primeira vez, CG&S foi chamado de livro pornográfico, apelidado por alguns de “Casa-grande sem sala”, dada a enorme importância dedicada pelo autor à cozinha e às alcovas, ou seja, à culinária e à vida sexual dos engenhos. De fato, o tratamento dado por Freyre a questões ligadas à sexualidade, sobretudo às relações entre o colono branco e a escrava negra ou mulata é bastante ostensivo. Cabe a Freyre o mérito de ter percebido que a sexualidade é expressão não apenas do indivíduo, mas de um povo, e a de trazê-la para o centro da discussão sociológica, mostrando que as relações entre senhores e escravos envolvem circunstâncias históricas. Tais circunstâncias, segundo ele, teriam sido a escassez de mulheres brancas e a ausência, no colonizador português, do que ele chamou de “orgulho de raça”. O sistema monocultor e escravocrata permitiu ao senhor de engenho uma relativa ociosidade, própria de quem mais manda do que

faz, propícia para que ele se voltasse, com todas as forças do corpo e do espírito, para o amor físico. Além das circunstâncias históricas, as condições climáticas: o clima tropical, o *“ar mole, grosso, morno, que cedo nos parece predispor aos chamegos do amor e ao mesmo tempo nos afastar de todo esforço persistente”* teria agido sobre a população brancarana, criando uma atmosfera favorável à prática sexual. Índias e negras andando nuas ou semi-nuas, como que se oferecendo aos *“caraíbas gulosos de mulher”*. Tudo era, pois, fator favorável à miscigenação.

O interesse do europeu, sobretudo do português, pelo tipo da mulher morena ou mulata parece encontrar correspondente no interesse da européia ou da anglo-saxônica pelo homem sul-americano. Pelo menos é o que nos dá a entender Freyre em seu diário, quando diz ter se sentido, na Inglaterra, um *“Romeu moreno entre louras Julietas”*. Surpreende-se com o assédio, tanto feminino quanto masculino, o *“nativo do trópico criado entre mulheres de cor”*. Enquanto o jovem se deixa seduzir e arrastar pelo fluxo dos acontecimentos, o sociólogo examina, pondera, classifica como *“tendência”* o que poderia ser apenas indicio de inclinação ou gosto pessoal.

Sua atração pelo místico, pelo que há de crença ou credence na história e no caráter do indivíduo e da coletividade, herdado do poeta irlandês Yeats, também encontra na Europa motivo para se manifestar:

*“Ninguém mais supersticioso que o inglês. Inclusive o inglês superior, culto, lúcido. Noutros países os requintados têm todos pena dos supersticiosos. Decerto imaginam que as superstições empobrecem e azedam. Mas o que sucede é o contrário. As superstições enriquecem a vida. Para o indivíduo limpo de superstição – como o francês absolutamente lógico e desdenhoso do inglês contraditório – um gato preto é um gato como outro qualquer. (...) Terá, quando muito, uma sugestão literária. Para o supersticioso o gato preto é muito mais que um gato mourisco ou um gato alaranjado; muito mais que um simples gato; muito mais, ainda, que uma sugestão literária ou estética. De modo que a superstição, alongando misticamente o sentido de certas coisas e de certos bichos e de certas experiências, faz do mundo do supersticioso um mundo maior que o da pessoa de espírito ‘livre’. (...) Bichos e coisas que lhe rodeiam, fatos que se sucedem, histórias que aconteceram, tudo tem uma ligação com a sua vida; e o mundo um ar e um gosto de casa própria; de casas com intimidades ou particularidades impossíveis de se tomarem coletivas”.*

(TM&OT, p.98)

A superstição mencionada por ele, à guisa de exemplo, no entanto, é mais

coletiva que individual: faz parte do imaginário coletivo e é bastante comum em alguns países a associação do gato preto a práticas maléficas de bruxaria ou feitiçaria. Em CG&S, Freyre assinalou o uso de animais (sapos, cobras, galinhas, morcegos) em rituais mágicos com finalidade sexual ou amorosa, prática trazida pelo negro africano. O tema da superstição é recorrente: as superstições e crenças do português, a maioria delas ligada ao catolicismo, tornando os santos aliados de moças casadoiras, de velhas solteironas, de mulheres estéreis:

*“As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João (...) visam no Brasil, como em Portugal, a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. No Brasil faz-se a sorte da clara de ovo dentro do copo de água; a da espiga de milho que se deixa debaixo do travesseiro, para ver em sonho quem vem comê-la; (...) a da bacia de água, a das agulhas, a do bochecho. Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antônio. (...) É um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil.”*

(CG&S, pp. 246-247)

A essas superstições e crendices vieram se juntar as do indígena e as do negro africano, mais ligadas ao universo do sobrenatural, povoando o imaginário coletivo, sobretudo o infantil, de seres extraordinários, mistura de gente e bicho:

*“Novos medos trazidos da África, ou assimilados dos índios pelos colonos brancos e pelos negros, juntaram-se aos portugueses, da côca, do papão, do lobisomem; ao dos olharapos, da cocaloba, da farranca, da Maria-da-Manta, do trangomango, do homem-das-sete-dentaduras, das almas penadas. E o menino brasileiro dos tempos coloniais viu-se rodeado de maiores e mais terríveis mal-assombrados que todos os outros meninos do mundo.”*

(CG&S, p. 328)

E Freyre segue enumerando esses terríveis seres que assombravam o menino de engenho, alguns dos quais seriam reunidos em 1955 nas páginas de *Assombrações do Recife Velho*. Deles, o mais significativo para o nosso estudo é o lendário Cabeleira, cangaceiro que espalhou o terror em Pernambuco no século

XVIII, figura resgatada por Franklin Távora em *O Cabeleira*, romance regionalista que narra a saga do herói-bandido dos canaviais. José Gomes era seu nome de batismo, embora tenha permanecido na memória e na tradição oral pernambucanas pela alcunha que lhe foi dada ao longo de sua vida de crimes e atrocidades. Távora buscou nas trovas populares a história de Cabeleira, que teria sido levado para essa vida desregrada pelas mãos do próprio pai, Joaquim Gomes. Ao lado do pai e de outro companheiro, o Cabeleira teria aprontado : roubos, saques, assassinatos e toda a sorte de violências. Encontrou seu fim na ponta de uma corda : foi enforcado em 1776 a mando de José César, então governador de Pernambuco.

*“O Cabeleira, o bandido dos canaviais de Pernambuco, que foi afinal enforcado, é outro que tornou-se quase um fantasma. Quase um Quibungo. Não houve menino pernambucano que do fim da era colonial até os princípios do século XX - o século da luz elétrica, que acabou com tanto mal-assombrado bom, para só deixar os banais, das sessões de espiritismo - não tremesse de horror ao ouvir o nome de Cabeleira. A negra velha só tinha de gritar para o menino chorão : " Cabeleira vem aí !" E o menino se calava logo, engolindo o choro, entre soluços :*

*Fecha porta, Rosa,  
Cabeleira eh- vem  
Pegando mulheres,  
Meninos também !”*

(CG&S, pp. 328-329)

Cabeleira também aparece em outras obras de Gilberto Freyre. Aparecer talvez seja o verbo justo : aparição de um fantasma. A história do Cabeleira povoou durante anos o imaginário do menino Gilberto, até o momento em que Freyre a resgatou e a transformou em objeto de estudo, depositando-a na estante do folclore recifense. Essa tentativa de exorcizar o fantasma resultou em várias descrições do bandido. Sua história é narrada com maior ou menor comprometimento do sujeito para com o objeto de estudo em pelo menos três das obras de Freyre. Cabeleira é mencionado, ainda como homem, em *Nordeste*, quando o autor trata da relação entre o recifense e os rios. Depois, já transmudado em alma penada pelo imaginário

popular, em CG&S e em *Assombrações do Recife velho*.

*“Assaltavam-se casas, de bote. Ladrões, assassinos, donjuans, parece que o próprio Cabeleira, o grande bandido dos canaviais, vinham ao Recife dentro de botes, canoas, jangadas, nas noites de escuro.”<sup>34</sup>*

*“Cabeleira, o bandido dos canaviais, veio, certa vez, ele próprio, em pessoa, com toda a sua ira de monstro, até as pontes do Recife, ao próprio centro da cidade ilustre, assombrando recifenses até então acostumados a incursões de piratas ou de corsários estrangeiros, saídos do mar, mas não a ser assaltada por demônios vindos do próprio interior da região.*

*Durante longo tempo, o recifense viveu sob o terror desse bandido com alguma coisa do próprio satanás : Cabeleira. Cabeleira ! Cabeleira ! Cabeleira eh-vem !*

*Rosa que fechasse a porta : Cabeleira, embora enforcado, podia aparecer de novo nas ruas do Recife vindo, outra vez, de canoa, dos canaviais de Pau-d’Alho. Mulheres e meninos do Recife que se escondessem : Cabeleira era capaz de surgir de novo a qualquer momento para chupar-lhes o sangue, arrancar-lhes os olhos, cortar-lhes os seios ou as pirocas, devorar-lhes os fígados, levar-lhes as jóias, roubar-lhes os cruzados. Pais e mães que dessem criação aos seus filhos : Cabeleira se danara em demônio por falta de criação.<sup>35</sup> Cabeleira existiu. Existiu até que os pés de cana de Pau-d’Alho um dia se tornaram pés de gente para cercá-lo e prendê-lo.<sup>36</sup> Os pés de cana tinham sido seu esconderijo. Ele manchava de sangue muita terra de açúcar. Chegou a vez das canas-de-açúcar acabarem com o vil sanguinário.*

*Entretanto, morto Cabeleira para o recifense civilizado, tanto quanto para o matuto esclarecido do interior, ele passou, para muita outra gente, a mais que existir : a subsistir à própria morte. A existir como um mito. E esse mito, um mito de terror. Uma assombração. Só o nome – Cabeleira, Cabeleira, Cabeleira ! - assombrava. Morrerá ? Fora enforcado ? Fora justificado ? Mas quem tinha, como ele, pacto com o Diabo, morto tornava-se assombração. Cabeleira subsistiu para os recifenses como assombração até quase os nossos dias.<sup>37</sup>*

*Ao dizer que “não houve menino pernambucano que do fim da era colonial até os princípios do século XX não tremesse de horror ao ouvir o nome de Cabeleira”,*

<sup>34</sup> Gilberto Freyre, *Nordeste*, Rio de Janeiro, Record, 1989, p. 60.

<sup>35</sup> Freyre certamente faz referência às trovas populares, citadas por Távora : “Quem tiver seus filhos/ Saiba-os ensinar;/ Veja Cabeleira /Que vai a enforçar.”

<sup>36</sup> Idem. “Cada pé de cana era um pé de gente.”

<sup>37</sup> Gilberto Freyre, *Assombrações do Recife velho*, Riode Janeiro, Topbooks, 2000, pp. 59-60.

Freyre certamente estava incluindo a si próprio nesse grupo. Também ele, menino, estava entre a “muita outra gente” para quem o bandido teria subsistido à própria morte. Em artigo escrito por ele em outubro de 1942 para o jornal *A manhã*, do Rio de Janeiro, publicado posteriormente em *Coisas, pessoas & animais* com o título “São Severino do Ramo”, Freyre relata o que teria sido a noite mais “sinistra” de sua vida. Tinha então sete anos e voltava, tarde da noite, à garupa do tio, da cidade de Pau-d’alho para o engenho da avó materna.

*“Creio que o meu grande medo naquela noite de chuva e trovão, de volta de Pau d’Alho a São Severino pelo meio dos canaviais, vinha da impressão da cantiga do Cabeleira :*

*‘ Cada pé de cana era um pé de gente’.*

*Pois foi em canaviais de Pau d’Alho - e talvez de São Severino - que Cabeleira andou escondido. Cabeleira : um dos pavores de minha meninice.”*

*“À voz de*

*‘Fecha porta, Rosa,  
Cabeleira eh - vem  
Pegando mulheres  
Meninos também”*

*muitas vezes me encolhera cheio de medo, dentro de casa. E agora era aquela ‘Fecha porta, Rosa, Cabeleira eh- vem’ que me doía nos ouvidos a cada estrondo de trovão, em pleno descampado de terras de engenho, sem porta nenhuma de casa que nos guardasse das garras do bicho : pois estávamos nos próprios canaviais do monstro. Cabeleira morrera, sim, eu sabia que morrera, enforcado. Enforcado e dizendo que o pai é que lhe ensinara a matar. Mas isso de ter morrido não contava para monstros. E eu sempre ouvira do bandido dos canaviais de Pau d’Alho que tinha sido um monstro. Um monstro horrivelmente cabeludo, unhas enormes e amarelo que nem lobisomem.”<sup>38</sup>*

Relatar a história do cangaceiro, com toda a aura de superstição e mistério que a envolveu, é para ele como estudar o passado *tocando em nervos*. Cabeleira não é apenas personagem do folclore recifense : antes de tudo, ele é um

<sup>38</sup> Gilberto Freyre, *Pessoas, coisas & animais*, p.12.

personagem da história do próprio Gilberto Freyre, o maior de seus medos e crendices de infância.

O interesse de Freyre por histórias de assombrado, assim como pelo papel desempenhado pela negra escrava ou pela mulata subalterna na formação sexual do brasileiro, interesse que beira a fixação, é anterior ao sociólogo: é o interesse de um homem pelo seu próprio passado.

## V. TEMPO REENCONTRADO

## 1. Em Busca do Menino Perdido

“Deixei o Brasil, ainda menino, e venho revê-lo homem feito. Venho revê-lo com outros olhos: os de adulto. Adulto viajado pela América do Norte e pela Europa. Adulto como se diz em inglês, sofisticado. Edifícios que aos meus olhos de menino pareciam grandiosos e dos quais eu guardei, nestes cinco anos de ausência absoluta, impressão de grandiosidade, surgem-me agora tão mesquinhos que sinto necessidade de reajustar-me não só a cada um deles como aos conjuntos de valores a que eles pertencem.”

(TM&OT, p. 125)

Essa anotação, que marca o retorno de Freyre ao Recife, em 1923, revela a consciência de que as circunstâncias de sua volta são completamente diversas das de sua partida e a necessidade de se ajustar à realidade que encontrou. Não apenas é outra a realidade, como é outro ele próprio: viajado, estudado, sofisticado. Sua recepção é calorosa por parte de familiares e amigos, mas Freyre vê com alguma surpresa que já coleciona um considerável número de desafetos, que o recebem a paus e pedras. Isso se deve, entre outras coisas, ao fato de que o Brasil do começo dos anos vinte do último século está voltado para as aspirações culturais dos modernistas, que se aglutinavam sobretudo em São Paulo. Tais aspirações tinham sua fonte nos movimentos europeus considerados de vanguarda, com os quais Freyre havia tido contato direto, e sua porta de entrada no Recife era o jornalista Joaquim Inojosa, que se fizera porta-voz do movimento modernista. Inojosa estivera em São Paulo durante a Semana de 22. Como Freyre, retorna ao Recife cheio de expectativas. Torna-se o principal articulador do modernismo no Nordeste e seu veículo de divulgação do movimento é o *Jornal do Commercio*. Mas seu nome entrou para a História menos pelas suas eventuais qualidades como jornalista e crítico literário do que pelas polêmicas que fomentou. A mais conhecida envolvia o próprio Freyre e uma suposta farsa cronológica: segundo Inojosa, Freyre teria forjado o fato de que seu *Manifesto Regionalista*, publicado em 1952, seria a publicação tardia de um manuscrito datado de 1926 e lido durante um Congresso no Recife, com o intuito de se mostrar um antecipador de idéias. Tal polêmica não encontrou ainda sua pá de cal definitiva. De tempos em tempos, retoma-se a antiga

discussão. Mas Inojosa foi para Freyre o que é um mosquito no lombo do boi: zumbido incômodo, picada ardida, mas não letal. De qualquer forma, em seu retorno ao Recife, Freyre encontra, por parte de alguns, alguma resistência às suas idéias e à sua pessoa. Quando as palavras de ordem são modernidade e futuro, Freyre aparece clamando por passado e tradição. Foi, claro, acusado de retrógrado e reacionário.

“O que sinto é que sou repellido pelo Brasil a que acabo de regressar homem, depois de o ter deixado menino, como se me tivesse tomado um corpo estranho ao mesmo Brasil. É incrível o número de artigos e artiguetes aparecidos nestes poucos meses contra mim; e a insistência de quase todos eles é neste ponto: a de ser eu um estranho, um exótico, um meteco, um desajustado, um estrangeirado. Sendo um estrangeirado – argumentam eles – é natural que não me sinta mais à vontade no Brasil. E se não me sinto mais à vontade no Brasil, se não sei admirar Rui Barbosa na sua plenitude, se não me ponho em harmonia com o progresso brasileiro nas suas expressões mais modernas, antes desejo voltar aos dias coloniais – uma mentira – se isto, se mais aquilo, por que não volto aos lugares ideais onde me encontrava, deixando o Brasil aos brasileiros que não o abandonaram nunca por tais lugares?”

(*TM&OT*, p. 128)

“Agora é moda ser meu inimigo”, dizia Freyre, recordando a máxima de um Wanderley seu parente. Em alguns momentos, chegou a questionar sua própria decisão de retornar ao Brasil e ao Recife, por sentir-se incapaz de um ajustamento intelectual. Nos primeiros meses, volta-se então quase inteiramente para suas origens e para suas recordações: *“Isto é o principal: esta recuperação sentimental. A adaptação intelectual é secundária.”*

Esse desejo de recuperação sentimental revela-se uma busca pelo próprio passado, pela infância, passando pelas experiências de engenho e pelas relações familiares. Estas, se em alguns aspectos permanece a mesma, em outros, revela-se completamente diferente. A relação de Freyre com o pai foi durante muito tempo reservada e distante, em parte devido à severidade de Alfredo Freyre, mais

professor de Latim, e dos mais exigentes, do que pai. Pelo menos até o retorno de Freyre ao Recife, completados seus estudos no exterior. O retorno dos filhos à casa paterna e o avanço inexorável dos anos parecem ter amolecido o velho Freyre, que agora recebia, e calado, as críticas a ele dirigidas pelos filhos doutores:

*“Curioso como eu e meu irmão nos sentimos, diante de vários problemas, em situação de críticos de um Pai que, a nosso ver, precisa de ser retificado pelos filhos. Curioso, também, como o Pai assim criticado pelos dois filhos vem cedendo às retificações por eles sugeridas – ele que, aos nossos olhos de meninos, nos parecia tão exigente.”*

(TM&OT, p.140)

É a comparação inevitável entre o que foi e o que passou a ser o que move esse período de reencontro de Freyre com suas origens, ao qual ele próprio chamou de “fase de intensa proustianização”. E melhor definição não há: o seu retorno ao Recife é marcado pela visão proustiana da relação do homem com o tempo, e, mais ainda, do homem com o espaço. Segundo Georges Poulet, o personagem proustiano não se empenha unicamente na busca pelo tempo perdido, mas também pelo espaço perdido. Isso porque *“o fenômeno da lembrança proustiana não tem somente por efeito fazer com que o espírito oscile entre duas épocas distintas: força-o a escolher entre lugares mutuamente incompatíveis”*<sup>39</sup>. No caso de Freyre, podemos falar em três lugares, ou três espaços distintos: o Recife de sua infância, os Estados Unidos e a Europa de sua juventude e o Recife de sua vida adulta. A incompatibilidade entre o primeiro e o último espaços se dá em função do tempo transcorrido entre o momento da partida e o do retorno e das mudanças que se processaram tanto no objeto quanto no sujeito, talvez mais ainda neste último. Nos seus primeiros dias em Nova Iorque, refletindo sobre as ricas ilustrações que acompanham alguns livros, Freyre afirma que os olhos do menino são “mais impressionáveis que os dos homens”. *“Eu próprio”, diz ele, “sinto que já não vejo tanto quanto via há cinco anos”*. Em 1922, em sua primeira noite em Paris, lamenta não ter conhecido a cidade “com olhos ainda de menino”. Quando volta ao Recife, o olhar que lança à cidade é um olhar de adulto. Quando expressa o desejo de rever o engenho onde passou parte da infância, espera, mais do que revê-lo, reencontrá-lo, e reencontrar a si mesmo: o menino perdido cuja história deseja transcrever e

<sup>39</sup> Georges Poulet, *O espaço proustiano*, Rio de Janeiro, Imago, 1992, p.16.

transmudar em objeto de estudo. Mas esse reencontro não acontece, porque sujeito e objeto só se encontram em perfeita conjunção no plano abstrato da lembrança. O confronto entre o engenho de sua infância, o espaço da perfeição que só existe no passado e na memória, e o engenho que subsiste a si mesmo e às mudanças externas produz uma sensação de incompletude:

*“Um dos meus maiores desejos agora é rever o São Severino dos Ramos, o engenho da minha meninice. A casa-grande & senzala, o engenho mesmo.*

*São Severino dos Ramos: o engenho onde brinquei menino! Um velho engenho perto de Pau-d’alho de gente da minha Mãe, que também o conheceu menina.*

*Encontrei-me já com Jorge, meu primo, da gente de São Severino. Perguntei-lhe pelo Engenho. Ele me disse que estava aquilo mesmo. São Severino – o santo – sempre muito festejado na sua capela que era também a capela da casa-grande. O Capitão – o velho Chico de Sousa Melo – morrera. Morrera Cazuzza. Morrera Basílio. Joca se suicidara. Mas as ‘meninas de São Severino’ continuam vivas e sãs: Rosalina, Calu, Maroca. Se eu já deixei de ser menino, imaginem ‘as meninas’ que eu, ainda muito pequeno, conheci já velhotas! Morrerão ‘as meninas de São Severino’. Rosalina fazendo alfenim para os meninos de verdade. Calu muito magra. Maroca muito gorda. As duas muito sinhás nos modos: recebendo as visitas com vinho do Porto e biscoitos ingleses dos melhores.(...)*

*Eu me recordava de João de Sousa melo – Joca – como o vira no Engenho: todo senhoril no seu fato branco a contrastar com o belo moreno de sua figura. Figura como a de tantos pernambucanos de velhas famílias com o seu toque de sangue ameríndio. Com alguma coisa de oriental, de árabe ou hindu, no porte e na aparência. João de Sousa Melo. Joca. Joca de São Severino. Quem diria que aquele homem sempre alegre era um romântico capaz de suicidar-se, parece que por amor não correspondido.”*

(TM&OT, p.126-127)

O binômio que viria a nomear a grande obra de Freyre aparece pela primeira vez em seu diário: casa-grande & senzala. O engenho, segundo o primo de Freyre, estava *aquilo* mesmo. Quanto significado cabe em um indefinido bem empregado! O “aquilo” a que Freyre se refere compreende um sem-número de qualificações, todas ligadas às suas recordações de infância. Foi em São Severino que o menino Gilberto observou o processo de fabrico de mel e de açúcar, andou a cavalo e tomou banhos de rio: a sua Pasárgada. Mas o lugar de que ele se recorda não é o mesmo que

existe fora dos limites da memória. Suas fundações estão, pouco a pouco, desaparecendo. Morreram os homens da família. Um deles se suicidara, talvez menos por amor não correspondido do que por não ter suportado a já então inevitável decadência. Em artigo que já mencionamos, Freyre diz do engenho de São Severino:

*“A casa grande ainda está de pé. E lá continuam a viver, velhinhas, mas ainda fortes, as duas Sousa Mello, senhoras do São Severino da nossa meninice : nossas primas Calu e Marocas. Calu sempre magra ; Marocas sempre gorda. Já não me lembro é do nome da parenta velha que fazia alfinim.”<sup>40</sup>*

A casa grande *ainda está de pé*, como espécie de símbolo de resistência ao tempo. Também resistem as primas, que *continuam* a viver. Uma *sempre* magra, a outra *sempre* gorda, como se nada tivesse mudado, ou como se as mudanças tivessem se mantido do lado de fora desse mundo, externas. Mas há no texto do diário indícios de que esse tempo está, por assim dizer, “definitivamente morto”. Antecipando um pouco a questão do estilo freyriano, vejamos o efeito causado pelo emprego de frases curtas:

*Morrera Casusa. Morrera Basílio. Joca se suicidara.*

Nenhum evento apresenta caráter mais definitivo do que a morte. Esse caráter é explicitado pela frase seca e curta que apenas informa, relatando o ocorrido, mas não as circunstâncias. Estas se revelam desnecessárias, já que não alterariam os fatos. O emprego do verbo no pretérito mais que perfeito parece indicar que a morte dos membros da família se perde em tempos imemoriais, impossível precisar quando ocorreu. A sucessão de mortes na família, dos patriarcas da família, assim descrita e enumerada, aponta para uma realidade de dimensões maiores: a ruína de tempos que, acreditava-se, tinham sido bons.

O efeito produzido pelo emprego de frases curtas e nominais em “*João de Sousa Melo. Joca. Joca de São Severino*” é completamente outro: há um acréscimo de sentido na passagem de uma à outra frase. Assim se vai do conhecido dono de engenho pernambucano João de Sousa Melo ao íntimo e familiar “Joca”. Este, por

---

<sup>40</sup> Gilberto Freyre, “São Severino do Ramo”, in *Coisas, pessoas & animais*, p.11.

sua vez, é particularizado na frase seguinte pelo nome de sua propriedade, que funciona quase como um nome de família. É bastante comum em regiões brasileiras de tradição acentuadamente rural referir-se à pessoa pelo nome do lugar que habita ou em que trabalha. Ao fazendeiro soma-se o nome de sua fazenda, ao padre, o nome de sua paróquia, ao comerciante, o nome de seu estabelecimento e assim por diante. Mas o Joca de São Severino não deixa de ter uma certa aproximação com o personagem proustiano. Citando uma vez mais Georges Poulet: *“Ora, os nomes de família, especialmente os nomes de famílias nobres, têm essa particularidade de ser ao mesmo tempo o nome de um lugar e o nome de uma pessoa, e de amalgamar numa entidade única os dois ingredientes de que necessita a imaginação proustiana.”*<sup>41</sup> Poulet cita, entre outros, a duquesa de Guermantes. Em função desse expediente, *“os prestígios e mistérios dos lugares tornam-se prestígios e mistérios humanos”*. Tal é a força coesiva entre o lugar e o indivíduo ou grupo que nele vive, que Calu, Rosalina e Maroca “morrerão as meninas de São Severino”; no que Freyre acentua o aspecto temporal (a passagem do tempo não alterou o costume, e suas primas serão sempre chamadas de “meninas”), acentuamos o espacial: sua memória será sempre evocada em função do lugar em que nasceram e viveram até seus últimos dias, ainda que tal lugar deixe de existir.

Como o engenho, os rios da infância de Freyre também podem ser considerados um espaço à parte, como ocorre no conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, em que o espaço é o próprio rio e seu entorno, em suas múltiplas dimensões e possibilidades. Em *CG&S*, Freyre destacou a importância dos rios pequenos e regulares para a manutenção da vida dos engenhos. Nos rios, brincavam curumins e banhavam-se nuas as índias, como nereidas fluviais. Também os meninos da casa-grande habituaram-se aos banhos de rio. Em *Tempo morto & outros tempos*, Freyre também fala da relação que se desenvolve entre o homem, mais especificamente o brasileiro, e mais ainda o recifense, e o rio:

*“É incompleto o homem a quem falta um rio no qual ele pense até em desaparecer, quando a incompreensão dos outros homens for tão grande que ele precise de voltar ao ventre da água. É incompleta a cidade ou a província a que falte um rio que ligue todos os seus efêmeros presentes com o seu passado e o seu futuro.”*

---

<sup>41</sup>Georges Poulet, *O espaço proustiano*, p.34.

(TM&OT, p. 145)

O reencontro de Freyre com os rios de sua infância foi assim registrado em seu diário:

*“O rio Una: cresci ouvindo falar em rio Una. Nele e no seu pitu. Também em Tamandaré: ‘aí devia ser o porto de Pernambuco’, sempre me disse meu Pai, repetindo à minha meninice o que, menino, ouvira do meu Avô.*

*Explica-se assim que ao rever, com P.P., Tamandaré, o Una, Serinharém, Rio Formoso, Água Preta, Porto Calvo e, ao longe, a ilha de Santo Aleixo, eu tenha tido uma perfeita impressão de déjà vu; e ao saborear pitu em Japaranduba o tenha saboreado com alguma coisa de equivalente ao déjà vu no paladar: sentindo no seu gosto um delicioso gosto conhecido. Conhecido e amado.”*

(TM&OT, pp.152-153)

O que primeiro nos chama a atenção é a referência quase explícita ao universo proustiano: o pitu é, para Freyre, o que é a *madeleine* para Proust, e tal aproximação dificilmente teria sido meramente casual. A sensação de *déjà vu* provocada pelo paladar não é uma descoberta freyriana; ele toma de empréstimo ao escritor francês a descrição desse processo, influenciado que está pela leitura de Proust. Nada mais adequado a esse momento de mergulho profundo nas águas turvas da memória.

Mas há outro dado que não deve passar despercebido: algumas das lembranças que Freyre evoca não são propriamente suas. Ele se recorda de que cresceu ouvindo comentários do pai sobre este ou aquele rio. O pai, por sua vez, teria ouvido o mesmo do avô de Freyre. As lembranças são transmitidas de pai a filho como uma espécie de herança familiar. Memória e tradição unem-se por meio de vínculos seculares. As lembranças que emergem dos pântanos lodosos da memória para atingir a superfície clara dos rios não pertencem unicamente ao indivíduo Gilberto Freyre. Elas fazem parte da cadeia da tradição familiar. O mesmo verificamos no relato de Freyre por ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro:

*“Meu passado recifense, ou pernambucano, por exemplo, tem alguma coisa de passado do Rio por ter a experiência de velhos parentes meus assimilado no Rio imagens e*

*sensações que foram transmitidas à minha meninice com tal vivacidade que se tomaram fluidos; e, nesse estado de fluidez e de movimento, se tomaram parte do meu próprio passado de menino provinciano, agora projetado sobre o meu presente.”*

(TM&OT, p.184)

Segundo Ecléa Bosi, *“muitas lembranças, que relatamos como nossas, mergulham num passado anterior ao nosso nascimento e nos foram contadas tantas vezes que as incorporamos ao nosso cabedal. Entre elas, contam-se feitos dos avós, mas também nossos, de que acabamos ‘nos lembrando’. Na verdade, nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário transparente da família.”*<sup>42</sup> Esse fenômeno, pelo qual a memória de um indivíduo se funde à memória do grupo ao qual ele pertence, também é mencionado em CG&S.

No prefácio à primeira edição, Freyre empresta a palavra a Lúcio Costa a fim de ilustrar um sentimento que lhe é familiar desde o seu retorno ao Recife, mais de dez anos antes, portanto, da publicação do livro:

*“O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana; os Goncourt já o chamavam ‘ce roman vrai’. O arquiteto Lúcio Costa diante das casas velhas de Sabará, São João del-Rei, Ouro Preto, Mariana, das velhas casas-grandes de Minas, foi a impressão que teve: “A gente como que se encontra... E se lembra de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós ; não sei - Proust devia explicar isso direito.”*

(CG&S, p. lxxv)

CG&S é livro de inspiração assumidamente proustiana. Quando Freyre ainda amadurecia a idéia de escrever um livro sobre a infância do brasileiro, era em Proust e nos Goncourt que pensava, mais do que em quaisquer outros autores. Para ele, Proust era “o historiador ideal do que há de mais íntimo no passado de um povo”, graças às suas análises ao mesmo tempo “líricas e clínicas”, “poéticas e científicas”, enquanto a obra dos Goncourt era “única pelo que junta de inteligência à sensibilidade”, “combinação tão rara do lógico e do intuitivo”. As qualidades literárias que Freyre destaca e admira nesses autores viriam a ser características marcantes

<sup>42</sup>Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*, p. 425.

de sua própria escrita: CG&S surpreendeu leitor e crítica não apenas pelo que trazia de novo a uma antiga e contraproducente discussão (a de que a mestiçagem era o mal do povo brasileiro, que estaria, em função disso, fadado a uma eterna condição de inferioridade), mas também pela linguagem, a um só tempo, “lírica e clínica”, “poética e científica”, e pela forma como abordou um tema em que razão e sensibilidade, lógica e intuição pareciam elementos incompatíveis.

*“O primeiro livro de À la recherche du temps perdu – Du cote de chez Swann – me interessa de modo todo particular. Evocação do tempo de menino. Proust (...) desce a criptas a que ninguém antes dele desceu. É no que ele se especializa: em ver o que se passa nessas sombras de intimidade humana para revelá-las a um francês diferente do elegante que se aprende nas escolas e nos clássicos da língua francesa. Um francês recriado por ele – fluido, sutil, lírico, analítico, contraditório – para a revelação das suas aventuras em profundidade.”*

(TM&OT, p. 137)

O método e a linguagem de Gilberto Freyre têm para como Proust uma dívida. Freyre também se especializou em observar as “sombras de intimidade humana”, que sua preocupação com o nacional e o regional, herdada de outros já mencionados autores, reduziu à intimidade do brasileiro, do nordestino, do pernambucano e do recifense. Reduziu para ampliar: Freyre transformou em povo o que antes dele era considerado um aglomerado de indivíduos mestiços sem outro traço aparente que os unisse. Uniu-os pela própria condição de mestiços; uniu-os pela religião; pelos costumes, pelas crenças, pela alimentação, pelos hábitos sexuais. E o fez, à semelhança de Proust, através de um português diferente do que se aprende nas escolas, um português recriado por ele, tão fluido, sutil, lírico, analítico e, sobretudo, contraditório, quanto lhe parecera o francês de *À la recherche du temps perdu*.

Talvez não seja exagero dizer que o que mais o animou a escrever CG&S tenha sido o que se lhe figurou como caráter inédito de tal empreitada. Freyre era um devorador de livros, de idéias, de conceitos. Tendo, aos vinte e poucos anos, lido o seu tanto de quase tudo, surpreendeu-o o fato de a atenção devotada pelo estrangeiro ao Brasil ser ainda pouca e esparsa; entre os brasileiros, o que melhor

traduzira até então esse Brasil cheio de contradições tinha sido Oliveira Lima. Mas ninguém havia ainda considerado o povo brasileiro sob a ótica da história íntima, “ce roman vrai”. Ninguém que tivesse ousado trazer para o centro da discussão o menino, a mulher, o homem comum. Freyre sabia que o que se preparava para fazer era algo que, de alguma forma, mudaria os rumos da história e da sociologia; tinha consciência da grandiosidade de tal projeto e dele fazia segredo.

*“Descubro a J.L. do Rego o meu segredo: o livro que, nos meus raros momentos de ânimo, desejo escrever. Um livro sobre a minha própria meninice e sobre o que tem sido nos vários Brasis, através de quase quatro séculos, a meninice dos vários tipos regionais de brasileiros que formam o Brasil. Mostro-lhe as notas que já tenho sobre o assunto. Peço-lhe que guarde segredo. Não quero que ninguém saiba que me preparo para escrever este livro diferente de todos os livros. Diferente das simples memórias de infância. Diferente dos romances que fazem de meninos os seus heróis, considerando-os simples futuros homens. Diferente das histórias sociais em que o adulto toma todo o espaço e domina todas as cenas. O adulto do chamado sexo forte.”*

(TM&OT, p. 140)

*“Disse-lhe [a Oliveira Lima] vagamente que estou reunindo notas para uma história da vida de menino no Brasil: uma espécie de autobiografia ou de memórias de um indivíduo estendidas em histórias ou memórias de todos os meninos do Brasil. Uma volta de um indivíduo à infância e uma volta de todo um povo ao que tem sido a infância, dentro desse povo, através de várias gerações. Há algum livro que realize esse quase impossível? Que eu conheça, nenhum. É o livro que espero em Deus escrever.”*

(TM&OT, p. 197)

A idéia inicial de Freyre, portanto, era a de escrever um livro sobre a sua própria infância (“espécie de autobiografia ou de memórias”) e, por extensão, sobre a infância do brasileiro. Como esse projeto inicial se transformaria em CG&S? Como o menino deixou o centro da história e passou a ocupá-lo o escravo negro? Mais importante do que saber como, talvez seja entender o porquê. Freyre apenas trocou um “quase impossível” por outro, que conseguiu realizar. As circunstâncias talvez tenham sido o principal fator que concorreu para essa troca. Primeiro, porque a vida íntima de senhor e escravo já havia sido por ele abordada em sua tese de mestrado.

Segundo, porque seu envolvimento político com Estácio Coimbra e o advento da Revolução de trinta o levariam a Portugal, onde tudo começou. Recordemos o prefácio à primeira edição do livro: *“Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio. Levou-me primeiro à Bahia; depois a Portugal, com escala pela África. O tipo de viagem ideal para os estudos e as preocupações que este ensaio reflete.”* Mas, ainda que o menino tenha deixado de ser o foco da discussão, Freyre não o relegou a um plano secundário: destacou a importância do menino (branco, índio, negro) na formação da sociedade brasileira patriarcal, recebendo influências, reproduzindo e perpetuando o sistema. A busca pelo tempo perdido, pela infância perdida, pelas origens, tema proustiano por excelência, não se perdeu. Como não se perdeu de todo a sua intenção de escrever uma autobiografia ou livro de memórias.

A escrava que amamentou o sinhozinho branco, a mulata que o iniciou nos mistérios sexuais, a negra velha que lhe contou histórias de assombrado, o “muleque” que foi seu companheiro de brinquedos e seu “leva-pancadas” nos são apresentados em *CG&S* como personagens desse “roman vrai” que é a história íntima de um povo. Mais tipos do que indivíduos, eles apresentam contornos bem definidos e são representações fiéis do seu papel social. Quase todos são velhos conhecidos de Freyre, que, ainda menino, observou de perto a vida nos engenhos, teve sua iniciação sexual com mulata de condição social inferior e desenvolveu seu “simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho” através do seu leva-pancadas particular, filho ou neto de escravos, de nome Severino, “fazendo dele ora ‘máquina de trem’, que devia apitar, chiar e mover os braços imitando locomotivas”, “ora simples cavalo de carro ou de cangalha”, como revelou Freyre em “São Severino do Ramo”. Essa reprodução do sistema escravocrata no universo infantil é tratada com tolerância em *CG&S*, como se fosse inofensiva e talvez até necessária. Até o Visconde de Taunay, “homem tão suave, quase uma moça”, praticava certas “judiariinhas com os muleques”. Freyre recorre à literatura para reforçar a tese de que a prática, além de comum, era aceita e incentivada pelas famílias, citando um longo trecho de romance de Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que o narrador descreve suas “brincadeiras” com o escravo Prudêncio. Entre elas, a de fazer do escravo seu “cavalo de todos os dias”.

*“E há um trecho de romance de Machado de Assis em que o fino observador da sociedade brasileira do tempo do Império retrata-nos o tipo de menino sadista; da criança pervertida pelas condições sociais de sua formação entre escravos inermes; entre criaturas dóceis aos seus caprichos. Não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar com negro. Aquele mórbido deleite em ser mau com os inferiores e com os animais é bem nosso: é de todo menino brasileiro atingido pela influência do sistema escravocrata.”*

(CG&S, p. 370)

Brás Cubas nos é apresentado por Freyre como exemplo do “tipo de menino sadista” e seu “mórbido deleite em ser mau com os inferiores” é estendido a “todo menino brasileiro” que tenha recebido alguma influência da sociedade patriarcal e escravocrata, inclusive ele próprio. Muito do que Freyre escreve parece ser autoreferente, mas, ao mesmo tempo em que se inclui neste ou naquele grupo, estende suas memórias nas memórias de todo menino brasileiro influenciado pelo regime de escravidão. E, para não chamar a atenção para si próprio, empresta, com acentuada frequência, a palavra a outro:

*“Lembra-nos Júlio Belo o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros, muleques. Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos dos senhores de engenho, os muleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas. Mas principalmente cavalos de carro.”*

(CG&S, p. 336)

O menino brasileiro da casa-grande aprendeu a reproduzir o sistema judiando do negro. Mas do negro também recebeu proveitosas lições. Muitos meninos teriam tido mais lições de religiosidade com negras devotas que com suas próprias mães. A esse respeito, Freyre cita Sílvio Romero e Joaquim Nabuco:

*“Sílvio Romero, recordando o seu tempo de menino num engenho do Norte, disse uma vez que nunca viu rezar tanto quanto a escrava Antônia, sua mãe negra. Ela é que o fizera religioso. ‘Devo isso [a religião] à mucama de estimação a que foram, em casa de meus avós, encarregados os desvelos de minha meninice. Ainda hoje existe, nonagenária,*

*no Lagarto ao lado de minha mãe, essa adorada Antônia, a quem me acostumara a chamar também de mãe... nunca vi criatura tão meiga, e nunca vi rezar tanto. Dormia comigo no mesmo quarto e, quando, por alta noite, eu acordava, lá estava ela de joelhos... rezando... Bem cedo aprendi as orações e habituei-me tão intensamente a considerar a religião como coisa séria, que ainda agora a tenho na conta de uma criação fundamental e indestrutível da humanidade. Desgraçadamente, ai de mim! não rezo mais, mas sinto que a religiosidade jaz dentro do meu sentir inteiriça e irredutível.' Outros brasileiros, da geração de Sílvio, poderiam dizer o mesmo. O próprio Joaquim Nabuco terá porventura aprendido com a sua velha ama negra de Maçangana o padre-nosso que, no fim da vida, voltou a rezar na Igreja do Oratório em Londres."*

(CG&S, p. 354)

As memórias de infância, mais especificamente as de uma infância de engenho, assumem em CG&S dimensões que ultrapassam a memória do indivíduo. São indivíduos que narram suas lembranças, é indivíduo Lucio Costa, é indivíduo Sílvio Romero, é indivíduo Júlio Belo, o próprio Freyre é indivíduo. Mas suas vozes em uníssono, repetindo à exaustão as mesmas impressões, as mesmas experiências, a mesma ladainha saudosa e triste do canto da lapinha fazem com que a memória individual se transforme em memória coletiva. Freyre atua como uma espécie de regente ou maestro corrigindo eventuais dissonâncias nessa evocação de um passado que não é fixo, já que *"o próprio historiador que o evoca o põe em movimento, sendo um homem fluido por sua atualidade em combinação com sua memória"*, segundo a reflexão que Freyre faz da escrita de Proust em seu diário. É *"através dessa fluidez"*, prossegue, *"que a realidade se deixa ver ou entrever; e nunca em sólidos perfeitamente fixos no tempo ou mesmo no espaço"*. Ora, o passado não é fixo porque a memória, individual ou coletiva, altera os fatos vividos de acordo com o tempo presente e com o espaço presente. Freyre buscou no elemento português constantes que caracterizassem o indivíduo e o colocassem na categoria de povo; o mesmo fez com índios e negros. O mesmo para chegar até o caráter brasileiro. Da mesma forma, Freyre buscou e encontrou constantes na memória de indivíduos que pudessem caracterizá-la como memória coletiva. CG&S é um livro de memórias de um povo ainda em formação; mas é também a autobiografia ou livro de memórias que Freyre queria escrever. As suas memórias, e

as de indivíduos de sua classe.

## 2. Ainda as Mulatas

O reencontro de Freyre com suas origens não seria completo se lhe faltassem experiências, agora de adulto, com mulatas. Assim que se sente um pouco mais adaptado à cidade que lhe recebeu com uma certa desconfiança, Freyre começa a excursionar por antigos engenhos, a fim de fazer anotações para o livro que deseja escrever, e por prostíbulos, em companhia de parentes e amigos de boemia.

*“Meu Tio A. me dá o nome e o endereço de uma mulata, segundo ele ‘monumental’, conhecida de um amigo seu: M. J. ; à Travessa do Forte. Acrescenta: para os lados de Cinco Pontas. Trecho para mim misterioso, nos meus dias de menino, quando vinha tomar o trem chamado de São Francisco na estação de Cinco Pontas. Agora venho bater à casa da mulata à Travessa do Forte como um tenente em país conquistado pelo seu Exército: o Exército da minha geração.*

*Grande mulata. Na verdade, um monumento no gênero. Sem exagero nenhum: escultural, monumental. Mas também hospitalar. Clínica. Terapêutica.”*

(TM&OT, p.133)

*“M. não faz mistério: para ele não há como as mulatas. O. diz que não: que sua preferência é toda pelas branquinhas. E como tem fama de rico, Doninha, no Pátio do Carmo, e outras donas de pensões - A., por exemplo, no Pátio do Terço – se esmeram em reservar para o exigente albinista, que é o meu amigo O., as mais lindas novidades no gênero: rapariguinhas alvas e até louras recém-defloradas. Quando o padrão de albinismo não é atingido, A. é a primeira a dizer que ‘não serve para o Dr. O., mas está ótima para o Dr. Gilberto’.”*

(TM&OT, p.142)

Não era segredo para ninguém, portanto, a preferência de Freyre pela mulher mulata quando se tratava de aventuras sexuais. As “donas de pensões”, que conheciam essa preferência, empenhavam-se em agradá-lo e chamavam-no “Dr. Gilberto”, não em função de seus ainda pouco títulos acadêmicos, mas certamente

porque pagava bem pelo serviço e porque era um cliente assíduo, apreciador da “*variedade de cor das muitas meninas-moças que as Doninhas sabem descobrir: esta ‘deflorada a pouco’, aquela ‘desvirginada não faz um mês’, tudo assim novo e quase virgem*”. Em CG&S, Freyre afirma que a castidade das sinhazinhas brancas foi mantida, em ambiente tão hostil, graças à prostituição de negras e mulatas. O sociólogo descreve como se dava o que ele chamou “nefando comércio”:

*“Atribuem alguns cronistas da escravidão grande importância à prostituição das negras; mas das negras e mulatas exploradas pelos brancos. La Barbinais afirma que até senhoras se aproveitavam de tão nefando comércio. Enfeitavam as mulecas de correntes de ouro, pulseiras, anéis e rendas finas, participando depois dos proventos do dia. (...) Às vezes negrinhas de dez, doze anos já estavam na rua se oferecendo a marinheiros enormes, grangazás ruivos que desembarcavam dos veleiros ingleses e franceses, com uma fome doida de mulher.”*

(CG&S, p.449)

Gilberto Freyre foi um homem de contradições tão profundas quanto eram profundas suas convicções. Não cabe a nós, que só conhecemos o homem através do escritor, tentar explicá-las. Ele afirmou que a colonização do Brasil, nos moldes como ocorreu, não se daria por outra via que não fosse a escravidão de negros africanos, e isso é certo. Também afirmou que o trato dos escravos pelos senhores, apesar de algum abuso e sadismo por parte destes e de algum masoquismo por parte daqueles, não foi de todo ruim, e isso é duvidoso. É provável que algumas outras suas afirmações estivessem de todo equivocadas, que, em alguns momentos, sua obra tenha sido subjugada por um comprometedor envolvimento. Mas, quando uma de suas “denúncias contundentes”, como chamou Aldo Rebelo, dos maus efeitos do patriarcalismo sobre os escravos é confrontada com a descrição de suas visitas a casas de prostituição no Recife, onde buscava sempre a companhia de negras e mulatas pelas quais aparentemente pagava bem, é natural que nos perguntemos em que momento isso deixou de lhe parecer natural e se transformou em “nefando comércio”. Até então, o que fizemos foi buscar na história de vida de Freyre elementos que justificassem suas escolhas como escritor. Mas também existem, aos milhares, na obra de Freyre, elementos que expliquem ou justifiquem

suas contradições, algumas das quais, apenas aparentes. Freyre poderia perfeitamente chamar de nefando um comércio do qual ele próprio se valeu inúmeras vezes. Sua justificativa para tal comportamento poderia ser a mesma que usou para defender seu parente Ulisses Pernambucano daqueles que o acusavam de imoral:

*“O que se alega contra ele? Que é erótico. Que atrai mulheres: inclusive jovens. Que fascinou normalistas.*

*Com suas qualidades extraordinárias, ele tem direitos, nesse particular, que não tocam a simples burgueses. Precisamos de reagir contra o igualitarismo ético: é absurdo. Não se compreende que a um indivíduo superior, como é U. P., queiram os catões aplicar as mesmas exigências de moral sexual que a um burguês. “*

(TM&OT, p. 195)

Ora, se indivíduos “superiores” desfrutam de certos “direitos”, Freyre está isento de culpa: dele não se pode exigir rigidez de conduta sexual nem moral absoluta. Nem dele, nem dos de sua classe.

Afinal, tanto era o apelo sensual e a graça das mulatas que nem mesmo os eclesiásticos teriam conseguido escapar aos seus encantos. É o que Freyre nos revela em CG&S:

*“Através dos séculos XVII e XVIII e grande parte do XIX continuou o livre arregaçar de batinas para o desempenho de funções quase patriarcais, quando não para excessos de libertinagem com negras e mulatas. (...)*

*O autor das Revoluções do Brasil referindo-se ao século XVIII, conta horrores dos conventos: ‘centros (...) de ignorância, atrevimento, e libertinagem de costumes’. Carmelitas, beneditinos, franciscanos, marianos, barbinos italianos, congregados do Oratório – a todos acusa de safadezas.”*

(CG&S, pp. 443-444)

Em 1929, no Recife, o próprio Freyre teria chegado a surpreender um desses frades entretendo-se com uma mulata:

*“Mas aqui está uma aventura que tive há pouco no Convento da Penha: entrando anteontem de sapato de sola de borracha pela sacristia, que hei de ver de repente? Sobre uma das cômodas de jacarandá, bonita mulatinha ainda nova, pernas abertas. E homenageando-a, com suas melhores homenagens, um dos frades suponho que italiano, as barbas agitadas, a boca ávida. A mulatinha sorriu para mim. Desapareci à procura de Frei D., que fui encontrar de vassoura varrendo humildemente o corredor.”*

(TM&OT, p. 239)

O que Freyre descreve em CG&S, portanto, não reflete apenas o resultado de pesquisas, às quais ele alude, devidamente cercado de documentos e depoimentos de terceiros; ele relata o que viu, por acaso, num dos conventos do Recife, já em pleno século XX, como uma espécie de resquício ou herança dos tempos coloniais: um frade, supostamente italiano, curvando-se diante da beleza da mulata, rendendo-lhe suas “melhores homenagens”. Mais uma vez, a Europa reinando, sem governar, governando antes a África.

## VI. SHERAZADE TROPICAL

O termo “Sherazade tropical” é de Roberto Ventura. Parece-nos uma muito feliz definição para um escritor que consegue produzir no leitor a dose necessária de estranheza e encantamento para fisgá-lo pela narrativa, que, à semelhança do que ocorre em *As mil e uma noites*, é fluida, caracterizada pela oralidade e pela falta de uma conclusão absoluta. Mas, antes de começarmos essa breve incursão pelo estilo freyriano, é necessário esclarecer à qual definição de estilo nos reportamos.

A célebre máxima de Buffon, segundo a qual estilo e autor seriam indissociáveis, conduz o crítico antes a tudo aquilo que circunda o texto do que ao texto em si. Ainda que se considere a importância de aspectos autobiográficos na superfície do texto e no seu momento de concepção (e é, de fato, o que viemos fazendo até o momento), a análise do estilo chama o próprio texto para o centro da discussão. Não estamos mais lidando apenas com o processo de criação literária; agora é o resultado desse processo que se coloca diante de nós. Além do *temps de conception* passa a nos interessar o *temps d’emballage*, o texto que foi redigido, editado e socializado. A frase de efeito de Buffon resulta vazia, na medida em que pouco esclarece e nenhum caminho absolutamente possível nos indica. O estilo não é o próprio homem, mas as suas escolhas. Se considerarmos que essas escolhas dependem das experiências que o autor traz em seu cabedal, voltaremos ao homem e ao início, num ciclo que não leva a lugar nenhum. Até aqui, buscamos conhecer aquilo que, direta ou indiretamente, motivou Freyre a escrever *CG&S*, os seus *porquês*; agora, para avançar um pouco mais, procuraremos desvendar o *como*, ou seja, a forma que o escritor imprimiu às idéias do sociólogo.

Se entendermos estilo como desvio ou subversão de um determinado conjunto de normas, encontraremos em Freyre um prato cheio: ninguém desviou e subverteu normas mais do que ele, a começar pelos métodos de investigação empregados e pelas suas fontes de pesquisa até então pouco convencionais. O fato de Freyre recorrer com uma certa freqüência à literatura para exemplificar e explicar o comportamento dos indivíduos, seus papéis sociais, as relações entre senhores e escravos já chega a ser um traço estilístico, na medida em que contribui para desvirtuar o sentido do texto voltado para o estudo sociológico e surpreende pela ausência de critérios rígidos na seleção de obras de referência. Freyre encontra no personagem Gonçalo Ramires, do romance *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, a “*síntese do fidalgo*”, “*a síntese do português de não importa qual classe ou condição*”; em Proust e Henry James encontrou uma “*literatura de ficção às vezes*

*quase equivalente de uma história social que fosse também história cientificamente psicológica*". A subversão da linguagem é outro componente do estilo freyriano: onde se espera o objetivo, depara-se com o literário, e onde deveriam estar o erudito e o formal, encontra-se o coloquial.

Todavia, a mera subversão da linguagem não alcançaria êxito nem poderia ser chamada de estilo se não produzisse um determinado efeito estético. E, para além do estético, é preciso vislumbrar uma finalidade na subversão. Ficamos então com a definição que nos parece mais funcional, a de Herculano de Carvalho, citado por Vitor Manuel de Aguiar e Silva em *Teoria da Literatura*, segundo a qual o estilo seria um "*conjunto de características formais oferecidas por um texto como resultado da adequação do instrumento lingüístico às finalidades específicas do acto em que foi produzido*"<sup>43</sup>. O estilo freyriano se nos apresenta como um conjunto de recursos formais recorrentes na obra e que visam a um determinado fim. Uma análise meramente quantitativa e estatística, apontando a ocorrência e a freqüência do emprego de determinados recursos não daria conta do estilo de Freyre; é preciso saber a que vêm esses recursos.

A relação entre estilo e ideologia, ou entre estilo e concepção da realidade e visão de mundo, estabelecida em *Mimesis* por Auerbach, parece-nos também um bom ponto de apoio para o estudo estilístico da obra de Freyre. O discurso apresentado em *CG&S* é literariamente construído visando a objetivos bastante específicos: primeiro, o de ser inovador, não apenas no que tange às idéias, mas também à linguagem; segundo, o de convencer o leitor da validade e veracidade de uma determinada tese ou ideologia.

---

<sup>43</sup> Vitor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, Coimbra, Livraria Almedina, 1968, p. 593.

## 1. O mais Antitropical dos Chapéus

*“O. usa um chapéu terrivelmente felpudo que é um horror de chapéu. O mais antitropical dos chapéus. Não sei como ele o suporta no calor dos meios-dias recifenses. Ele, porém, poderá dizer o mesmo das roupas inglesas que eu uso heroicamente aqui. Das minhas meias de Oxford. Das minhas flanelas de Londres. A grande revolução a fazer-se quanto antes no Brasil não deve ser nem para mudar-se de regímen de governo nem sequer para transformar-se esta desajeitada República em organização sindical – como me parece desejável – mas para mudar-se de estilo de vestuário. Precisamos de nos vestir brasileiroamente, repudiando anglicismos e francesismos impróprios de nosso clima.”*

(TM&OT, p. 149)

A construção do estilo foi um processo consciente o qual Freyre nunca perdeu de vista, do qual em momento algum descuidou. Essa consciência orientou suas escolhas, a primeira das quais foi a de escrever em português e não em inglês, como muitos o aconselharam. Por trás dessa escolha aparentemente fácil, havia implicações a serem consideradas: um escritor brasileiro com as qualidades de Freyre poderia condenar a si próprio ao obscurantismo se optasse pela língua materna como veículo de sua palavra. Pelo menos era assim que pensavam estrangeiros ilustres e até mesmo brasileiros, como Oliveira Lima. Freyre escolheu ser escritor em língua portuguesa, ainda que fosse “para o pior fracasso intelectual ou artístico”. Seu desejo, no entanto, não era simplesmente o de se expressar em língua portuguesa, mas o de recriá-la, primeiro à maneira de Proust e depois à sua própria maneira. Sua preocupação com questões ligadas ao regionalismo faziam-no refletir sobre a necessidade de uma linguagem que expressasse o que o Brasil tinha de mais autêntico. Em 1923, no Recife, critica a artificialidade da linguagem empregada em alguns dos romances regionalistas brasileiros e o excesso do que chamou “caipirismo” em escritores como Monteiro Lobato.

*“Entretanto, falta a grande parte da nossa literatura – ou quase-literatura? – para ser regionalista, sem caipirismo, uma língua como que tropicalmente brasileira que não deixe nunca de ser portuguesa, como língua literária, para tornar-se subportuguesa, de tão oral. (...) Através dessa língua, se afirmaria entre nós, não só no ensaio – gênero tão nobre –*

*como na ficção e no teatro, uma maior tendência, da parte da nossa literatura, para exprimir um sentido social e, ao mesmo tempo, humano, do drama que vem sendo vivido pelo Brasil de modo regionalmente diverso, embora sempre, em essência, brasileiro.”*

(*TM&OT*, p. 130)

Ao mesmo tempo, vislumbra em alguns dos poetas modernistas a esperança de uma renovação da língua.

*“Com eles, a língua portuguesa talvez se liberte daquele artificialismo castiço que faz de certos punistas umas caricaturas de si próprios”.*

(*Idem*, p. 132)

Era necessário, portanto, trocar de chapéu. Evitar na linguagem abusos de anglicismos ou francesismos, reformar a língua portuguesa, tirar-lhe os ossos, amolecê-la, mas sem descambar para o caipirismo. Encontrar a verdadeira língua nacional, não a que se aprendia nas escolas, nem a que se falava nas ruas, mas a mistura das duas, numa espécie de miscigenação lingüística. O próprio Freyre sentia que precisava livrar-se de suas meias de Oxford e de suas flanelas de Londres, “vestir-se brasileiro”, isto é, encontrar na língua formas de expressão que traduzissem uma cultura essencialmente brasileira, como Proust havia encontrado para traduzir a essência francesa.

Admirador do estilo da prosa francesa, em geral, e de alguns escritores franceses, em particular, Freyre não deixava de lamentar em um ou outro a falta do que ele chamou “vibração da carne” ou “vibração da alma”. Sentia-se “fraternalmente próximo” dos Goncourt, de Huysmans, por serem estes “escritores visuais, pictóricos, plásticos”, que uniam ao “gosto da cor o da precisão, agudeza e até pureza do traço”. Essa aproximação da literatura com o desenho e a pintura lhe parecia algo essencial. Aos dezessete anos já considerava sua escrita superior à do pai em plasticidade, o que atribuía ao fato de saber desenhar. As aulas que tivera com o mestre Teles Jr., que o obrigava a reproduzir fielmente os modelos, o teriam afastado do desenho e da pintura, aproximando-o da literatura “com um sentido plástico das letras”. Antônio Salles Filho observou, com muita propriedade, que a

escrita de Freyre guarda estreita relação com a pintura pela freqüência de períodos inteiros construídos a partir de gerúndios, referindo-se a títulos de obras de arte, como *“Meninos correndo”*, *“Mulher chorando”*, etc.<sup>44</sup> As descrições de Freyre são minuciosas, repletas de imagens que nos parecem muito próximas do real; recriam o ambiente da casa-grande e nos colocam diante da paisagem. Mas Freyre não compara a boa escrita apenas com a pintura: compara-a com a dança. *“O pleno escritor”*, diz, *“é o que escreve, dançando como que ao som de uma música que somente ele ouviu”*. Nessa categoria coloca Eça, Machado, Nabuco, escritores capazes de “valsar” em língua portuguesa. Admira qualidades como a musicalidade e o ritmo da poesia. Deseja-as para si e trabalha para obtê-las:

*“São virtudes que ainda não são minhas. Mas estou a caminho dessa conquista. Já tenho um começo de estilo inconfundível.”*

(*TM&OT*, p. 204)

*“Confirma-se o diagnóstico de Armstrong dentro dos limites provincianos e da língua portuguesa: ‘O que V. é de modo raro é escritor: entregue-se à sua vocação que V. será um criador de valores imprevistos.’ Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo? Eu vou chegando a uma forma nova em língua portuguesa, que é diferente das antigas, sem deixar de ter o ritmo tradicional das prosas portuguesas; que exprime uma personalidade ao mesmo tempo moderna e castiça até na pontuação; e que a exprime de modo contagioso. Daí as imitações. Hei de criar um estilo. E dentro desse estilo, desde que me repugna inventar, como nas novelas e nos dramas, que escreverei? Talvez a continuação dos meus primeiros esforços de ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo (‘l’histoire intime... roman vrai’, como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação do tempo.”*

(*TM&OT*, p. 177)

Sua preocupação inicial era, portanto, a de criar o imprevisto, ou seja, um estilo próprio, inovador, que se consagrasse como modelo a ser imitado. Preocupou-o antes o como escrever; o que escrever era uma escolha que viria depois, embora

<sup>44</sup>Edson Nery da Fonseca (org.), *Novas perspectivas em CG&S*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1985, p. 37.

a temática colonial já tivesse sido por ele abordada em sua tese de mestrado. Na construção de um estilo que se queria personalíssimo, era necessário estar atento a cada mínimo detalhe: a escolha lexical, o ritmo, a pontuação. Freyre desejava forjar na fluência da prosa o ritmo da poesia. Colecionador de palavras desde os treze anos, anotava em cadernos de escola aquelas que lhe causavam impressão pela sonoridade ou pelo “puro sabor das formas”. Seu gosto por efeitos sinestésicos e comparações inusitadas se revelava na originalidade de combinações, muitas das quais seriam aproveitadas pelo escritor adulto: “franciscanamente lírico”, “molemente maduro”, “como uma acre volúpia”, “igrejas gordas”, “voz oleosa”, “gorda comida de engenho”, “paisagem dura e acre”, “menino de luto da própria meninice”, “a mais oriental e mole das preguiças”, “contorno sensual de idéias”. Em 1962, Freyre ousou uma breve incursão pelo universo dos poemas com o livro *Talvez poesia*; o poema “Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados” é uma verdadeira festa para os sentidos. No entanto, foi longe dos domínios da poesia que o estilo de Freyre criou o imprevisto. CG&S revelou o estilo freyriano em sua plenitude: a linguagem empregada era feita de combinações entre elementos aparentemente incompatíveis, sobretudo no que dizia respeito a estudos dessa natureza, como o popular e o erudito. A forma muitíssimo bem ajustada ao conteúdo: conciliadora de extremos, apaziguadora de diferenças, dissolvente de atritos. A linguagem que serviu de suporte à idéia de que escravos e senhores não representavam forças contrárias, mas complementares.

Complementares também seriam, segundo Freyre, escritor e leitor, a força criadora de um agindo na passividade receptiva do outro. Freyre chega a definir em seu diário o bom livro como sendo “*um sexo à procura de outro*”, “*o sexo masculino do autor aventureiro à procura do feminino, do leitor sedentário, para que haja encontro, interpenetração, fecundação*”.<sup>45</sup> Semelhante associação faz em relação às palavras: algumas encerravam qualquer coisa de feminino na sonoridade ou na forma; outras lhe pareciam de um vigor e força essencialmente masculinos.

*“Observo que as palavras que, nesse processo, me vêm de minha memória verbal, musical, visual, olfativa, brasileira, procedem principalmente de duas fontes: palavras associadas à minha Mãe e palavras associadas ao meu Pai. As primeiras são mais instintivas, espontâneas, intuitivas, românticas, sensuais; as que procedem de recordações*

<sup>45</sup> Gilberto Freyre, *Tempo morto & outros tempos*, p. 165.

*da fala de meu Pai são as mais abstratas, lógicas, eruditas, assexuais. Algumas livrescas. No que começa a ser em mim, não sei se um estilo, se apenas um modo pessoal de escrever, a tendência é para uma combinação das duas influências. Uso palavras que denominarei intuitivas sem repelir as lógicas. As cotidianas sem repudiar as raras. As populares sem deformar as eruditas. As sensíveis sem repelir de todo as abstratas.”*

(TM&OT, p. 111)

Palavras soltas e perdidas no tempo, pronunciadas por um pai que era professor austero e admirador do português castiço e por uma mãe provavelmente menos rigorosa no trato com a linguagem. Das palavras às frases: Freyre se impressiona com o estilo do espanhol Pío Baroja, “mestre da frase precisa, ágil, simples”, como muitas das frases curtas e nominais recorrentes em CG&S. As influências literárias de Gilberto Freyre merecem, mais do que um capítulo, um estudo à parte, do qual não nos ocuparemos a fim de respeitar os limites que impusemos ao presente trabalho e as limitações que o presente trabalho nos impôs. Limitamo-nos a mencionar algumas dessas influências como orientadoras na construção do estilo freyriano. Baroja teria sido uma dessas influências: *“preciso de lê-lo e relê-lo muito”*, anotou em seu diário como se fosse uma espécie de lembrete.

Às frases curtas, precisas e simples opõem-se longos períodos, entrecortados por vírgulas e travessões, períodos construídos a partir de exemplos e enumerações. Sherazade tropical, Freyre consegue intercalar os assuntos como um bom narrador de histórias orais. Quase todas histórias verdadeiras, colhidas em documentos ou relatos; alguns fatos pitorescos, outros bastante comuns, mas todos apresentados com a grandiosidade de epopéias. Ainda na Universidade de Waco, no início de seus estudos, portanto, Freyre já nos surpreendia com a sua definição da História, da Antropologia e da Sociologia como sendo a “reunião de inúmeras biografias”. *“A superioridade da Realidade”*, dizia, inspirado pela leitura de um ensaio de Carlyle, intitulado “Biografia”, *“está no fato do menor ‘fato histórico’ tornar-se (quando apresentado literariamente) mais impressionante que o mais grandioso ‘evento fictício’”*.<sup>46</sup> Este foi um dos achados de CG&S: a transformação da História numa espécie de epopéia dos menores, do índio, do negro, da mulher, do menino.

---

<sup>46</sup> Idem, p.28.

## 2. Uma Escrita dos Sentidos

Um novo enfoque para uma velha História necessitava da força e do viço de uma expressão inovadora. No processo consciente de construção de seu estilo, Freyre foi somando características, suas ou de influência, e criando modos de dizer. Sua linguagem é conduzida, em parte, pelo desejo de reproduzir na escrita sensações e misturas de sensações. Dois dos seus grandes interesses, a comida e o sexo que se faziam na casa-grande de engenho, são assuntos essencialmente voltados para os sentidos. A mulher negra nos é apresentada, desde o início, como uma escrava de cama e mesa, servindo ao senhor e aos filhos do senhor, oferecendo-lhes o que havia de melhor nas artes do amor e da culinária. Remexendo os quadris e o tacho de doce. A alquimia da linguagem freyriana consiste em produzir no leitor a ilusão de sentir os gostos e os cheiros que vinham da cozinha e das alcovas: do cheiro acre do suor da negra (*“odor que sendo fresco não me é, aliás, desagradável. O sovaco de negra que cheira mal é o azedo, de negra suja.”*<sup>47</sup>) ao aroma dos mais convidativos quitutes de origem africana. Longas são as descrições do modo de preparo de tais quitutes em *CG&S*, como uma espécie de nota prévia das receitas que figurariam em *Açúcar, uma sociologia do doce*.

*“O arroz-de-auçá é outro quitute afro-baiano que se prepara mexendo com colher de pau o arroz cozido na água sem sal. Mistura-se depois com o molho em que entram pimenta-malagueta, cebola e camarão: tudo ralado na pedra. O molho vai ao fogo com azeite-de-cheiro e um pouco de água. Bem africano é também o acarajé, prato que é um dos regalos da cozinha baiana. Faz-se com feijão-fradinho ralado na pedra. Como tempero, leva cebola e sal. A massa é aquecida em frigideira de barro onde se derrama um bocado de azeite-de-cheiro. Com alguns quitutes baianos de origem africana, se come um molho preparado com pimenta-malagueta seca, cebola e camarão, tudo moído na pedra e frigido em azeite-de-dendê.”*

(CG&S, p. 456)

Tão logo termina sua exposição a respeito das finas iguarias africanas, depois

---

<sup>47</sup> Ibidem, p.240.

de ter espalhado pelas páginas os odores de temperos e condimentos, Freyre descreve o que seria uma das mais repugnantes tarefas atribuídas ao escravo:

*“Ao escravo negro se obrigou aos trabalhos mais imundos na higiene doméstica e pública dos tempos coloniais. Um deles, o de carregar à cabeça, das casas para as praias, os barris de excremento vulgarmente conhecidos por tigres. Barris que nas casas-grandes das cidades ficavam longos dias dentro de casa, debaixo da escada ou num outro recanto acumulando matéria. Quando o negro os levava é que já não comportavam mais nada. Iam estourando de cheios. De cheios e de podres. Às vezes largavam o fundo, emporcalhando-se então o carregador da cabeça aos pés.”*

(CG&S, p. 461-462)

O leitor tem assim precisa noção do odor que se desprendia, tanto das frigideiras quanto dos barris. As duas descrições, assim despregadas do todo, parecem tratar de assuntos completamente sem relação. Mas uma história se funde à outra num encadeamento que parece não ter fim: os barris são ali colocados para ilustrar a idéia de que a higiene, fundamental nos trabalhos de cozinha, não faltava aos negros senão quando estes eram submetidos pelos senhores às mais degradantes e imundas tarefas.

Também a herança indígena na cozinha brasileira é celebrada por Freyre. Ele descreve passo a passo o preparo de uma bebida feita com beijus, o tarubá: *“(…) Cobrem-se então todos os beijus de folha de curumi e de banana; e assim se deixa ficar por três dias – quando deles começa a escorrer uma espécie de melaço. (...) Está pronta uma deliciosa bebida que tomada em excesso embriaga. Tem um doce perfume, esse tarubá.”*

Mas Freyre não se ocupa apenas em criar “ilusões” olfativas ou gustativas; os sons também são reproduzidos através de neologismos com função onomatopaica: o “ruge-ruge” das sedas dos vestidos das senhoras, o “rame-rame tristonho da lavoura de cana”. Alguns trechos do livro, devido ao forte apelo da oralidade, parecem ter sido escritos não para serem lidos, mas para serem *ouvidos*. Isso ocorre freqüentemente quando Freyre narra casos pitorescos que entraram para o folclore e se propagaram pela língua do povo: lendas, histórias de assombrado, anedotas de fundo moralizante ou pedagógico. Uma delas, a do negro do surrão:

*“Era uma menina que tinha uma madrasta muito malvada (as madrastas são sempre muito malvadas nas histórias brasileiras e portuguesas : haja vista a do figo da figueira). Um dia, a menina foi tomar banho no rio ; e como de costume tirou os brincos de ouro e botou em cima de uma pedra. Chegando em casa deu por falta dos brincos : ‘ - Valha-me Nossa Senhora, onde estão meus brinquinhos ! Meus brinquinhos do coração !... E minha madrasta ! Minha madrasta me mata por causa desses brincos.’ E voltou ao rio para procurar os brincos. Quando chegou ao rio - quem havia de encontrar ? Um negro velho e feio que agarrou a menina e botou dentro do seu surrão. Saiu o velho com a menina e onde chegava botava o surrão no chão e dizia :*

*Canta, canta meu surrão,  
Senão te dou com meu bordão.*

*E o surrão cantava numa vozinha doce :*

*Neste surrão me meteram,  
Neste surrão hei de morrer,  
Por causa de uns brincos de ouro  
Que no riacho deixei.*

*Todo o mundo gostava da voz do surrão ; e dava dinheiro ao negro velho. Um dia chegou o negro à casa da madrasta. Convidaram o velho para descansar. Para comer e beber ; e como já era tarde, para dormir. Parece que as irmãs da menina tinham desconfiado da voz bonita do surrão. De noite, quando o negro pegou no sono, as moças foram, abriram o surrão, tiraram a menina. Estava se acabando de fraca. Coitadinha, o negro só lhe tinha dado de comer sola de sapato velho. Em lugar da menina, as moças encheram o surrão de cocô. No dia seguinte o negro levantou-se, tomou café e partiu – sem dar pela cousa. Quando na casa próxima o negro mandou o surrão cantar - o surrão calado. O negro pensou que era a menina dormindo. Meteu o pau no surrão. Mas este se arreventou todo, emporcalhando o velho.”*

*(CG&S, pp. 329-330)*

Freyre não se limita a registrar a história: ele a narra, preservando-lhe todas as marcas da oralidade. As pausas, a reprodução das falas dos personagens (“Minha madrasta me mata por causa desses brincos!”) o suspense que marca a

narrativa (“quem havia de encontrar?”), a intervenção do narrador (“Coitadinha”) servem para prender a atenção do leitor/ouvinte nessa história cuja temática é a do crime e castigo. A menina que perde os brincos e teme ser castigada pelo seu descuido encontra sua punição ao ser capturada pelo negro do surrão. Este, por sua vez, também é castigado pela sua maldade no final da narrativa.

Mas essa provocação dos sentidos do leitor no estilo freyriano atinge seu ápice, tanto em CG&S quanto no livro que seria a sua continuação, *Sobrados & mocambos*, na criação de imagens: ora são os portugueses que desembarcam no Brasil “atolando o pé em carne”, ora é a figura de D. João VI, cujas mãos lambuzadas de frango todos queriam beijar. São imagens poderosas que ganham forma e se personificam, figuras históricas quase que transformadas em personagens de ficção. Suas ações se desenvolvem diante dos nossos olhos, como se o drama que foi a colonização do Brasil estivesse sendo encenado a cada leitura. O cenário é montado, as vestimentas são detalhadamente descritas, os atores são apresentados um a um e começam a representar seus papéis sociais.

Para criar imagens com tão grande poder de convencimento e de fixação, Freyre se vale dos inúmeros recursos que a linguagem oferece, como enumerações e metonímias, por trás dos quais se escondem e se revelam intenções. O grupo das enumerações é bastante extenso. Um levantamento do número de vezes em que esse recurso aparece em CG&S nos daria a falsa impressão de que ele foi utilizado até seu total esgotamento, sem outra finalidade que a de quantificar, mas quase nunca se trata de uma enumeração meramente quantitativa, a indicar, por exemplo, o sem-número de doenças que flagelavam o homem colonial, ou as muitas adversidades que ele teve de enfrentar no início da colonização, como podemos observar no seguinte trecho:

*“No homem e nas sementes que ele planta, nas casas que edifica, nos animais que cria para seu uso ou subsistência, nos arquivos e bibliotecas que organiza para sua cultura intelectual, nos produtos úteis ou de beleza que saem de suas mãos – em tudo se metem larvas, vermes, insetos, roendo, esfuracando, corrompendo. Semente, fruta, madeira, papel, carne, músculos, vasos linfáticos, intestinos, o branco do olho, os dedos dos pés, tudo fica à mercê de inimigos terríveis.”*

Percebem-se dois grupos de enumerações. Freyre começa enumerando ações do homem: ele *planta, edifica, cria, organiza, produz*. Essas ações estão ligadas à noção de cultura, no sentido recuperado por Alfredo Bosi em *Dialética da colonização*: cultura, culto e colonização derivam do verbo latino *colo*, que significava “*eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo.*” O homem habita a terra e a cultiva, produzindo, criando maneiras de subsistência. Freyre alude primeiramente ao plantio, à agricultura, ou seja, ao sentido de cultivar do verbo latino *colo* (“nas sementes que ele planta”); em seguida, vem o sentido de morar, habitar (“nas casas que edifica”); finalmente, aparece o sentido de cultura (“nos arquivos e bibliotecas que organiza para sua cultura intelectual”). Segundo Bosi, *cultus*, participio passado de *colo*, “*é sinal de que a sociedade que produziu seu alimento já tem memória.*”<sup>48</sup> Essa memória estaria guardada nos “arquivos e bibliotecas”. E, fechando esse primeiro grupo de enumerações, temos “*nos produtos úteis ou de beleza que saem de suas mãos*”. O homem, o colono português nos é apresentado como aquele que produz, que tira do nada, o criador. As palavras de Freyre traduzem a beleza simples desses atos de criação, enumerados em frases cujo ritmo nos dá a impressão de um processo contínuo que se desenvolve ao longo do tempo.

Tem início, então, o segundo grupo de enumerações. A mudança é perceptível: são palavras, não mais frases, que imprimem o ritmo, e este ritmo é outro. *Larvas, vermes, insetos, roendo, esfuracando, corrompendo*. É o ritmo da destruição. A enumeração agora nos faz sentir a voracidade com que tudo aquilo que foi plantado, edificado, criado, organizado, produzido é corrompido. Semente e fruta, madeira e papel, carne e músculos. A enumeração obedece a uma gradação crescente, que atinge o seu ápice em “*vasos linfáticos, intestinos*” e é sintetizada por “*o branco do olho, os dedos dos pés*”, ou seja, o homem, de alto a baixo, deixa de ser o agente, o criador e passa a ser uma mera vítima desses “*inimigos terríveis*”.

A intenção do autor é, sem dúvida, deixar claro para o leitor que a vida do colono nos primeiros anos de ocupação do território brasileiro não foi nada fácil, devido, entre outros fatores, à precariedade das condições de habitação e higiene. Mas a forma como essa intenção é materializada nos dá a idéia da existência de forças contrárias, lutando entre si: de um lado, a ação do homem, construindo,

---

<sup>48</sup> Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*, S. Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 13.

edificando, modificando o cenário em que se insere; do outro, a reação da natureza em sua forma mais primitiva: larvas, vermes e insetos. Em outros aspectos, a mesma implacável natureza foi também mãe, colaboradora, caso dos inúmeros rios em cujas margens se instalaram os engenhos de cana:

*“ Muito deve o Brasil agrário aos rios menores porém mais regulares: onde eles docemente se prestaram a moer as canas, a alargar as várzeas, a enverdecer os canaviais, a transportar o açúcar, a madeira e mais tarde o café, a servir aos interesses e às necessidades de populações fixas, humanas e animais, instaladas às suas margens; aí a grande lavoura floresceu, a agricultura latifundiária prosperou, a pecuária alastrou-se.”*

(CG&S, p. 25)

A enumeração agora tem a fluidez própria de um rio: o movimento é contínuo, as duas forças atuam juntas, no mesmo sentido e direção: os rios *docemente se prestam* à intervenção humana, *servem aos interesses* do colonizador. O resultado dessa somatória de forças é a prosperidade da lavoura, do latifúndio, da pecuária.

Menos recorrentes que as enumerações, as metonímias também aparecem com uma certa frequência no texto freyriano. O próprio título apresenta caráter metonímico, o que fica mais evidente com a sua adaptação para a tradução francesa: por razões obviamente de ordem cultural, *Casa-grande e senzala* chegou aos franceses como *Maîtres et esclaves*. Senhores e escravos são identificados pelas suas habitações, pelo espaço físico que ocupavam, embora o espaço da casa-grande esteja sempre em primeiro plano na abordagem freyriana. A partir de uma sucessão de metáforas de caráter essencialmente metonímico, Freyre constrói imagens que substituem a pura e simples constatação da ocorrência de determinados casos na história colonial; casos que ele poderia ter enumerado, valendo-se de dados colhidos em registros oficiais, citando nomes e datas, mas que preferiu sintetizar em uma única e poderosa imagem:

*“No Brasil quem tivesse seu namoro ou seu segredo, que desconfiasse não só dos tinteiros, por trás dos quais podiam andar frades escondidos, mas, principalmente, dos tachos de doce. Por trás dos tachos de doce estavam às vezes olhos de negras enredeiras. Dom Domingos do Loreto Couto, o frade beneditino que em Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco retratou tantos aspectos interessantes da vida patriarcal no Brasil, refere*

*casos impressionantes de assassinatos por suspeitas de infidelidade conjugal. Crimes ocorridos por ‘falsos testemunhos’, de indivíduos que ‘livres na sua vida, são inescrupulosos na dos Senhores’. Carapuça que Dom Domingos talhou só para os escravos; mas que se ajustaria também à coroa de eclesiásticos.”*

(CG&S, p. 422)

Os objetos substituem aqueles que os manejam: tinteiro está para frade assim como tacho de doce está para a negra escrava. A expressão “olhos de negras enredeiras” nos remete a um sentimento de inveja e ao ato de espiar: muitas escravas da casa-grande colocavam-se sempre à espreita, na esperança de flagrar um descuido da sinhazinha branca ou da sinhá-dona, oportunidade de se vingarem de alguma desfeita ou maltrato. A palavra “carapuça”, por sua vez, é empregada tanto em seu sentido literal quanto no figurado: a carapuça é associada ao escravo, assim como a coroa é associada ao eclesiástico, mas a expressão “talhar a carapuça” também significa endereçar indiretas a alguém. Transformar em literal o figurado, aliás, também é trabalho do qual Freyre se ocupa com alguma freqüência. “Se há hábito que faça o monge”, diz ele, “é o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malê para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil”<sup>49</sup>. Ele desfaz a metáfora, desgastada pelo uso do dito popular, desnudando aos olhos do leitor o processo, como se ao final do número o mágico mostrasse à platéia o fundo falso de sua cartola.

Outro expediente usado por Freyre para criar imagens e traduzir de forma eficaz e precisa um pensamento é o emprego de nomes próprios como se fossem comuns. O nome que particulariza o indivíduo torna-se, nas mãos de Freyre, um atributo, ou um conjunto de atributos que generaliza comportamentos de um determinado grupo. Dessa forma, alguns senhores de engenho portavam-se como *don juans*; outros eram quase uns *barba-azuis*, sobrevivendo à morte precoce de suas jovens esposas, muitas das quais morriam no parto antes de findar a adolescência; os meninos, por vezes desgrenhados e sujos, brincando no quintal com as crias da casa, eram verdadeiros *joões-felpudos*, referência ao personagem *Struwwelpeter*, criado por Heinrich Hoffmann em 1844. Tal expediente revelou-se uma ferramenta bastante útil na construção de tipos em CG&S, e os tipos criados

<sup>49</sup> Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, p. 315.

por Freyre sustentam boa parte da tese que ele pretendeu defender e difundir. O colonizador português, por exemplo, moldado na figura de Gonçalo Ramires, sem orgulho de raça, era o tipo ideal de colonizador para uma terra que sofria de escassez de mulheres brancas; natural e benéfico, portanto, que ele se comportasse em alguns momentos como um *don juan*.

CG&S é um ensaio sobre o equilíbrio de antagonismos que possibilitou a formação da sociedade brasileira. A síntese do livro nos é dada pelo próprio Freyre:

*“Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e cultura. A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo : o senhor e o escravo.”*

(CG&S, p. 53)

Todo o discurso de CG&S se constrói a partir desses antagonismos. Todos os esforços de seu autor são empenhados na tentativa de provar a existência de um equilíbrio de forças contrárias, atuando no mesmo espaço, tornando-se complementares, seguindo no mesmo sentido e direção. A cultura indígena não ofereceu resistência à europeia; a europeia foi amolecida pela africana. A africana e a indígena subsistem na cultura brasileira. Concorreram para a mistura de raças e culturas as circunstâncias da colonização e o caráter do colonizador; facilitou-a o convívio íntimo entre senhores brancos e escravas negras; consolidaram-na o sexo e a culinária:

*“Na tapioca de coco, chamada molhada, estendida em folha de bananeira africana, polvilhada de canela, temperada com sal, sente-se o amálgama verdadeiramente brasileiro de tradições culinárias: a mandioca indígena, o coco asiático, o sal europeu, confraternizando-se num só e delicioso quitute sobre a mesma cama africana de folha de bananeira.”*

(CG&S, p. 123)

Essa “confraternização” resultou não só em delicioso quitute, mas em “*bons animais, ainda que maus cristãos ou mesmo más pessoas*”.

Ao leitor de CG&S é dado não apenas o conhecimento dos fatos ou uma sua interpretação; ele é convidado a sentir, provar, presenciar e rememorar os acontecimentos, nesse grande exercício de razão e intuição que é estudar o passado tocando em nervos.

## VIII. UMA CONCLUSÃO

Começamos pelo óbvio: *CG&S* não é um livro feito de acasos, mas de escolhas. Embora as circunstâncias tenham levado Freyre ao exílio, colocando-o em contato com realidades cuja origem e essência ele se dedicou a estudar, o tempo de gestação de sua obra-prima não começa no ano de 1930. Muitas de nossas lembranças, dizia Ecléa Bosi, não são nossas, mas de nossos familiares. Assim também nossas escolhas. Algumas delas são anteriores ao nosso nascimento. Não escolhemos nossos nomes, nossas origens, nem o ambiente em que seremos educados, mas somos obrigados a carregar essas escolhas feitas à nossa revelia por toda a nossa existência (e, no caso de escritores como Freyre, para além dela), e elas determinarão grande parte das nossas escolhas conscientes na vida adulta. Gilberto Freyre elegeu como assunto de sua primeira obra de grande porte a formação da sociedade brasileira, forjada nos moldes agrário, escravocrata e patriarcal, e, dentro desse tão grande assunto, escolheu como foco as relações mais íntimas entre senhores e escravos. Escolheu os recursos que viriam a fazer parte do seu estilo, antes mesmo de escolher sobre o que iria escrever. Escolheu o que seria enfatizado e o que seria apenas mencionado. Nenhuma dessas escolhas foi aleatória, mas resultado de uma somatória de circunstâncias. Os vínculos afetivos de Freyre com o seu objeto de estudo revelam que o autor escolheu escrever sobre um tempo antigo que tinha sido bom para os seus, e esse tempo foi abordado sob a ótica da redenção. Primeiro, a redenção do colonizador português: Freyre preocupou-se em desfazer o mito de que o Brasil teria tido melhor sorte se tivesse sido colonizado por ingleses, holandeses ou franceses. Redenção também das relações entre senhores e escravos: elas teriam sido menos perniciosas do que a História nos fazia crer, e a perversão própria de regimes de escravidão teria sido de algum modo suavizada, sobretudo pela presença da escrava negra, que amamentou e embalou o sinhozinho branco, que cozinhou para a família branca, que serviu de confidente à sinhazinha branca, que se deitou com o senhor branco. Redenção da miscigenação e, por extensão, do próprio povo brasileiro: o mal do Brasil não era a mestiçagem, e, portanto, não estávamos fadados à inferioridade a que nossas origens pareciam nos condenar. Redenção de sua própria estirpe: dos Freyre, dos Mello, dos Albuquerque, dos Cavalcanti que, se foram deixando pelo caminho boa parte de suas posses e de seu orgulho, ainda podiam ostentar a fortuna de um

passado glorioso.

Freyre enfatizou na colonização portuguesa os seus melhores aspectos; enxergou qualidades onde outros só haviam encontrado defeitos e abriu caminho para uma sociologia do menor, na qual mulheres, crianças e escravos tinham sua importância, para a qual considerar os temperos empregados na culinária ou o mobiliário das casas-grandes era quase tão importante quanto a análise das relações de trabalho, e as relações sexuais tinham quase o mesmo peso que as relações econômicas. Mas Freyre não teria conseguido enxergar tudo isso não tivesse, em alguns momentos, visto com olhos ainda de menino o que o adulto queria explicar. Talvez não visse com olhos tão generosos o trato do escravo pelo senhor se não tivesse, como observou Roberto Ventura, mirado o canavial da perspectiva do alpendre. Na verdade, Freyre deu as costas ao canavial; voltou-se para o interior da casa-grande. Em sua obra, o canavial por vezes é só parte de uma paisagem, ou talvez o refúgio onde se escondesse o Cabeleira; a atenção de Freyre não está no escravo do eito, mas no escravo doméstico. Este, Freyre o conheceu, na figura do velho Manuel Santana, fiel e dedicado aos seus senhores, na do menino Severino, seu companheiro de brinquedos e “leva-pancadas” particular, na da mulata serviçal que o acolheu em seus braços em tardes de escondido pecado.

A infância de Freyre é marcada por vozes saudosas do passado evocando os bons tempos antigos, confrontados com um presente sem glórias. O que ele restaura é um tempo em que o convívio entre senhores e escravos era, na aparência, harmonioso: a abolição não havia ainda abalado as estruturas de poder em que se assentava tal relação. Somente com olhos de menino ou com olhos de adulto saudoso de sua infância é possível enxergar algum lirismo na reprodução do sistema escravocrata no universo infantil; somente quem teve a primeira e muitas outras experiências sexuais com mulatas pode afirmar com propriedade que é delas que se extraem os extremos de gozo físico. O que Freyre fez foi procurar num passado maior e anterior ao seu razões que justificassem suas preferências, seu saudosismo que lhe soava pieguice, suas escolhas. Buscou nos antepassados remotos a voz que estivera escondida cem, duzentos anos, e lhe gritasse “meu filho, meu neto, sou eu que estou na sua mão, no seu gesto, na sua palavra”.

É evidente que *CG&S* não se resume a um ensaio de caráter autobiográfico. Obra com o seu grau de complexidade não pode ser analisada apenas sob a ótica, por vezes traiçoeira, do biografismo. Mas esse viés se revela legítimo quando a

confrontamos com o diário escrito por Freyre em seus anos de aprendizado. *Tempo morto & outros tempos*, escrito, segundo seu autor, sem outra finalidade que a de servir de confessor em tempos de conflitos íntimos, apresenta ao leitor o ensaio dos primeiros passos de um caminho ainda a ser percorrido. Esses passos ainda incertos levariam Freyre à concretização de seu desejo, nascido, em parte, de uma vaidade de juventude, de trazer a público um livro singular escrito em uma linguagem singular.

O diário de Freyre nos revela que a idéia de estudar as origens do Brasil e do brasileiro não nasceu de uma hora para outra. Ela foi o resultado de uma seqüência de ajustes: o afastamento de seu chão cultural a que se viu obrigado para continuar os estudos, alargando a saudade de tudo o que identificava como sendo essencialmente brasileiro, ajustou-se às idéias regionalistas, com as quais teve contato através de autores como Mistral e Yeats; a constatação de que o brasileiro era, dentro e fora dos limites do Brasil, um quase desconhecido, o que veio a perceber não apenas pela ausência de livros e registros que abordassem o “riquíssimo tema antropológico que é o Brasil”, mas também pelo tratamento que ele, como brasileiro, recebia do estrangeiro, ajustou-se ao seu desejo de produzir material inédito ou revelador; o seu retorno ao Brasil, trazendo na bagagem os méritos e deméritos de ter concluído seus estudos em universidades norte-americanas, coincidiu com seu período de “intensa proustianização”, enriquecendo de significados o seu reencontro com o que havia restado de suas origens e das origens do Brasil Colonial: a velha casa-grande ainda de pé, os parentes mais antigos, decadentes senhores de engenho e a falência de uma estrutura que só poderia ser em parte recuperada pela valorização de suas tradições seculares. O derradeiro ajuste talvez tenha sido o seu degredo da terra natal, circunstância que o obrigou a afastar-se uma vez mais de suas origens, para resgatá-las de forma definitiva através das páginas de *CG&S*.

*CG&S* é um livro feito de escolhas e de circunstâncias. Escolhas conscientes e circunstâncias ligadas à origem, condição familiar e classe social. Não é um livro de múltiplas perspectivas, como queria seu autor, mas da única perspectiva possível diante das circunstâncias em que foi concebido: a perspectiva da casa-grande, do sobrado, do senhor de engenho, dos antepassados de Freyre, filtrada pelo olhar do menino para quem a ordem das coisas parecia natural. A leitura de *Tempo morto & outros tempos* nos ajuda a compreender o processo de concepção de *CG&S*, a

perceber que a gênese do livro não está no exílio, nem na tese de mestrado, nem na convivência com Oliveira Lima e Franz Boas, mas em tudo isso e em muito mais: nas mesas de cafés parisienses freqüentados pelos felibistes; na França de Proust e dos Goncourt; no relato saudoso, regado a vinho do porto, de uma autêntica sinhazinha; na “História de menino no Brasil” que Freyre não chegou a escrever; na infância e na primeira mocidade, marcadas por histórias de assombrado, doces de tabuleiro, brincadeiras de terreiro, banhos de rio, aventuras em camas-de-vento de traiçoeiro ranger; nas origens, nos antepassados, no tempo morto e em outros tempos: aqueles que, com algum esforço de memória e imaginação, é possível resgatar e restaurar, tornando-os, talvez, melhores do que de fato foram. Tornando-nos a nós mesmos melhores do que um dia fomos.

Terminemos, também, com o óbvio: Gilberto Freyre escreveu sua história na História da formação do povo brasileiro. O escritor, que também era sociólogo, historiador e antropólogo, é autor, narrador e protagonista dessa história. *CG&S* é um livro de memórias de um indivíduo, diluídas nas memórias de outros indivíduos, comprovando a tese freyriana de que a História não é senão isso: a somatória de inúmeras biografias.

## VIII. BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras de Gilberto Freyre

#### 1.1. Livros

**FREYRE, Gilberto.** *Casa Grande & Senzala*. 35ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobrados & Mocambos*. 9ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1996.

\_\_\_\_\_. *Tempo morto & outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

\_\_\_\_\_. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Trad. do original inglês por Waldemar Valente. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Artenova; Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977.

\_\_\_\_\_. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Nordeste*. Rio de Janeiro, Record, 1989.

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo do engenheiro Vauthier* (Prefácio). Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1940.

\_\_\_\_\_. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 2ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1942.

\_\_\_\_\_. *Manifesto regionalista*. 7ª edição. Pref. de Antônio Dimas. Recife, Ed. Massangana, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pessoas, coisas & animais*. Seleção e apresentação de Edson Nery da Fonseca. 2ª edição. Rio de Janeiro, MPM Propaganda, Editora Globo, 1980.

\_\_\_\_\_. *Assombrações do Recife velho*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Topbooks, 2000.

\_\_\_\_\_. *Dona Sinhá e o filho padre*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

\_\_\_\_\_. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília, Editora Universitária, 1968.

\_\_\_\_\_. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luís de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do Século XVII*. 2ª edição. Fundação Cultural de Mato Grosso, Cuiabá, 1978.

\_\_\_\_\_. *Oliveira Lima, Don Quixote Gordo*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

\_\_\_\_\_. *Talvez poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

## 1.2. Artigos publicados em jornais, revistas e periódicos

**FREYRE, Gilberto.** "A História da Civilização do Sr. Oliveira Lima". *Revista do Brasil*. São Paulo, n.80, pp. 363-371, ago. 1922.

\_\_\_\_\_. "Do bom e do mau regionalismo". *Revista do Norte*. Recife, n.2, p.5, 1924.

\_\_\_\_\_. "Impressões de um viajante". *Revista do Norte*. Recife, n.1, p.1, 1925.

\_\_\_\_\_. "Recordação de Amy Lowell". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10 dez. 1940.

\_\_\_\_\_. "Ainda Amy Lowell". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17 dez. 1940.

\_\_\_\_\_. "Dona Flora, viúva trágica". *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, v. 3, n.29, pp. 103-104, nov. 1940.

\_\_\_\_\_. "Um escravo velho". *Diário de Pernambuco*. Recife, 2 jul. 1942.

\_\_\_\_\_. "Amizade com Oliveira Lima". *Diário de Pernambuco*. Recife, 22 nov. 1946.

\_\_\_\_\_. "Senhores e escravos no Brasil patriarcal". *Diário de Pernambuco*. Recife, 27 ago. 1950.

\_\_\_\_\_. "A propósito do memorialismo de José Lins do Rego". *Diário de Pernambuco*. Recife, 7 nov. 1950.

\_\_\_\_\_. "A Morte de um velho mestre". *Diário de Pernambuco*. Recife, 25 jul. 1954.

\_\_\_\_\_. "Um assunto Pessoal: FREYRE com Y", *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 25 nov. 1961.

\_\_\_\_\_. "Inacadêmico, sim, antiacadêmico, não". *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 24 jun. 1967.

\_\_\_\_\_. "Em torno de um problema inquietante". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 26 mar. 1978.

\_\_\_\_\_. "Serei um Anti-São Paulo? (1)". *Jornal do Commercio*. Recife, 06 set. 1981.

\_\_\_\_\_. "Serei um Anti-São Paulo? (2)". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 set. 1981.

\_\_\_\_\_. "O amplo aspecto da morenidade brasileira". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 fev. 1982.

\_\_\_\_\_. "Uma paixão Nacional". *Playboy*. Rio de Janeiro, n. 113, dez. 1984.

\_\_\_\_\_. "Portugueses nos primeiros conhecimentos dos trópicos". *Povos e Culturas*. Lisboa, (1): pp. 9-13, 1986.

### 1.3. Entrevistas em jornais e revistas

*Diário da noite*, s. d., 1970 (concedida a Renato Cameiro Campos).

*Diário de Pernambuco*, 12 jan. 1942 (concedida a Arnon de Mello).

*Diário de Pernambuco*, s. d., 1986 (concedida a Lêda Rivas).

*Folha de S. Paulo*, 9 mar. 1980 (concedida a Gilberto Vasconcelos).

*Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000 (concedida a Betty Milan em julho de 1984).

*Playboy*, mar. 1980.

*Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Cientistas do Brasil: depoimentos*, jun. 1985 (concedida a Gilberto Velho, César Benjamin e Cilene Areias).

*Status*, set. 1985 (concedida a Marcos Faerman)

*Veja*, 04 jan. 1981.

### 1.4. Outras entrevistas

Entrevista concedida a Lêda Rivas em 15 mar. 1980 (in RIVAS, Lêda. *Parceiros do tempo*. Recife, Universitária, 1997. pp.179-191).

## 1.5. Conferências

**FREYRE, Gilberto.** *Apologia pro generatione sua.* Paraíba, 5 abr. 1924.

## 1.6. Correspondências

**FREYRE, Gilberto.** *Cartas de próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro.* Seleção, organização e introdução de Sylvio Rabello, prefácio de Josué Montello. Rio de Janeiro, MEC, Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1978.

Correspondências organizadas pela Fundação Gilberto Freyre – disponíveis no site da Biblioteca Virtual Gilberto Freyre: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>, mediante cadastro de usuário.

## 2. Sobre Gilberto Freyre

### 2.1. Livros

**ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de.** *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30.* Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

**CHACON, Vamireh.** *Gilberto Freyre, uma biografia intelectual.* Recife, Fundaj, Ed. Massangana, 1993.

**D'ANDREA, Moema Selma.** *A tradição re(des)coberta. Gilberto Freyre e a literatura regionalista.* S. Paulo, Editora da UNICAMP, 1992.

**FONSECA, Edson Nery da.** *Um livro completa meio século.* Recife, Ed. Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

\_\_\_\_\_ (org.). *Casa-grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 1985.

**HOLANDA**, Sérgio Buarque de. "Panlusismo", in *Cobra de vidro*. S. Paulo, Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

**MIRANDA**, Maria do Carmo Tavares de (Org.) *À memória de Gilberto Freyre*. Recife, Fundaj, Ed. Massangana, 1988.

**RIBEIRO**, Darcy. "Gilberto FREYRE: uma introdução a CG&S", in *Sobre o óbvio*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

**SANTOS**, Luiz A. C. "A casa-grande e o sobrado" in *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

**VÁRIOS**. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte. Ensaio sobre o autor de Casa Grande & Senzala e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

**VASCONCELLOS**, Gilberto. *O xará de Apipucos*. S. Paulo, Casa Amarela, 2000.

## 2.2. Resenhas e artigos publicados em jornais, revistas e periódicos

**BASTOS**, Elide Rugai. "Os descendentes de Prometeu". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**BURKE**, Peter. "Uma história da intimidade". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**CARVALHO**, Mario Cesar. "Céu & inferno de Gilberto FREYRE". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**CASTELLO**, José. "Ele foi o introdutor da imaginação na sociologia". *O Estado de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**CAVALCANTI**, Valdemar. "Escritor, e dos Grandes". *Convivência*. Rio de Janeiro, n. 2, pp. 29-33, 1976/1977.

**CHAMIE**, Mario. "Gilberto Freyre, totem da nacionalidade". *O Estado de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**FONSECA**, Edson Nery da. "Gilberto e as oligarquias". *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 16 maio. 2000.

**HÉLIO**, Mário. "Humano, demasiado humano". *Jornal do Commercio*. Recife, 15 mar. 2000.

**LARRETA**, Enrique. "Itinerário da Formação". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**LEITE**, Paulo Moreira. "As Cartas do Mestre: nos arquivos de Gilberto Freyre, a correspondência de um pensador que ensinou um novo modo de olhar o país". *Veja*. São Paulo, 6 jan. 1999.

**LODY**, Raul. *Germinalidades: 10 escritos sobre Gilberto FREYRE*. Rio de Janeiro, O autor, 1997.

**MELLO**, Evaldo Cabral. "O ovo de Colombo gilbertiano". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**MELLO E SOUZA**, Gilda de. "O mestre de Apipucos e o turista aprendiz" in *Teresa*, *Revista de Literatura Brasileira*, n.1, 2000.

**MELO**, Veríssimo de. "O estilista Gilberto Freyre". *Bando*. Natal, n.5, v.6, pp. 25-26, 1954.

**MOTTA**, Antonio. "O Desconforto de não ser branco". *Jornal do Commercio*. Recife, 15 mar. 2000.

**MOTTA**, Antonio. "Marujos Mulatos em Nova Iorque". *Jornal do Commercio*. Recife, 15 mar 2000.

**MOUTINHO**, José Geraldo Nogueira. "Gilberto entre Euclides e Nabuco". *Ciência & Trópico*. Recife, n.15, v. 2, p. 199-204, jul./dez. 1987.

**PEREIRA**, José Mario. "Fragmentos de um discurso". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**PINTO**, Roquette. "IDÉAS E FACTOS: Casa Grande & Senzala ". *Folha de S. Paulo*, 22 fev.1934.

**PORTELLA**, Eduardo. "Gilberto Freyre: além do apenas moderno". *Rumos*. Brasília, n.1, dez.1998/ jan.1999.

**RISÉRIO**, Antonio. "Historiador valoriza a mistura genética e cultural". *O Estado de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**RISÉRIO**, Antonio; **GIL**, Gilberto. "Preto no branco: como Casa-Grande & Senzala fantasiou a idéia de que o país produziu um paraíso social". *Época*. Edição Especial 500 anos. São Paulo, 17 abr. 2000.

**THOMAZ**, Omar Ribeiro. "Uma retórica luso-tropical". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**VASCONCELLOS**, Gilberto. "Apipucos quase sem aspas: gosto sublimado, gosto gozado", in *Ciência & Trópico*, vol. II, nº 2, jul-dez, Recife, 1983.

\_\_\_\_\_. "Uma civilização dos Trópicos". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**VENTURA**, Roberto. "A saga da cana-de-açúcar". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**VIANNA**, Hermano. "Equilíbrio de antagonismos". *Folha de S. Paulo*, 12 mar. 2000.

**VILAÇA**, Antonio Carlos. "O diário de Gilberto Freyre". *Convivência*. Rio de Janeiro n. 2, p. 23-28, 1976/1977.

### 2.3. De outras fontes

**MOTTA**, Roberto (org.) *Anais do Seminário de Tropicologia*. Recife, Ed. Massangana, 1983.

**QUINTAS**, Fátima (org.) *Anais do Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos*. Recife, Fundação Gilberto Freyre, 2001.

**REBELO**, Aldo. *100 anos de Gilberto Freyre: um homem que entendeu o Brasil*. Capturado em 22 ago. 2000. On-line. Disponível na Internet <http://www.camara.gov.br/aldorebelo>.

**VENTURA**, Roberto. "Casa-Grande e Senzala: ensaio ou autobiografia?" Conferência proferida no *Seminário de Tropicologia: o Brasil e o século XXI: desafios e perspectivas*, Recife, 2001.

### 3. Bibliografia teórica e geral

**AGUIAR**, Joaquim Alves de. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. S. Paulo, Edusp/ Fapesp, 1998.

**AGUIAR E SILVA**, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1968.

**ALMEIDA**, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.

**ANDREONI**, Giovanni Antonio (ANTONIL). "Como se há de haver o senhor de engenho com seus escravos" in *Cultura e opulência do Brasil*. S. Paulo, Ed. Nacional, 1967.

**AUERBACH**, Erich. *Mimesis. A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. Trad. de George Bernard Spenser. 2ª edição. S. Paulo, Perspectiva, 1976.

**BANDEIRA**, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

**BEAUJOUR**, Michel. "Autobiographie et autoportrait". *Poétique*, Paris, n.32, pp.442-458, nov. 1977.

**BELLO**, Júlio. *Memórias de um senhor de engenho*. Prefácios de Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

**BENJAMIM**, Walter. "O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov", in, *Obras escolhidas Magia e Técnica, Arte e Política*. S. Paulo, Brasiliense, 1985.

**BERGSON**, Henri. *Matéria e Memória*. S. Paulo, Martins Fontes, 1990.

**BOSI**, Alfredo. *Dialética da Colonização*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1992.

**BOSI**, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª edição. S. Paulo, Companhia das Letras, 1994.

**CANDIDO**, Antônio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 1º vol. 3ª edição. S. Paulo, Martins Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. "Poesia e ficção na autobiografia", in *A educação pela noite & outros ensaios*. S. Paulo, Ática, 1987.

**CANETTI, Elias.** *A língua absolvida*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1987.

**CARDOSO, Fernando Henrique.** "Livros que inventaram o Brasil". *Novos Estudos Cebrap*, n. 37, S. Paulo, nov.1993.

**DELHEZ-SARLET (Org.)** *Actes du colloque du Centre Culturel International de Cerisy-La Salle: Individualisme et autobiographie en Occident*. Bruxelles, Université de Bruxelles, 1983.

**EAGLETON, Terry.** *Teoria da Literatura. Uma Introdução*. S. Paulo, Martins Fontes, s. d.

**FREYRE, Alfredo.** *Dos 8 aos 80 e tantos*. Introdução e anotações de Gilberto FREYRE. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

**GABEIRA, Fernando.** *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro, CODECRI, 1979.

**GATTAI, Zélia.** *A casa do Morro Vermelho*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Anarquistas, graças a Deus*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1980.

**GENETTE, Gerard.** "Le journal, l'antijournal". *Poétique*, Paris, n.47, pp. 315-322, set. 1981.

**GORENDER, Jacob.** *O escravismo colonial*. 6ª edição. São Paulo, Ática, 1992.

**GUSDORF, Georges.** *Les écritures du moi*. Paris, Editions Odile jacob, 1991.

**HALBWACHS, Maurice.** *La mémoire collective*. Presses Universitaires de France, Paris, 1950.

**HEGEL, F.** "A poesia épica", in *Estética*. Lisboa, Guimarães, 1980, vol. VII.

**HOLANDA**, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. S. Paulo, Companhia das Letras, 1995.

**LE GOFF**, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

**LEJEUNE**, Philippe. *Le pacte autobiographique*, Paris, Éditions du Seul, 1984.

\_\_\_\_\_. "Le pacte autobiographique (bis)". *Poétique*, Paris, n.56, pp. 416-434, nov. 1983.

**LIMA**, Oliveira. *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Topbooks/Publifolha, 2000.

**MIRANDA**, Wander Melo. *Corpos escritos*. S. Paulo, Edusp, 1992.

**MOLES**, Abraham A. *Sociodynamique de la culture*. Paris, Mouton, 1967.

**MOREJÓN**, Júlio García. *Limites de la estilística: el idearium crítico de Dámaso Alonso*. Prefácio de Antônio Cândido. Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1961.

**NABUCO**, Joaquim. *Minha formação*. 9ª edição. Rio de Janeiro/Brasília, José Olympio/INL, 1976.

**NAVA**, Pedro. *Baú de Ossos*. 5ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.

**ORTIZ**, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1987.

**POULET**, Georges. *O espaço proustiano*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

**RAMOS**, Graciliano. *Infância*. 23ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1986.

**REGO**, José Lins do. *Meus verdes anos*. 2ª edição. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

**ROCHA**, Clara Crabbé. *O Espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra, Livraria Almedina, 1977.

**ROSENFELD**, Anatol. "A teoria dos gêneros", in *O teatro épico*. S. Paulo, Perspectiva, 1985.

**ROUSSET**, Jean. "Le journal intime, texte sans destinataire?" *Poétique*, Paris, n. 56. pp 435-443, nov. 1983.

**SILVA**, Cândido da Costa. "O dizimo do tempo", in *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. S. Paulo, Ática, 1982.

**TÁVORA**, Franklin. *O Cabeleira*. H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, Paris, 1902.

**VIOTTI DA COSTA**, Emilia. *Da senzala à colônia*. 3ª edição. S. Paulo, Brasiliense, 1989.

**WILLEMART**, Philippe. *Universo da criação literária. Crítica genética, crítica pós-moderna?* S. Paulo, Edusp, 1993.